U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO
Parque Ecológico das Sucupiras: Memorial Vivo do Cerrado

Arthur Machado Dinis

M

2025

U.PORTO

Arthur Machado Dinis. ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO
Parque Ecológico das Sucupiras: Memorial Vivo do Cerrado

M.FAUP **2025**

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO
Parque Ecológico das Sucupiras:
Memorial Vivo do Cerrado
Arthur Machado Dinis

FACULDADE DE ARQUITETURA

nota prévia

*Aconselha-se a leitura do documento em **spread A3**,*
de acordo com o formato impresso.
A presente dissertação segue o Novo Acordo Ortográfico.
Todas a citações em língua estrangeira foram livremente traduzidas pela autor.
As peças cartográficas estão orientadas à Norte. A marcação de orientação
aparece apenas naquelas orientadas noutro ponto cardeal.

ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

ARTHUR MACHADO DINIS

Dissertação de Mestrado Integrado apresentada à
FACULDADE DE ARQUITECTURA DA UNIVERSIDADE DO PORTO
em 14 de Novembro de 2025.

Presidente **LUÍS SEBASTIÃO DA COSTA VIEGAS**
Arguente **MARIA MANUEL LOBO PINTO DE OLIVEIRA**

Sob orientação de **ANA SOUSA BRANDÃO ALVES COSTA**
e co-orientação de **MARIA CLÁUDIA CANDEIA DE SOUZA**

•

Classificação:
20/20 VALORES

Para a Associação Parque Ecológico das Sucupiras

agradecimentos

Aos meus pais, Sâmia e Alan,
de quem aprendi os valores fundamentais que me guiam, pelo apoio incondicional.

À minha irmã, Beatriz,
por me inspirar coragem todos os dias.

À Dedê,
meu anjo da guarda, por toda a atenção e cuidado.

Ao Caio,
irmão da vida, pela amizade que teima em continuar sempre atual.

Ao restante da família, avós, tios e primos
que, estando longe, fizeram-se presentes.

Aos meus amigos, Yngrid, Igor, Maria João, Sofia e Roberto,
que, estando presentes, fizeram-se família.

Ao Rodrigo, Mariana e Trung,
amigos queridos espalhados por aí.

Aos companheiros de Munique, Paulo, Sarah, Florian e Christopher,
com quem partilhei os desafios e as alegrias dos últimos meses.

À Camila,
pelo carinho e partilha incessante de inquietações.

Ao Rallyson,
pelo olhar zeloso, sempre constante e leal.

À Mariana,
pelas contribuições pertinentes e por seu ímpeto contagiante.

Ao Kenzo,
pela parceria, companhia frequente e pelas imprescindíveis trocas diárias.

Ao Cícero,
companheiro de trabalho e cybercafés, por todos os caminhos trilhados em conjunto.

Às minhas orientadoras, professoras Ana e Maria Cláudia,
pelo acompanhamento atento e pertinente, pela disponibilidade e pela estima

E, por fim, ao Fernando,
grande amigo e figura incontornável nas trajetórias da minha vida e desse trabalho.

abstract

The work focuses on a project proposal that responds to the Management Plan of the Sucupiras Ecological Park in Brasília, Federal District, Brazil. The Park is an ecological reserve in the central region of the Brasília Metropolitan Area that protects a piece of the region's native savanna biome, known as *Cerrado*.

Situated between the *Monumental Axis* and the *Sudoeste* neighborhood, the park is the result of a mobilization process by local residents who, organized in the Sucupiras Ecological Park Association (APES, in Portuguese), advocated for the protection of this zone, which remained without designated use for decades and served informally as a waste deposit. Since its designation as a reserve, it has become an important hub for the neighborhood and the city, balancing efforts to preserve the *Cerrado* with educational and leisure activities.

For two decades, the Park has operated under the constant risk of de-characterization. Surrounded by a consolidated urban area, maintaining its status as a *sustainable use* ecological reserve requires ongoing mediation between the realities of the city and the *Cerrado* to be protected. This already fragile situation has become even more sensitive in the face of pressure from the recently developed "*blocks 500*' in *Sudoeste*. Sectors associated with these new superblocks have worked to connect the park to the new real estate developments as a common-use park.

To ensure that the designated role of the protected area by Sucupiras Ecological Park is fulfilled, responsible agencies and civil society sectors, including APES, which continues actively involved in its maintenance efforts, have prepared a *Management Plan*. This document establishes guidelines for the park's operation, proposing interventions that better support its use by the public while preserving its ecological reserve status.

This work aims to develop an intervention proposal for the Park, deriving a program from within the Management Plan. To do so, it examines contemporary Brasília, particularly its ongoing process of urbanization. The goal is to leverage its location, adjacent to the *Monumental Axis* of the *Plano Piloto*, where the city's *monumental scale* develops, a site with great potential for influence in the symbolic, political, and patrimonial spheres — *by design*.

The intention is to use architectural tools to interpret and propose within this context, informed by recent investigations that problematize the boundaries between *built heritage* and *natural heritage*, seeking to build a theoretical framework that, based on this concrete case, integrates a broader discussion about architecture's role in the urgent debate on *culture* and *nature*. It thereby constitutes an experience of collaboration between activism, artistic and academic production in support of defending habitable conditions in Brazilian cities for all species.

Keywords: BRASÍLIA, CERRADO, MONUMENT, LANDSCAPE, HERITAGE

resumo

O trabalho centra-se em uma proposta de projeto que responda ao Plano de Manejo do Parque Ecológico das Sucupiras em Brasília, Distrito Federal, Brasil. O Parque é uma Reserva Ecológica na região central da Zona Metropolitana de Brasília que protege um pedaço do bioma savânico autóctone da região: o Cerrado.

Situado entre o Eixo Monumental e o bairro do Sudoeste, o Parque é fruto de um processo de mobilização de moradores do local que, organizados na Associação Parque Ecológico das Sucupiras (APES), reivindicaram a proteção dessa zona, que não teve uso designado por décadas e servia informalmente enquanto depósito de lixo. Desde sua demarcação enquanto Reserva, ele se tornou um importante núcleo para o bairro e para a cidade, conciliando o esforço de preservação do Cerrado com atividades educativas e de lazer.

O Parque Ecológico das Sucupiras funciona há duas décadas sob risco constante de descaracterização. Cercado por área urbana consolidada, a manutenção de sua condição de *reserva ecológica de uso sustentável* demanda um esforço constante de mediação entre as realidades da cidade e do Cerrado a ser protegido. Essa situação, já frágil, ficou ainda mais sensível face à pressão exercida pelas recém-construídas *quadras 500* do Sudoeste. Setores associados às novas superquadras empenharam-se em intercomunicar o Parque aos novos empreendimentos imobiliários enquanto parque de *uso comum*.

Para garantir que se faça cumprir o papel designado para a área protegida pelo Parque, os órgãos responsáveis e setores da sociedade civil, incluindo a APES, que continua ativa no esforço da sua manutenção, elaboraram um Plano de Manejo. Esse documento estabelece diretrizes para o funcionamento do Parque, propondo intervenções que melhor amparem seu uso pela população, na mesma medida em que preserva sua condição de reserva ecológica.

O presente trabalho se propõe a desenvolver uma proposta de intervenção para o Parque Ecológico das Sucupiras, depreendendo um programa do Plano de Manejo. Para fazê-lo, debruça-se sobre a Brasília contemporânea, nomeadamente, ao abordar o seu processo contínuo de urbanização. Tenciona-se tirar partido de sua localização, adjacente ao *Eixo Monumental do Plano Piloto*, onde desenvolve-se a *escala monumental* da cidade e, portanto, um sítio com grande potencial de interferência nos âmbitos simbólico, político e patrimonial — *por desígnio*.

O que se propõe é utilizar das ferramentas próprias da arquitetura para interpretar e propor sobre esse contexto no esteio de recentes investigações que problematizam as fronteiras entre *patrimônio construído* e *patrimônio natural*, buscando construir uma armação teórica que, a partir desse caso concreto, integre uma discussão mais ampla sobre o papel da arquitetura na urgência do debate *cultura/natureza*. Configura-se portanto, como uma experiencia de colaboração entre ativismo, produção artística e acadêmica em prol da defesa das condições de habitação nas cidades brasileiras para todas as espécies.

Palavras-Chave: BRASÍLIA, CERRADO, MONUMENTO, PAISAGEM, PATRIMÔNIO



PTERODON EMARGINATUS VOG

W. MANTOVANI III. 1983

NEW YORK BOTANICAL GARDEN-UNIVERSIDADE DE BRASILIA
Plants of the Belém-Brasília-Acre Highways
Estados Pará, Goiás, Mato Grosso, Terr. Rondónia, Brasil

No. 56179

Pterodon (Dipteryx) polygalaeflorus Benth.
det. H. S. Irwin, 1964

Tree 8 m, 20 cm diam, flowers purple, occasional in savanna, 450 m alt, between Porougatu and Uruacu, Belem-Brasilia Highway.

Bassett Maguire, J. Murca Pires,
Celia K. Maguire, Nilo T. Silva — August 13, 1963

Field work supported by the Conselho Nacional de Pesquisas, the Instituto Agronomico do Norte, The New York Botanical Garden, and the Universidade de Brasília.

1621552

CHICAGO
NATURAL HISTORY
MUSEUM

01. Pterodon emarginatus Vogel: a Sucupira
por W. Mantovani / Field Museum of Natural History, 1983.

sumário

AGRADECIMENTOS **3**

ABSTRACT **4**

RESUMO **5**

PARTE UM:
ONDE HÁ FUMAÇA, HÁ FOGO

INTRODUÇÃO **16**

CERRADO: *COMBUSTÍVEL DA MODERNINADE* **20**

AUTO-COLONIZAÇÃO*: UM PAÍS CHAMADO "BRASIL"* **28**

PARTE DOIS:
SUCUPIRAS

A ATUAL SITUAÇÃO DAS COISAS: *PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS* **36**

FOGO CONTRA FOGO: "*NA LUTA É QUE A GENTE SE ENCONTRA*" **44**

"*PODEM-SE REIVINDICAR AS ÁVORES COMO MONUMENTO?*" **52**

PARTE TRÊS:
MONUMENTALIDADE À MARGEM

PROPOSTA: *MEMORIAL VIVO DO CERRADO* **64**

PROGRAMA: *LIMITE / SUPORTE* **74**

ESTRUTURA: *UMA GAMBIARRA* **84**

BELEZA: *UM BRASIL-EIRO* **96**

CONSIDERAÇÕES FINAIS: *PRESERVAR O CERRADO, CERRAR BRASÍLIA* **104**

EPÍLOGO: *UM EMAIL PARA OSCAR NIEMEYER* **108**

BIBLIOGRAFIA **111**

LISTA DE IMAGENS **115**

APÊNDICE

ENTREVISTA **122**

ANTECEDENTES **130**



02. Deslocamento
2025

01 | nota cartográfica

Quando se pensa num *mapa mundi*, qual é a imagem que se evoca? A provável resposta não é muito difícil de antever. Na maior parte dos casos, a imagem evocada provavelmente é da projeção de *Mercator*. Dentre todas as opções disponíveis, por que é justamente essa a imagem *standard*? [1]

Mercator
Projeção utilizada pelos principais serviços de pesquisa e visualização de mapas.

As escolhas feitas na hora de se representar um objeto ou um contexto guardam uma serie de pressupostos. Conscientemente ou não, representar é construir um discurso sobre o que se representa e, portanto, entende-se a *cartografia* enquanto ferramenta de *produção* e *reprodução epistêmica*.

Como brasiliense radicado no Porto, acho pertinente explicitar essa dinâmica, não apenas pela situação de deslocamento no qual esse trabalho foi produzido, mas também para marcar o seu próprio recorte epistêmico.

Epistême
Estrutura que organiza e define o que pode ser conhecido e como esse conhecimento é produzido e validado em uma determinada época ou área.

Brasília e seu contexto mais amplo, para além de constituirem-se enquanto *objeto*, são também *métrica*, *régua* e *compasso* com os quais se interpreta e se opera. É, certamente, *fim*; mas antes é *meio*.

Esse destaque, entretanto, não negligencia as contribuições do deslocamento, que me foi condicionante. O processo de construção do olhar passa, necessariamente e de forma fecunda, pelos encontros, distâncias e sínteses que decorrem desse movimento.

No âmbito dessa dissertação recorrer-se-á às ***notas cartográficas*** para apresentar tangentes importantes dentro do trabalho, melhor situando-o dentro de seu contexto mais amplo.

> *"A ideia é que podemos começar de um cantinho do mundo, de um lugar de verdade. Podemos começar desse pequeno lugar localizado em um arquipélago, um pequeno arquipélago do mundo, e a partir daí viver a vida do mundo de forma global. [...] Nós só podemos entender o mundo começando de um lugar, não podemos entendê-lo de uma maneira vaga e difusa. Mas esse lugar, se ficarmos nele e nos fecharmos lá, também não entenderemos nada do mundo."*
>
> Édouard Glissant [2]

1 *"A* neutralidade *deve ser um conceito sujeito a debate; como Alenka Zupančič o coloca, 'uma posição 'neutra' é sempre e necessariamente a posição da classe dominante: ela parece 'neutra' porque alcançou o status da ideologia dominante, que sempre nos parece óbvia por si mesma."* em Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025. p. 175-176

2 Glissant, Édouard; Obrist, Hans Ulrich. *Archipelago*. Isolarii. Editado por Hans Ulrich Obrist. Vol. 6: Nova Iorque: Common Era Inc., 2021 p.111-112.



03. Eixo Monumental em construção
por Lúcio Costa / Casa da Arquitectura

01 | nota cartográfica



04. Eixo Monumental
por Lúcio Costa / Casa da Arquitectura

Brasília, Distrito Federal, 2025
15°47'01"S 47°55'30"W

Brasília, por desígnio, viabilizou e consagrou simbolicamente o processo de ocupação do interior do Brasil. O pressuposto fundamental no *"mito"* de Brasília é o da *terra vazia*. O discurso canônico sobre a cidade ignora as pré-existências dessa região, sejam elas humanas ou não.

Esse pressuposto se sustenta? Na sequência das piores *secas* já registradas e de queimadas históricas, é pertinente continuar tratando o Cerrado, nosso *patrimônio natural*, como *vazio*?



05. Incêndio no Parque Nacional de Brasília
por Vinícius Schmidt / Metrópoles, 2025.



PARTE UM

onde há fumaça, há fogo



06. Biomas Savânicos da América do Sul

introdução

Centro-Oeste
Uma das cinco regiões geográficas do Brasil. É formada pelos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, e pelo Distrito Federal.

bioma
Uma grande comunidade de vida vegetal e animal que se encontra numa região geográfica específica e que compartilha características físicas e climáticas semelhantes, como clima, solo, relevo e hidrografia.

O inverno de 2024 ficará na memória da população do Centro-Oeste brasileiro. A região esteve imersa em fumaça por semanas enquanto atravessava o período de estiagem — *a seca* — mais intensa que se registrou nas últimas décadas.No Distrito Federal, o incêndio sem precedentes no Parque Nacional de Brasília — uma área de Cerrado protegida — cobriu o Plano Piloto de fuligem. As queimadas não são novidade na região, mas nunca a haviam atingido com tanta contundência.[1]

Para além de abrigar seu centro político, o Centro-Oeste tem se consolidado como centro econômico do Brasil, que tem seus pólos produtivos historicamente situados em regiões costeiras. Esse processo de interiorização está relacionado ao avanço do cultivo de monoculturas, como a da soja, e à atividade pecuária. O *agronegócio*, como é conhecido, tornou-se simultaneamente o motor econômico do país e o grande agente do desmatamento extensivo.[2]

A exportação de bens primários enquanto centro da atividade econômica produtiva tem solidificado a posição do Brasil como *celeiro do mundo,* marcadamente desde a sua *redemocratização* (1985). Apesar disso, durante o século passado, o estímulo ao crescimento industrial e urbano do país foi fundamental para avançar as fronteiras dessa '*linha-de-fogo*' até seu estado atual.

Se hoje o avanço sobre o bioma Amazônico é uma importante pauta ambiental internacional é porque esse movimento coincide com o avanço brasileiro sobre o próprio território: da costa em direção ao interior, Mata Atlântica e Cerrado são os biomas que mais sofreram com a ação humana, respectivamente.[3]

O Cerrado é a savana tropical autóctone da região central da América do Sul. O bioma ocupa aproximadamente 20% do território brasileiro, estendendo-se por cerca de 2 milhões de *km²*. Sua vegetação, marcada por gramíneas, arbustos e árvores baixas e retorcidas, está adaptada aos longos períodos de seca que caracterizam a região.[4]

Apesar estar adaptado para lidar naturalmente com o fogo, pesquisadores afirmam que o aumento da escala e da gravidade das queimadas no Cerrado, como as que recentemente atingiram Brasília, tem relação direta com a crise climática e o impacto humano no geral, e em específico com o vertiginoso avanço dos interesses econômicos sobre o *natural*. Como um *ouroboros* maldito, o avanço sobre o Cerrado tem acentuado ainda mais o seu próprio desvanecimento.[5]

1 Schwingel, Samara; Martins, Jonatas "*2024 é O Ano Que Mais Teve Chamados Para Incêndios Em Vegetação No DF.*" Metrópoles, 2024.

2 Veiga, Edison. "*Desmatamento No Cerrado Pode Inviabilizar Agronegócio.*" DW Brasil, 2024.

3 Tavares, Paulo; Lambert, Leopold. "*The Amazon Forest, a Brazilian Colonial Frontier for over Two Centuries.*" The Funambulist N° 43, 2023.

4 Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília.* São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 8.

5 Guaraldo, Lucas. "*Área Queimada No Df Em Setembro Já é 24% Maior Do Que a Registrada O Ano Todo.*" IPAM Amazônia, 2024.

07. O Cerrado
por Roberto Murta





CERRADO: *COMBUSTÍVEL DA MODERNIDADE*

Ocupada por populações indígenas desde tempos imemoriais, a América do Sul foi invadida pelos europeus no fim do século XV. Entretanto, a ocupação efetiva de sua porção central, a região dos Cerrados, começou somente mais de dois séculos depois, devido à descoberta de ouro na região do Planalto Central. Passado o ciclo da exploração aurífera, a região permaneceu relativamente isolada em relação à ocupação do território brasileiro. [1]

Os territórios do Cerrado voltam a ganhar algum destaque em âmbito nacional apenas no século XX. Até então, o *mar interior* constituía-se enquanto uma significativa barreira à expansão do *capitalismo dependente* que aí se desenvolvia. Desde sua recém-adquirida independência administrativa, cogitava-se alterar a capital desse Estado para o interior do território como maneira de torná-lo economicamente ativo além de tornar possível seu controle administrativo e militar. [2]

A ideia de transferir a o centro político do país do litoral para o interior remonta ao período imperial brasileiro, no século XIX. Até então, a administração havia estado centralizada sempre junto à costa: num primeiro momento, em Salvador, na Bahia, e, a partir de 1763, transferida para a cidade do Rio de Janeiro que, a partir de 1815 é elevada a capital do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves e, após 1822, capital do país recém-independente.

O projeto voltou a ganhar força no século XX durante o governo de Getúlio Vargas (1930-45). Naquela altura, o Estado brasileiro passou a promover uma ocupação total do território nacional. Em uma espécie de *'Marcha para o Oeste'* à brasileira, foram estabelecidos no Centro-Oeste novos assentamentos e cidades, como Goiânia, em 1933.

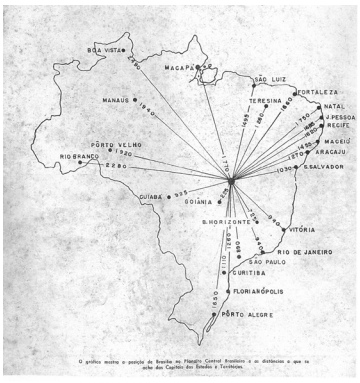
Nas décadas seguintes, a região ganharia protagonismo nacional. O presidente-eleito Juscelino Kubitschek elegeu o Planalto Central para receber a nova capital, cuja construção estava estrategicamente posicionada como elemento central de seu projeto de desenvolvimento nacional. *'50 anos em 5'* dizia seu *slogan* de campanha. A transferência da capital estruturaria o ímpeto modernizante que tomou conta do país. Concreta e simbolicamente, a construção de Brasília fez nascer o Brasil moderno.[3] Como aponta Guilherme Wisnik sobre aquele momento:

> *"A proposta de mudança da capital congregou o otimismo desenvolvimentista de um país que parecia assumir um papel de destaque na modernização mundial, traduzido na imagem símbolo de Brasília: a alvorada. Otimismo esse que passou para a história associado ao surgimento da bossa nova, ao primeiro título da seleção de futebol na Copa do Mundo de 1958 e ao carisma modernizante do presidente Juscelino Kubitschek, cujas iniciais batizam os dourados 'anos JK'. Naquele momento como dizia Siegfried Giedion [...], a cultura mundial saudava o aparecimento de novos núcleos irradiadores,* [supostamente] *reorganizando a divisão tradicional entre centro e periferia. E o sucesso internacional da arquitetura moderna brasileira era a maior prova disso."* [4]



08. Cartaz do programa 'Marcha para o Oeste'
a.d. / Memorial da Democracia

capitalismo dependente
Conceito da teoria da dependência que descreve um sistema econômico em que países, geralmente em desenvolvimento ou subdesenvolvidos, têm sua economia subordinada e influenciada por potências capitalistas centrais.



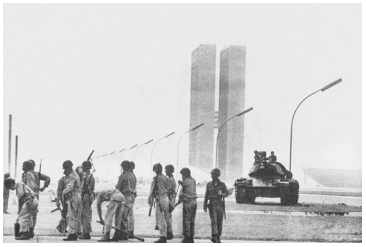
09. Posição nova capital nacional em relação as capitais estaduais
a.d. / Arquivo Brasília

1 Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília.* São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 8.

2 *ibid.*

3 *ibid.*

4 Wisnik, Guilherme. "*Brasília 50 Anos: Trilha Torta Por Linhas Certas.*" Em *O Concurso De Brasília: Sete Projetos Para Uma Capital,* de Milton Braga. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 7.



10. Exercícios militares em Brasília
Juvenil de Souza, 1963.



11. 'Integração Nacional'
por J. von Puttkamer / Arquivo Brasília

No entanto, a euforia associada à *cidade-símbolo*, concretizada a partir de 1960, foi prontamente interrompida. Esse amargor se deu por algumas razões importantes. No âmbito político, o ano de 1964 viu irromper o Golpe Militar e os subsequentes anos do regime empresarial-militar no país (1964-1985). Também, no campo da Arquitetura, os anos 60 ficaram marcados pela difusão das revisões teóricas do urbanismo moderno que, notoriamente, renunciavam a nova capital enquanto experimento de vanguarda:

> *"De vitrine a vidraça, a cidade passaria a marcar um ponto de virada da arquitetura moderna, simbolizando não mais a maturação de um processo vanguardista audacioso, e sim a sobrevivência anacrônica de uma ideologia superada, associada então a um espírito tecnocrático. [...]*
>
> *No ambiente da cultura nacional, a nova capital deixava de ser a heroína da epopéia sinfônica de Tom e Vinícius. E reaparece como cenário grotescamente monumental da* Tropicália *(1967) de Caetano Veloso, espelhando uma dolorosa revisão crítica da utopia desenvolvimentista do período anterior, na qual, como dizia Hélio Oiticica, era preciso dissecar as tripas de um* 'Brasil-diarreia'. *Virada do avesso, a Brasília real, nascida do traço humanista de Lúcio Costa e entregue ao processo histórico de transformação da nossa sociedade, revelou-se como diz Sérgio Ferro, um* sonho estranho. *Restava saber, contudo, se o* 'aspecto estranho' *correspondia a uma deturpação do sonho, ou se, ao contrário, era na verdade inerente a ele."* [5]

Como bem aponta o escritor e líder indígena, Aílton Krenak, pensar as contradições da contemporaneidade no Brasil, requer que nos debrucemos com atenção sobre a dinâmica interna de ocupação e modernização no país.[6] No esteio dos recentes esforços políticos e disciplinares por uma *decolonialidade* - ou *anti-colonialidade*, como prefiro - a *'estranheza'*, aqui apontada por Ferro e Wisnik, não se restringe apenas a Brasília, mas à própria noção de *Brasil* enquanto Estado-Nação.

•

A experiência brasileira tem como situação geradora a invasão e subsequente ocupação colonial de um grande conjunto de territórios nas Américas — continente cujo *exônimo* foi imposto à força, tornando-o *endônimo*. No coninente, a ocupação europeia dos territórios sistematizou o genocídio, o deslocamento forçado, o etnocídio, entre outras atrocidades, dos milhares de povos que lá habitavam para, por sua vez, explorar de forma predatória a terra e seus recursos. Ocupação e subsequente exploração essas que em muito se deram a partir da escravização de pessoas sequestradas do continente africano. [7]

Por parte dos colonizadores e colonos, a relação que se estabelece com o território e com natureza que lá encontram é marcada por uma grave *divisão*

exônimo
Nome para local, pessoa, grupo ou língua que é diferente da forma nativa desse nome.

endônimo
Nome que um lugar, pessoa, grupo ou língua usa para se referir a si mesmo.

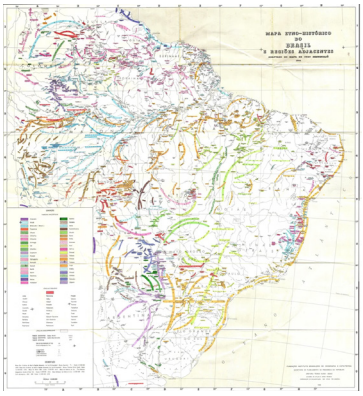
5 Wisnik, Guilherme. "*Brasília 50 Anos: Trilha Torta Por Linhas Certas.*" Em *O Concurso De Brasília: Sete Projetos Para Uma Capital,* editad por Milton Braga. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 11.

6 Krenak, Aílton. "'*Estou Questionando O Progresso Em Qualquer Termo*' | *Bdf Entrevista Ailton Krenak.*" Em BdF Entrevista, por Brasil de Fato. Youtube: Brasil de Fato, 2025.

7 Ribeiro, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 19-26.

epistemológica entre sociedade e natureza. Nas palavras do romancista brasileiro José Lins do Rego, a ocupação portuguesa na América é marcada por uma *'hostilidade atávica'* [8] em relação ao ambiente natural, muito marcado por uma negação ostensiva da natureza e dos espaços circundantes. Em *Natureza Reinventada*, Wisnik procura triangular como essa postura se manifestou na tradição da arquitetura colonial brasileira:

> *"[...] Enquanto tratava a cultura local de forma bruta, a colonização predatória portuguesa do Brasil fundou neste país uma sensibilidade espacial e uma disposição construtiva baseada na proteção e no abrigo, no medo do selvagem ao invés do estabelecimento de contato, na comunhão com a terra e a paisagem. [...] Em face do território hostil recém-descoberto, os colonizadores europeus assustados restringiram seus domínios a edifícios sólidos e compactos, independentes, separados do exterior por paredes espessas. Eles eram a solidão portuguesa espalhada na 'vastidão desabitada' do Novo Mundo. E os colonizadores ergueram esses edifícios explorando o trabalho escravo, ao invés de fazê-lo com a atenção meticulosa e laboriosa de alguém que apropria-se afetivamente do material bruto e o transforma lentamente em artefato humano."* [9]



12. Mapa Etnográfico do Brasil e regiões adjacentes
por Curt Nimuendajú / IBGE, 1942.

A *colonialidade*, que há muito se manifestou — e se manifesta — no Brasil com um cariz exploratório muitíssimo elevado, inaugura e nos deixa como legado um senso de descontinuidade entre a *forma que se vive* e o *território em que se habita*.

Os processos coloniais lançaram as bases de um país cuja principal função é a de disponibilizar para exploração seus territórios e populações com o objetivo de espoliar e exportar a riqueza produzida. Essa lógica persiste até os dias de hoje, atualizada para a contemporaneidade: o Brasil - assim como os demais países do Sul Global, uma verdadeira *maioria global* - continua relegado, na atual *Divisão Internacional do Trabalho (DIT)*, a uma posição de dependência, cuja principal função continua sendo a exportação de bens primários produzidos a baixos custos. [10]

Esse modelo se sustenta, primeiramente porque a exploração brutal de suas populações, muitas delas racializadas e, portanto, *desumanizadas,* foi naturalizada ao longo do tempo. Para além disso, historicamente, as elites locais estiveram e continuam mais do que dispostas a exaurir a terra e seu recursos, as submetendo à superexploração enquanto acolhemos muito do ônus ambiental indesejado pelo países mais ricos, acentuando as já extensas assimetrias globais.[11] Estruturou-se no Brasil, e na América Latina de modo geral, uma lógica de ocupação da terra que é pautada na apropriação e transformação dos territórios que se dá *"de forma dissociada dos sistemas ecológicos aos quais integra."* [12]

DIT
Conceito econômico que descreve a especialização de diferentes países na produção de bens e serviços, com base em suas vantagens comparativas e recursos disponíveis.

Sul Global; Maioria Global
Categoria geopolítica e econômica que engloba países com histórias de colonialismo e desigualdades, frequentemente localizados no Hemisfério Sul, mas não se limitando a ele. O grupo abrange, na prática, a maior parte da humanidade.

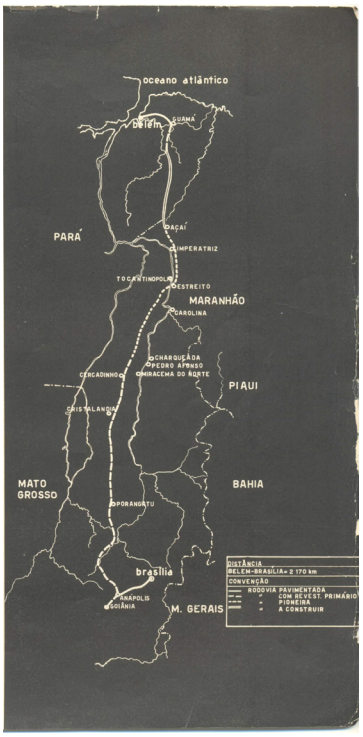
8 Wisnik, Guilherme. "*Brasília: Nature reinvented*" em Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília.* São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 493.

9 *ibid.*

10 Bambirra, Vânia. "*O Capitalismo Dependente Latino-Americano E Sua Teoria Crítica: Uma Tentativa Preliminar De Balanço.*" Arquivo Vânia Bambirra. UFRGS, 1986.

11 Chagas, Rodrigo "*PL Da Devastação, Que Dispensa Agronegócio De Licenciamento Ambiental, é Aprovado Na Câmara.*" Brasil de Fato, 2025.

12 Amaral, Tauana Ramthum do. "*Brasília e o Cerrado: Leituras do Território por Meio da Paisagem.*" Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2021, p. 'Resumo'.



13. Rodovia Belém-Brasília
por NOVACAP / ArPDF, 1958

Distrito Federal, DF
Uma das 27 unidades federativas do Brasil. Abriga a capital federal do país: Brasília.



14. Vista aérea da rodovia Belém-Brasília
por Jorge Bodanzky / IMS, 1969

No âmbito da construção de Brasília, o olhar — *desassociado* — sobre o Cerrado é evidente nos relatos das principais figuras associadas ao projeto da nova capital, que, repetidamente, referiam-se à sua vegetação nativa como *'deserto'*.[13] Como bem aponta Ciro Miguel em *White buildings, Red Dust: Brasilia in Ektachrome Colour: "Referir-se à paisagem ao redor de Brasília como "deserto" foi uma estratégia para construir uma narrativa de um espaço em branco, improdutivo, disponível para ocupação e exploração."* [14]

O desmerecimento dos elementos autóctones da região que receberia a nova capital não se limitavam apenas ao bioma. A presença humana na região dos Cerrados tem mais de 11.000 anos. Estima-se que populações do grupo Macro-Gê tenham se articulado na região a, pelo menos, 4000 anos. Em meados do século XX, a região também abrigava populações de caboclos, negros, mestiços e alguns brancos pobres, que praticavam agricultura de subsistência e viviam espalhados pela região, inclusive dentro dos limites do futuro Distrito Federal. [15]

No entanto, o legado da Brasília no sentido da ocupação econômica do território em muito ultrapassa o lugar imediato onde foi erguida. Como mencionado anteriormente, a nova cidade encabeçava um amplo projeto de ocupação do território nacional por meio de uma extensa rede rodoviária que conectava a capital ao resto do país. Destaca-se a construção da *Rodovia Belém-Brasília*, que ao cruzar o Cerrado em direção à Amazônia, estabeleceu uma plataforma para se alcançar as regiões recônditas no interior do continente, outrora inacessíveis ou de difícil acesso. [16]

Dessa forma, as rodovias serviram como principal vetor de ocupação do Planalto Central brasileiro, que, aliadas ao desenvolvimento da agricultura mecanizada e aumento no uso de insumos químicos, tornou possível o avanço contínuo da agricultura de caráter extensivo na região [17]

Para que se tenha uma noção da extensão desse avanço: estima-se que, entre 1985 e 2022, cerca de 95% do desmatamento de florestas naturais no Brasil teve como finalidade o uso agropecuário (pastagens ou cultivo agrícola).[18] No Cerrado, entre 1985 e 2021, as atividades agrícolas aumentaram em 508% passando de 4 milhões de hectares para quase 25 milhões de hectares, dos quais cerca de 20 milhões são apenas de soja. Só esse insumo ocupa cerca de 10% da área total do bioma.[19]

Já existem evidências de que a acelerada antropizacão do Cerrado tem tido impacto direto no clima na região. De acordo com a MapBiomas, rede de monitoramento das transformações e cobertura e no uso da terra no Brasil, *"a conversão de áreas nativas do Cerrado para pastagens e agricultura já tornou o clima*

13 "*Os protagonistas de Brasília, como Kubitschek, Niemeyer e Costa, insistentemente descreveram a paisagem existente, ou o solo, como um "deserto", uma terra esquecida, desprovida de humanos, "Descrições semelhantes de vazio emergem da leitura das memórias de Costa, Niemeyer e Kubitschek. "A verdade é que Brasília existe onde havia apenas deserto e solidão há alguns anos", escreveu Costa. "Era um enorme deserto, perdido no planalto central", enfatizou Niemeyer, e Kubitschek persistiu: "Só a planura do deserto existia naquela região"* em Miguel, Ciro. "*White Buildings, Red Dust: Brasilia in Ektachrome Colour.*" Sophia Journal 8, no. 1, 2023, p. 138.

14 *ibid.*

15 Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília.* São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 19.

16 *ibid.*, p. 142.

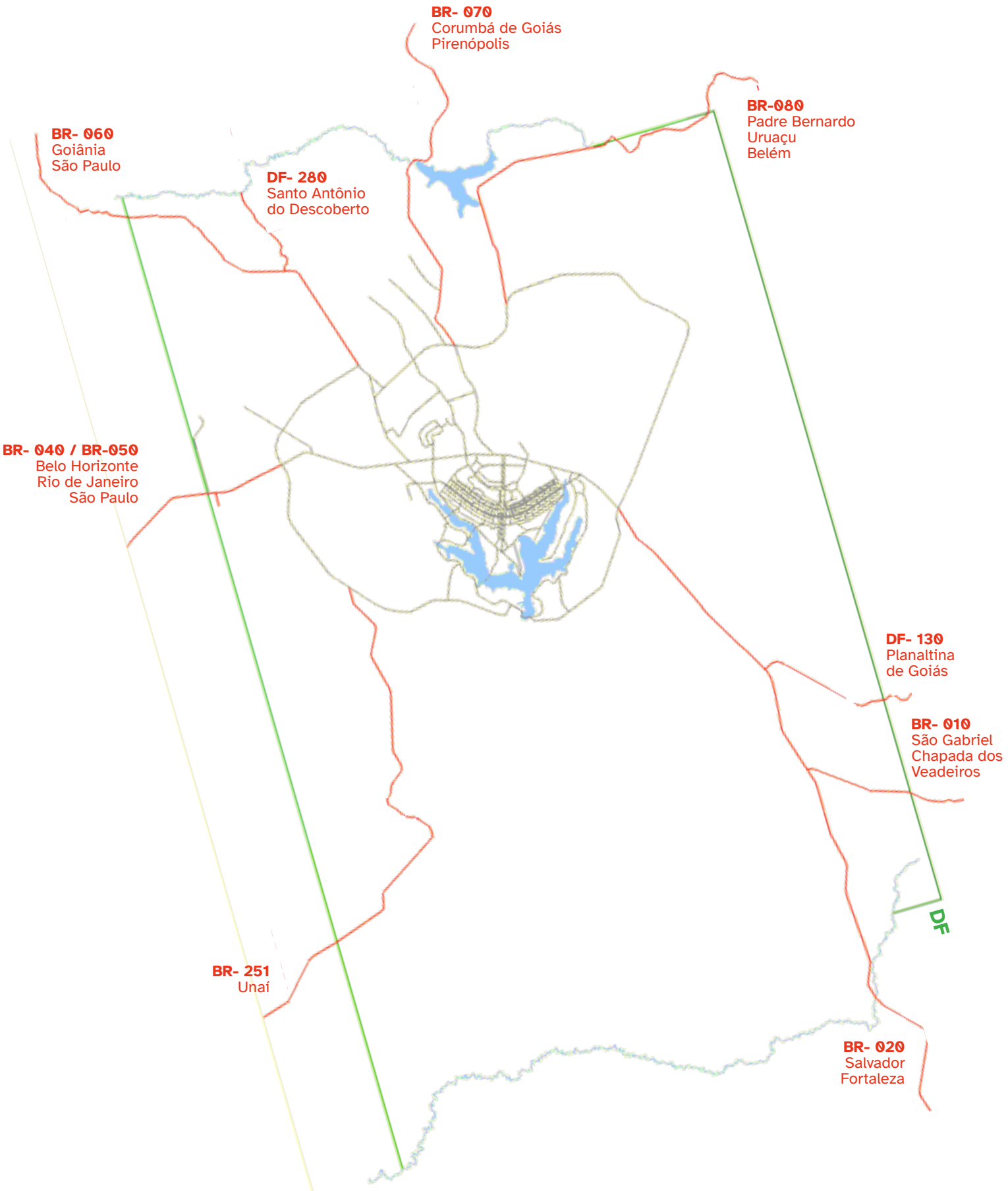
17 Pastore, Julio Barêa. "*O Cerrado Enquanto Paisagem: A Dinâmica Da Apropriação Paisagística Do Território.*" Doutoramento, Universidade de São Paulo, 2014, p. 123-124.

18 "*Em 38 Anos O Brasil Perdeu 15% De Suas Florestas Naturais.*" MapBiomas, 2023.

19 "*Soja Ocupa 10% Do Cerrado.*" MapBiomas, 2022.



15. Esquissos do sistema rodoviário de Brasília e Distrito Federal
por Lúcio Costa / Casa da Arquitectura



16. Vias de acesso à Brasília e ao Distrito Federal
por Flavio Cavalcanti / doc.brazilia

na região quase 1°C mais quente e 10% mais seco." [20] Na questão das queimadas, esse efeito tem se feito sentir de forma significativa, como aponta Vera Arruda, pesquisadora do IPAM e coordenadora técnica do MapBiomas Fogo:

> *"Historicamente, o Cerrado evoluiu com a presença de fogo natural, geralmente provocado por raios durante o início da estação chuvosa. No entanto, o que temos observado é um aumento expressivo dos incêndios no período de seca, impulsionado principalmente por atividades humanas e agravado pelas mudanças climáticas. Um dado especialmente preocupante é o avanço do fogo sobre as formações florestais no Cerrado, que em 2024 atingiram a maior extensão queimada dos últimos sete anos — uma mudança na dinâmica do fogo que ameaça de forma crescente a biodiversidade e a resiliência desse bioma."* [21]



17. Avião combatendo incêndio no Parque Nacional de Brasília
por M. Camargo / Agência Brasil, 2024



18. Asa Norte sob fumaça
por Pedro Ladeira / Folhapress, 2024

O avanço extensivo sobre o patrimônio natural brasileiro tem sido justificado como necessário para o *'desenvolvimento'* do país. A apologia do desenvolvimento e a *'apropriação da natureza como recurso para a produção de cultura'*, nas palavras da filósofa/zoóloga Donna Haraway, *'é uma ideologia enraizada no projeto de expansão colonial europeia': "Isso pode ser identificado na arquitetura e na infraestrutura de cidades e assentamentos — mas apenas por aqueles que se dedicam a observar. Historicamente fundamentado, esse modelo de desenvolvimento econômico se reflete nos modernos modos globais e neocoloniais de capitalismo — formas atuais de extração. [...] A arquitetura é, portanto, um produto materializado do* Antropoceno*, um ator ativo em suas economias políticas."* [22]

> *"A busca da Modernidade por construções intermináveis, sob narrativas de desenvolvimento tecnoeconômico e promessas de "uma vida melhor para toda a humanidade", perpetua as assimetrias globais e gera a atual policrise, impulsionando-nos em direção a um futuro ainda mais construído — no sentido literal — prejudicial à humanidade."* [23]



19. Construção de Brasília
a.d. / ArPDF

"Vista do avião, Brasília, localizada fortuitamente entre as infinitas ondulações horizontais do planalto, faz pensar na exposição de vários bifes ensanguentados no balcão de um açougue. Dependendo da época da terraplenagem, parcelas vermelhas mais ou menos ensanguentadas revelam as áreas edificáveis que foram arrancadas da mata tropical."

Alberto Moravia
em *'White buildings, Red Dust: Brasilia in Ektachrome Colour,' p. 142.*

Como muito bem aponta o arquiteto Paulo Tavares, *"a violência contra a própria terra espelha a violência contra aqueles que a cultivaram e protegeram desde tempos imemoriais."*[24] O pressuposto da *'terra vazia'* estrutura o discurso sobre Brasília. A construção desse *'mito'*, de forma deliberada, *"apagou intencionalmente culturas, fauna e flora anteriores, repetindo a abstração de projetos coloniais anteriores."* [25] Tavares descreve a estratégia colonial do Estado Brasileiro no início do século XX:

20 "*Soja Ocupa 10% Do Cerrado.*" MapBiomas, 2022.

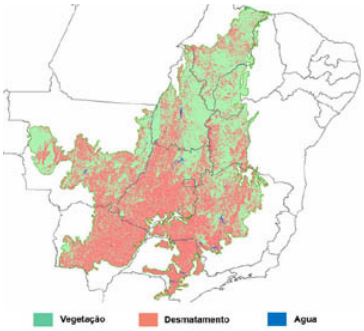
21 "*Área Queimada No Brasil Em 2024 Supera Média Histórica Em 62%.*" MapBiomas, 2025.

22 Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 95.

23 ibid. p. 73.

24 Tavares, Paulo. "*Against the Ruralization of the Amazon: The Forest as Architectural Heritage.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024, p. 89.

25 Miguel, Ciro. "*White Buildings, Red Dust: Brasilia in Ektachrome Colour.*" Sophia Journal 8, no. 1, 2023, p. 138.



20. Desmatamento do Cerrado
por CRS/IBAMA e SBF/MMA, 2008



21. Colheita de soja no Mato Grosso
por Marcelo Brandt / Valor Econômico, 2013



22. 'Os negativos estão em meu poder' de Adriana Varejão
por Vicente de Mello, 2002

"Para que o Brasil pudesse conquistar a si mesmo e realizar o país e a nação, o interior precisava ser visto como terrae nullius*, composta por territórios vazios. Isso exigia que a presença de muitos grupos indígenas fosse apagada. O Estado criou uma estratégia oficial conhecida como 'Pacificação' — às vezes referida como 'contato' — que consiste, primeiro, em monitorar por via aérea, seguida de ações no terreno. Isso significa sobrevoar os assentamentos indígenas para mapeá-los e entender como eles estão espacializados no território. Uma vez mapeados os assentamentos, os documentos oficiais são produzidos, e o Estado entra em contato com os grupos indígenas ao introduzir diferentes tipos de produtos e commodities ocidentais. Com o apoio da Igreja Católica, os grupos indígenas são então reassentados em assentamentos centralizados e controlados pelo governo. Essa estratégia colonial — chamada* descimiento*, que significa descer — foi originalmente desenvolvida pelos espanhóis e portugueses. Antes que esses postos indígenas fossem criados, era impossível pacificar, domesticar ou transformar as pessoas que habitavam a floresta em trabalhadores. Uma vez agricultores rurais, eles seriam estabelecidos e fixados na terra; não voltariam mais às florestas — nem para caçar, nem para coletar. Em passos consecutivos, as etapas da Pacificação são: limpar a terra, penetrar na terra e, por fim, colonizar a terra."* [26]

•

"O mundo material é organizado em objetos compostos, estetizados e, esperançosamente, habitáveis, visando à acumulação e ao excedente, afetando tudo. Na busca por esses objetivos, a Arquitetura, o setor da construção e, potencialmente, a sociedade em geral consideram o esforço humano externalizado — muitas vezes racializado — e os custos ambientais relacionados à sua materialização como, em grande parte, colaterais. O dano é conhecido, mas considerado menos importante do que qualquer atividade de construção prevista." [27]

Charlotte Malterre-Barthes

"Considerando que estamos vivendo uma era marcada por desastres humanos no planeta, seria muito didático reconhecermos que as tecnologias, dos diferentes campos do conhecimento, dentre elas a arquitetura e o urbanismo, têm uma matriz comum profundamente informada por um pensamento de dominação da Terra, em um recurso disponível para todos os seres humanos incidirem sobre esse lugar criando espelhos seus. Se o estado da Terra hoje nos causa alguma impressão triste, deveríamos reconhecer nesse estado a nossa imagem. A Terra é o espelho do que fizemos." [28]

Aílton Krenak, escritor, filósofo, ativista e líder indígena brasileiro.

26 Tavares, Paulo. "*Against the Ruralization of the Amazon: The Forest as Architectural Heritage.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024, p. 89.

27 Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 97.

28 Krenak, Ailton. "*Entrevista.*" Em *8 Reações Para O Depois / 8 Reactions for Afterwards* editado por Ana Altberg, Mariana Meneguetti, Gabriel Kozlowski, Pedro Sette e João Kammal. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019, p. 22.

AUTO-COLONIZAÇÃO: *UM PAÍS CHAMADO* BRASIL

O avanço sobre o Cerrado é, portanto, um capítulo central da relação predatória que o Brasil tem consigo mesmo e que hoje, ao se fazer sentir de forma significativa, acaba por se confundir com as discussões contemporâneas sobre um projeto de país.

A construção de Brasília, para além de viabilizar concretamente o avanço sobre o interior brasileiro, atualiza formal e simbolicamente o ímpeto de auto-colonização nacional, consagrando-o. A Arquitetura teve, nesse contexto, um papel central: deu forma e palco concreto para o imaginário difuso de um Brasil que se afirmava moderno, ao mesmo passo que buscava estabelecer continuidade com os processos coloniais.

Essa síntese, repleta de contradições, vem ganhando relevância em debates acadêmicos recentes na esteira de uma demanda por descolonização dos recursos disciplinares.

> *"Em 5 de fevereiro de 1955, membros da comissão responsável pela localização da nova capital fizeram sua primeira visita ao local escolhido. Quando chegaram, foram para o ponto mais alto. A 1.172 metros acima do nível do mar, proporcionava uma vista de 360 graus da paisagem selvagem da região e do Vale do Paranoá. Aqui, plantaram uma cruz de madeira grosseira para marcar sua presença.*
>
> *No mesmo local, hoje conhecido como Cruzeiro, foi celebrada a primeira missa de Brasília e foi erigido um marco comemorativo. [...]*
>
> *A data escolhida para a primeira missa de Brasília, 3 de maio de 1957, está carregada de significado simbólico. Foi a data em que foi realizada a primeira missa no Brasil, ato simbólico dos exploradores portugueses de tomar posse do território na sua primeira chegada. Na co-*



23. Cruz
por Paulo Tavares, 2022



Como o próprio Brasil, Brasília nasceria sob o signo de uma cruz

AS heranças espirituais do Brasil tinham de estar presentes na epopéia de Brasília. Sua localização geográfica confirmava a visão de um santo — São João Bosco — que profetizara o nascimento de uma nova civilização no centro do território brasileiro. E repetindo o gesto dos descobridores, JK mandou que se realizasse a Primeira Missa no planalto. Um enorme toldo de lona abrigou, pela primeira vez, o Santo Sacrifício que, desde 1500, tem dado ao Brasil o seu histórico perfil de nação religiosa. Para substituir a imensa lona, mais tarde foi erguida a catedral, obra-prima da cidade.

SEGUE

Homem profundamente religioso, JK deu ao nascimento de Brasília o mesmo ritual dos descobridores: a Primeira Missa na futura capital marcou para sempre a realidade espiritual da nova cidade.

32 Manchete

24. Primeira Missa em Brasília na Revista Manchete
a.d. / Casa da Arquitectura

memoração do aniversário do descobrimento do Brasil, 457 anos antes, Kubitschek criou uma nova associação com a data, que, ao seu modo de entender, marcaria o redescobrimento da nação, um encontro com seu centro gravitacional. [...]

Presentes na missa estavam pessoas simples de vários cantos de Goiás e Minas Gerais, que tinham chegado às costas de caminhões, ônibus, carruagens e a pé; autoridades governamentais e eclesiásticas, e outros membros importantes da sociedade, que tinham vindo de avião do Rio e de São Paulo; indígenas Carajá, transportados da Ilha do Bananal pela Força Aérea Brasileira; e multidões de jornalistas brasileiros e estrangeiros.

A primeira missa foi realizada no ponto mais alto da nova cidade, o Cruzeiro, sob uma tenda especialmente construída e projetada por Oscar Niemeyer." [1]

De acordo com Paulo Tavares, a Primeira Missa de Brasília, ao reeditar o mito colonial de fundação nacional, tinha como o objetivo a divulgação de suas imagens em jornais, revistas e cinemas, no esforço de propagar um *"imaginário da modernidade nacional em filiação com a história da conquista colonial."* [2]

"Assim como os indígenas representados no quadro de Victor Meirelles, os Carajá foram convocados a representar os coadjuvantes de um roteiro cuja história original pintava em traços heróicos o roubo de suas terras e o domínio de suas gentes." [3]

1 Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília.* São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 65.
2 Tavares, Paulo. "*Brasília: Colonial Capital. The Settler Colonial Present*" e-flux architecture, 2020.
3 *ibid.*

O estabelecimento dessa continuidade é uma contradição irremediável com a suposta *"integração nacional-racial que a nova capital supostamente representa, da mesma forma que é impossível dissociar o imperialismo europeu do genocídio de povos ameríndios."* [4]

A dimensão simbólica, no entanto, ultrapassa os monumentos e re-encenações imagéticas, e estende-se ao próprio traçado da *cidade-monumento*. Na situação do concurso para a nova capital, Lucio Costa, que seria o vencedor e eventual responsável pelo projeto urbano da cidade, descreve seu esquema de implantação como *"um ato deliberado de posse, [...] um gesto de sentido ainda desbravador, nos moldes da tradição colonial. [...] Dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz."* [5]

Apesar de referência direta ao gesto colonial cruciforme, o desenho da cidade é, em grande parte, associado com a figura de um avião, ao ponto de que o os diferentes setores/bairros do Eixo Residencial são popularmente chamados de *Asa Sul* e *Asa Norte*. Como refere Tavares: *"A metamorfose da cruz em avião rumo ao progresso, como muitos interpretam, é outra entre tantas construções simbólicas da relação entre colonialismo e modernidade na formação nacional tão bem representada em Brasília."* [6]

A sedimentação desse imaginário abrangeu desde a opinião pública até uma parte da intelectualidade mais crítica, como Mário Pedrosa, para quem a virtude do projeto urbano era reconhecer *"que a solução possível ainda era na base da experiência colonial, quer dizer, uma tomada de posse à moda cabralina, chanfrando na terra o signo da cruz"*.[7]

Dessa forma, no reafirmar da lógica colonial intrínseca, a nova identidade nacional, sintetizada no projeto de Brasília, reitera simbolicamente a origem do gentílico: brasileiro é aquele que explora o Brasil.

> *"Disseminada através do poder visual da arquitetura pública, reiterada pela fotografia, revistas, jornais e cinema, essa narrativa acabou se tornando um mito fundante da modernidade nacional, reproduzida socialmente por meio de todo o espectro político-ideológico, à esquerda e à direita, por regimes democráticos e ditatoriais."* [8]

•



25. A primeira missa no Brasil
por Vitor Meirelles / MNBA, 1861



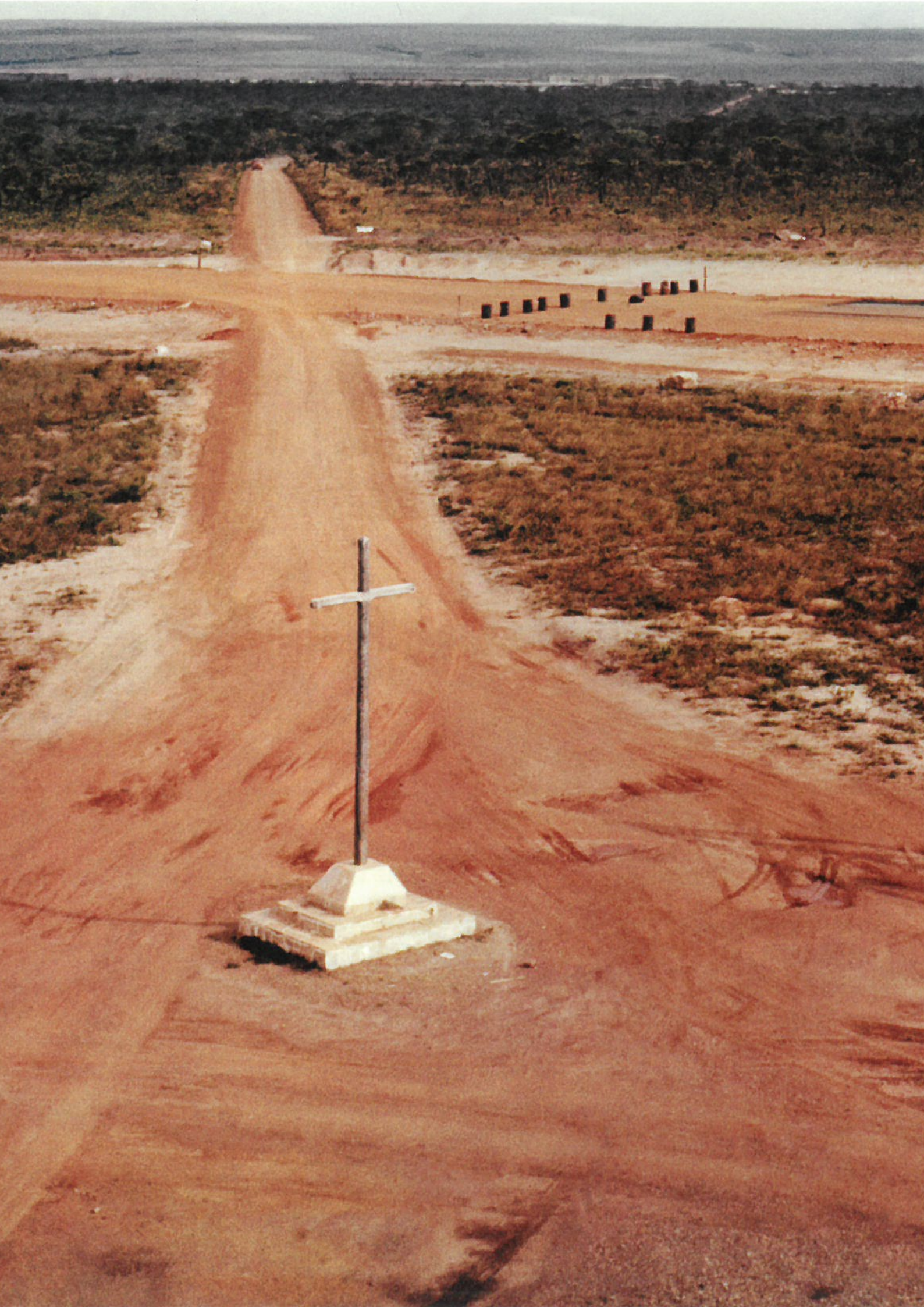
26. Marco Zero: População aproveita novo ponto 'instagramável' durante o Eixão do Lazer
por Lucio Bernardo Jr / Agência Brasília, 2024

gentílico
Nome usado para identificar a origem de alguém em relação a um país, região, estado ou cidade.

brasileiro
O pau-brasil, uma árvore nativa, foi o primeiro recurso explorada pelos colonizadores portugueses na América. O termo brasileiro' surgiu no contexto da exploração dessa madeira, inicialmente designando aqueles que a trabalhavam. Eventualmente, o uso do termo se popularizou para se referir aos nascidos na colônia, diferenciando-os dos portugueses.

4 Tavares, Paulo. "*Brasília: Colonial Capital. The Settler Colonial Present*" e-flux architecture, 2020.
5 *ibid.*
6 *ibid.*
7 *ibid.*
8 *ibid.*

27. Cruzeiro, ontem
por Mário Fontenelle / Arquivo Brasília



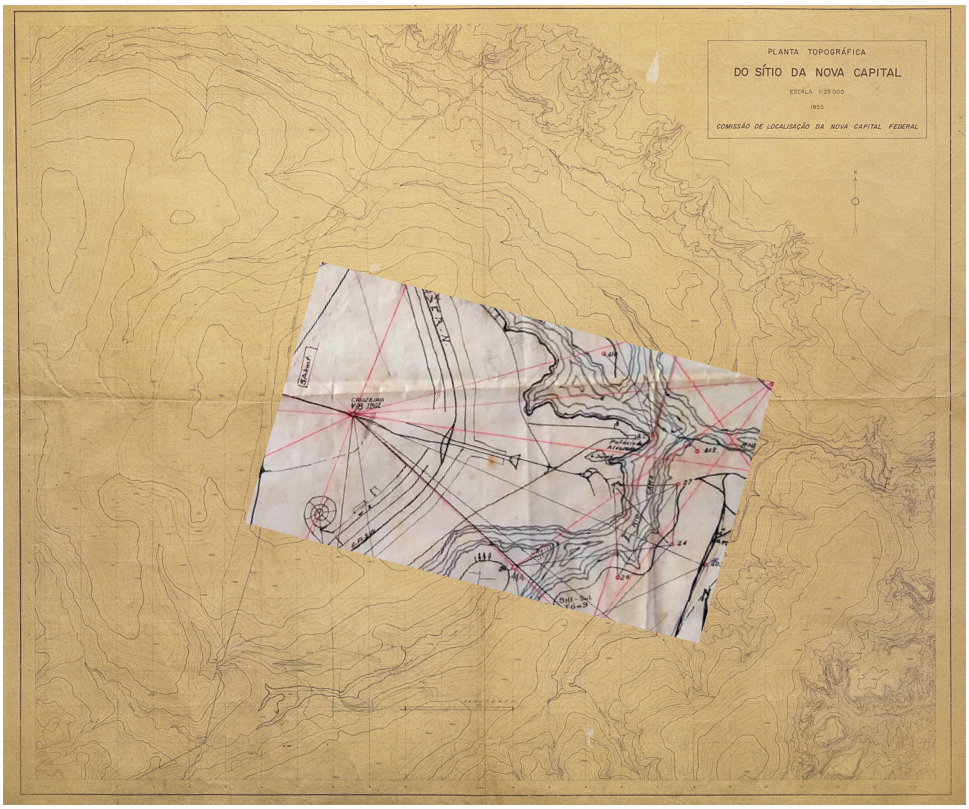
"Hoje, no lugar onde foi celebrada a Primeira Missa — na cabeceira do Eixo Monumental, entrada principal da capital federal — há uma réplica do crucifixo utilizado em 1957. [...]

Por ser um evento fundante na narrativa histórica de Brasília, e por ser o memorial que abre a narrativa arquitetural do Eixo Monumental, a réplica do crucifixo é um monumento-documento que, ainda que singelo, tem a função de codificar a mensagem simbólica de todo o conjunto urbano da cidade, situando a paisagem moderna que lentamente se desdobra até à praça dos Três Poderes dentro de um roteiro histórico cujas raízes remontam ao colonialismo. O público é convocado a aprender – e, mais que isso, compactuar com – a ideia de que a modernidade nacional representada por Brasília só adquire pleno sentido quando observada em continuidade com a empresa da colonização, 'destino manifesto' *de uma nação que* 'marcha para o oeste', *motor do desenvolvimento econômico do país e essência da identidade nacional."* [9]

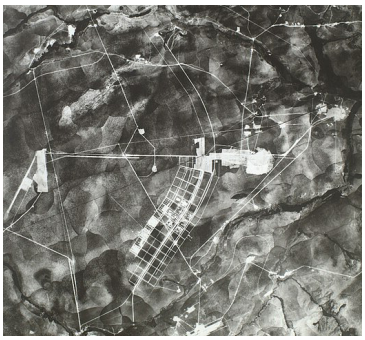


28. Outdoor da campanha presidencial de Lott
por Peter Scheier / IMS, 1960

'Vargas: planejador do rumo ao oeste; Juscelino, o grande bandeirante do século'



29. Estaca Zero: Cruzeiro
Fotomontagem do autor, 2025



30. Levantamento aerofotográfico de Brasília
em Correio da Manhã / Arquivo Nacional, 1958.



31. Plano Piloto de Brasília
Imagem de satélite do Google Earth, 2025.

32. Cruzeiro, hoje
em Visite Brasília, 2023.

9 Tavares, Paulo. "*Brasília: Colonial Capital. The Settler Colonial Present*" e-flux architecture, 2020.





PARTE DOIS

sucupiras


KO.DAK TX 5063
13
14A
14
KO.DAK TX 5063
25
25A
313
26
26A
5063
KO.DAK TX 5063
CAPITAL DE TODO
40
40A
41
41A
KO.DAK TX 5063
7
7A
8
8A
5063
KO.DAK TX 5063
9
9A
KO.DAK TX 5063

A ATUAL SITUAÇÃO DAS COISAS: *PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS*

Nas imediações da Praça do Cruzeiro, adjacente ao Eixo Monumental, encontra-se uma situação contemporânea de conflito, reminiscente dos processos descritos até aqui: o Parque Ecológico das Sucupiras (PES).

O Parque é uma reserva[1] na região central da Zona Metropolitana de Brasília que protege uma área de 26,2925 hectares de Cerrado nativo remanescente que, até o início dos anos 2000, funcionava como zona de desova para materiais de construção. Sua delimitação enquanto *parque* (2005) e, eventualmente, como *Unidade de Conservação de Uso Sustentável* (2019), é fruto de mobilização popular por parte dos moradores do bairro Sudoeste, que é vizinho do PES.

O movimento dos moradores organizado culminou na Associação Parque Ecológico das Sucupiras (APES), que até hoje continua engajada na sua manutenção. Há duas décadas que, junto ao Instituto Brasília Ambiental (IBRAM), órgão público responsável, a APES mobiliza-se em torno do cuidado, limpeza e esforços de restauro e preservação do Cerrado nativo do PES, para além de pautar a defesa do Parque e do Cerrado junto da sociedade civil e seus representantes institucionais.

ASSOCIAÇÃO PARQUE ECOLÓGICO DAS **SUCUPIRAS**

34. Logotipo
por APES



35. Pracinha do Parque Ecológico das Sucupiras
em APES / Facebook

Unidade de Conservação de Uso Sustentável
Área onde se busca conciliar a conservação da natureza com a exploração sustentável dos recursos naturais, permitindo atividades humanas que não comprometam a regeneração dos ecossistemas.

Apesar dos esforços da APES, o Parque das Sucupiras esteve, durante toda sua existência, sob risco constante de descaracterização. Cercado por área urbana consolidada, a manutenção de sua condição de reserva ecológica de uso sustentável demanda um esforço constante de mediação entre as realidades da cidade e do Cerrado a ser protegido.

Essa situação, já frágil, ficou ainda mais sensível face à pressão exercida pela recente expansão do bairro do Sudoeste sobre um antigo terreno adjacente ao Parque. O lote, que até então pertencia a Marinha do Brasil, guardava um grande trecho de mata nativa. Em 2019, 14 hectares de mata fechada de Cerrado,


CIDADES

OCUPAÇÃO URBANA

Especulação em áreas nobres

36. 'Especulação em áreas nobres'
em Correio Braziliense, 2007

1 Segundo o Sistema Distrital de Unidades de Conservação (SDUC): *"O Parque Ecológico tem como objetivo conservar amostras dos ecossistemas naturais, da vegetação exótica e paisagens de grande beleza cênica; propiciar a recuperação dos recursos hídricos, edáficos e genéticos; recuperar áreas degradadas, promovendo sua revegetação com espécies nativas; incentivar atividades de pesquisa e monitoramento ambiental e estimular a educação ambiental e as atividades de lazer e recreação em contato harmônico com a natureza."* em ECOSOUL. *Elaboração do Plano de Manejo Do Parque Ecológico Das Sucupiras.* Brasília: IBRAM, 2022, p. 7-10.

Plano Piloto
Região administrativa do Distrito Federal que compreende o projeto urbanístico original da capital federal, concebido por Lúcio Costa.

bloco
Como são chamados os edifícios habitacionais no Plano Piloto de Brasília.

IMÓVEIS / Construção de duas novas quadras residenciais no Sudoeste é suspensa por decisão do Tribunal de Contas do Distrito Federal até que a Justiça decida sobre a legalidade das edificações na área tombada. Empresa vai recorrer da decisão

Expansão é barrada de novo

» LILIAN TAHAN

Com um placar apertado, em que a decisão foi conhecida a partir do voto de minerva, o Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF) proibiu na última segunda-feira o governo e as empreiteiras envolvidas no processo de expansão do Setor Sudoeste de "quaisquer procedimentos visando à ocupação das quadras 500". Além disso, a Corte do TCDF determinou a adoção de medidas para o cumprimento da legislação que define esse endereço como área tombada de Brasília e, portanto, com limites para a exploração imobiliária.

A decisão do TCDF segue a orientação do Ministério Público de Contas segundo a qual a permissão para construir no local enquanto se discute o mérito da expansão nas quadras 500 pode resultar em "prejuízos de difícil ou impossível reparação ao Patrimônio Público e ao Erário". Para o órgão de controle, "há sérias dúvidas sobre a possibilidade de construções naquela área", o que, segundo entende o MP, torna necessária uma medida cautelar para proteger o bem público.

Dos sete conselheiros do TCDF, dois — Manoel de Andrade e Anilcéia Machado — seguiram o voto do conselheiro relator, Inácio Magalhães, e opinaram por sobrestar, ou seja, suspender o julgamento dos autos até a conclusão de quatro ações judiciais sobre o tema (**Leia Para saber mais**). Outros três integrantes da Corte — Ronaldo Costa Couto, Paiva Martins e Renato Rainha — se alinharam ao entendimento do Ministério Público.

Como houve empate, coube à presidente do Tribunal, Marli Vinhadeli, dar o voto de desempate. Ao expor suas razões, a conselheira levou em conta a opinião do Ministério Público e ponderou uma decisão do desembargador Flávio Rostirola, que em 13 de abril de 2011 concedeu liminar a empresa Antares suspendendo os efeitos de duas decisões do TCDF (679 e 766 de 2011) que já naquela época proíbiam a urbanização no setor das Quadras 500. O magistrado se valeu do argumento que a questão já estava judicializada e que as decisões do TCDF eram "uma inversão do sistema da separação de poderes".

Carlos Moura/CB/D.A Press



O terreno onde está prevista a construção dos prédios: ações judiciais sustentam que a área é tombada

22

Total de prédios previstos para serem construídos nas duas quadras 500 do Setor Sudoeste

Para saber mais

Dois processos na esfera federal

Dois desses processos que tratam da expansão do Sudoeste tramitam no Tribunal Regional Federal da 1ª Região (TRF1) e têm a natureza de ações civis públicas, cujo objetivo é apontar o descumprimento de regras urbanísticas previstas em decretos e na Lei Orgânica do Distrito Federal. Uma desaprova a permuta da área pertencente à marinha — onde está prevista a construção das quadras 500 — por terreno em Águas Claras, oferecido pela empreiteira à frente da expansão do Sudoeste. Há ainda uma ação direta de inconstitucionalidade do Decreto 32.144/2010, que aprova o projeto urbanístico do parcelamento das quadras 500. (LT)

Desempate

Ao revisar o tema nesta segunda-feira, Marli Vinhadeli citou a independência das instâncias apuradoras e o posicionamento da desembargadora Vera Andrighi ao analisar o caso no Conselho Especial do TJDF, quando revogou a liminar do Tribunal antes concedida à uma empreiteira "para evitar danos irreparáveis, principalmente, ao Erário, à população e ao meio ambiente, além do dever de o poder público evitar o fato consumado".

Então, com base no argumento de que se deve aguardar o julgamento, mas evitando danos irreparáveis caso a Justiça considere ilegal a construção nas Quadras 500, a presidente do TCDF bateu o martelo pela suspensão das obras de expansão do Setor Sudoeste.

Procurada, a Oeste Sul Empreendimentos, empresa responsável pela expansão, informou que vai recorrer da decisão do Tribunal de Contas e está confiante que, no mérito, a decisão judicial será favorável à construtora, uma vez que a empreiteira participou de um processo público de licitação, dentro de todos os parâmetros legais.

37. 'Expansão é barrada de novo'.
em Correio Braziliense, 2012

cercados desde os tempos da construção de Brasília, foram derrubados para abrir caminho para a construção do que já se tornou o *'metro quadrado mais caro da cidade'*. [2]

A cobiça de empreiteiras sobre aquela região é antiga. Desde o início do século, entre câmaras legislativas e tribunais, tramitavam projetos para a exploração imobiliária dos terrenos *'vazios'* no valorizado *Plano Piloto*.[3] Após uma década e meia de uma longa e controversa disputa jurídica/política sobre aquele lote de terra, a construção das quadras 500 do Sudoeste foi aprovada à revelia de importantes setores da sociedade civil.[4] No decorrer desse processo, a APES assumiu a frente da disputa e esteve, em momentos importantes, nas trincheiras do combate aos avanços sobre a vizinhança. [5]

A voracidade do mercado imobiliário brasiliense não se restringe, contudo, a atacar apenas o *patrimônio natural* da cidade. O projeto previsto, ao erigir grandes *blocos* nas imediações do Eixo Monumental, potencialmente fere as diretrizes de planejamento das escalas do Plano Piloto, que desde 1990 é Patrimônio Mundial da UNESCO. [6]

•



38. Mobilização da APES na Câmara Legislativa do DF
em APES / Facebook

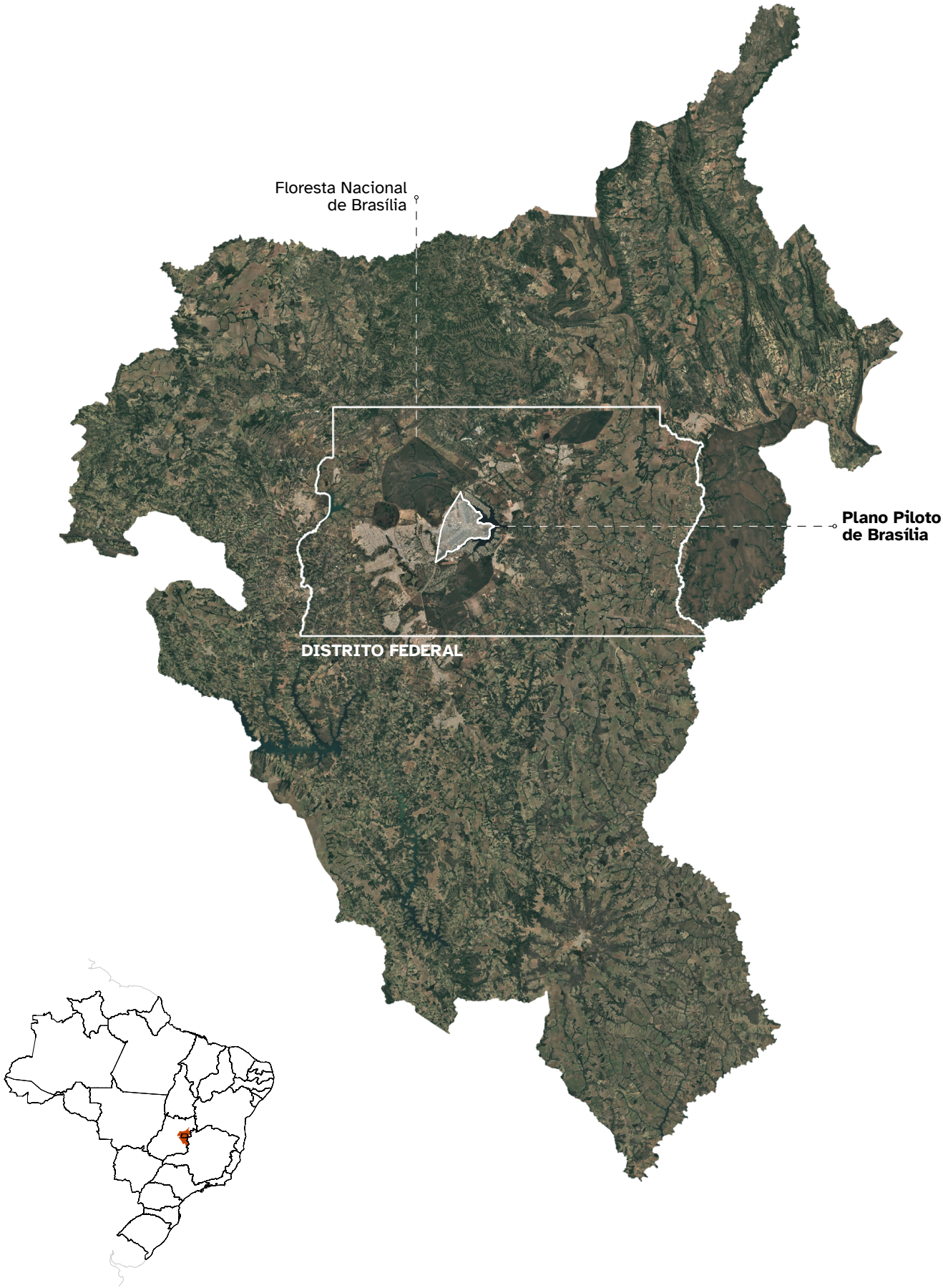
2 "*'Sudoeste Tem Metro Quadrado Mais Caro Do DF', Diz Pesquisa; Veja Ranking Das Regiões Com Preços Altos Na Capital.*" G1 DF, 2025.

3 Caputo, Denise. "*Comunidade E Governo Divergem Sobre Construção Da Quadra 500 No Sudoeste.*" Portal CLDF, 2019.

4 Luiz, Gabriel. "*Quadra 500 Do Sudoeste: Justiça Rejeita Recurso E Libera Expansão Do 'Bairro'.*" G1 DF, 2018.

5 "*Ninguém Quer Uma Nova Expansão Para O Sudoeste.*" Urbanistas por Brasília, 2015.

6 "*Abaixo-Assinado Quer Impedir Construção No Parque Das Sucupiras.*" Correio Braziliense, 2020.



39. Área Metropolitana de Brasília



40. Plano Piloto de Brasília

0 1km 2km 5km

As recém-construídas quadras são bastante sintomáticas do avanço indiscriminado do interesse econômico — imobiliário, nesse caso — sobre o Cerrado em Brasília. A expansão do Sudoeste se sobrepôs à intenção da APES e de setores engajados na preservação do patrimônio natural na cidade de reunir em um só esforço de preservação as grandes e vizinhas parcelas de Cerrado protegidas no PES, no antigo terreno da Marinha e no Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). Ao que tudo aponta, a área protegida pelo INMET é o próximo alvo das empreiteiras, que se esforçam para viabilizar a ocupação de sua grande área *'intocada'* com novos e, provavelmente, luxuosos complexos habitacionais. *[ver **ENTREVISTA**]*

No caso do PES, a chegada das novas quadras *'de alto padrão'* representa, atualmente, uma ameaça real à preservação do Cerrado. Em meados de 2020, em plena pandemia de COVID-19, sem nenhum tipo de consulta popular, construtoras associadas à construção das 500s empenharam-se em intercomunicar o Parque às novas superquadras. O projeto previa a construção de mais de dez quadras esportivas, entre outros equipamentos. A intervenção transformaria, na prática, o PES em um *parque de uso comum,* voltado aos novos moradores, o que acabaria por descaracterizar a função de santuário do Parque das Sucupiras.

Em contrapartida, a resposta da sociedade civil organizada em oposição à apropriação indevida da área teve como conquista recente a elaboração de um outro projeto de Parque, que contempla a sua permanência e funcionamento como reserva. Em 2022, representantes da comunidade e das novas quadras, coordenadas pela ECOSOUL, formalizaram um *Plano de Manejo*, ferramenta legal que detalha o funcionamento de uma *Unidade de Conservação*. Esse Plano é uma contribuição interdisciplinar que explicita um programa para a manutenção do Parque.

Esse trabalho, desenvolvido a partir de um diálogo próximo com a Associação, se produz como a elaboração de uma proposta que responde a esse programa de Parque, na mesma medida que busca responder também à diferentes dimensões do projeto de Brasília. Propõe tirar partido da sua proximidade ao Eixo Monumental para disponibilizar os meios dos quais dispõem a Arquitetura para a disputa em torno do Parque Ecológico das Sucupiras.



41. Nova Quadra 500 – Sudoeste: Um novo conceito de viver Brasília, 2021.
por Emplavi Construtora

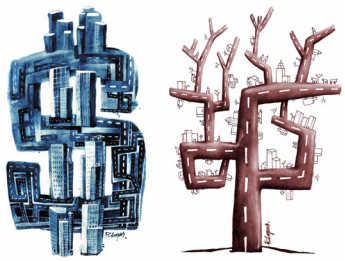
uso comum
Área acessível e utilizável pela população em geral, seja para lazer, atividades recreativas ou outras finalidades.



42. 'Quadra Parque 500'
por APES / Facebook, 2020



2018 **2019**



43. Illustração
por Fernando Lopes, 2011

44. Área desmatada: Predação Imobiliária

1958

45. Homens e máquinas durante a construção de Brasília
a.d. / ArPDF

2019

46. Derrubada do cerrado preservado para as novas quadras do Sudoeste
por Ana Rayssa / Esp. CB / D.A Press





47. Zoneamento do PES: Plano de Manejo


Praça do Cruzeiro
Parque Ecológico das Sucupiras
SQSW 500s
INMET
0
100m
250m
500m

FOGO CONTRA FOGO:
“NA LUTA QUE A GENTE SE ENCONTRA”

Para além de espelhar esse processo histórico de avanço sobre o Cerrado, a existência institucional do Parque Ecológico das Sucupiras é fruto de uma luta popular seja para a sua delimitação enquanto parque, seja para o esforço continuo de manutenção. O esforço de mobilização, por sua vez, há muito dá coesão à sociedade civil com a qual entra em contato.

A mobilização em torno do PES nasce de um grande senso coletivo de insatisfação. A área hoje compreendida pelo Parque, na altura de sua criação, era a *“última mancha de Cerrado na área urbana de Brasília sem destinação específica.”* [1] O *‘terreno baldio’* tornado depósito de lixo irregular serviu de catalizador para aglutinar uma vizinhança que, organizada, tornou-se agente no processo de determinação daquele território.

Essa agência que aflora no processo de reivindicação pela delimitação do Parque, no entanto, não se restringiu apenas as reivindicações no âmbito institucional. Há mais de duas décadas, a sociedade civil, articulada pela APES e em conjunto com outros atores importantes, cuida ativamente do parque, muitas vezes nas brechas deixadas por um poder público vacilante.

Sabemos que, em contexto de *neoliberalismo avançado*, o desamparo dos órgãos públicos responsáveis constitui um verdadeiro projeto de *sucateamento*. O abandono relativo tenciona tornar inevitável a sempre iminente apropriação privada sobre um bem de interesse público. Como vimos anteriormente, o envolvimento civil em torno do PES tem servido como uma verdadeira barreira contra os avanços do mercado imobiliário e seus interesses escusos sobre a região.

As campanhas de cuidado são muitas e, pelas dimensões extensivas do Parque, têm se prolongado no tempo: retirada do entulho e do lixo de toda a sua extensão e, a partir de certo ponto, a remoção semanal de lixo; identificação e remoção de espécies invasoras, nocivas ao Cerrado nativo, aliada ao cultivo de espécies nativas visando a reintrodução do bioma em áreas onde encontra-se degrado; cuidados com os percursos e trilhas existentes, etc.. Apesar de sua duração expandida, esses esforços têm angariado novos adeptos.

Esse cuidado, no entanto, não se restringe somente a ações paliativas, já que — nas palavras de Maria Puig de la Bellacasa — o *“cuidado como prática concreta requer um comprometimento ‘especulativo’ para com as coisas negligenciadas.”* [2] A APES também organiza uma série de atividades educativas. O PES é uma plataforma de contato com o Cerrado nativo para interessados, escoteiros, alunos do ensino básico ao superior, entre outros.

Adicionalmente, por estar situado na região mais alta do *plateau* onde fica Brasília, é um ponto privilegiado para a apreciação do pôr-do-sol no no coração da cidade e que tem reunido ali um grupo fiel de espectadores.

O elevado nível de engajamento da população com o PES, construído e reforçado pelo zelo ativo, constitui também um fator fundamental de *territorialização*, estimulando o sentimento de pertencimento daqueles que nele se envolvem. Esse sentimento, por sua vez, incita o coletivo no cuidado para com seu objeto de estima.


MEIO AMBIENTE

Área de cerrado no Sudoeste vira lixão

48. ‘Área de cerrado no Sudoeste vira lixão’
em Correio Braziliense, 2000



49. Remoção de vegetação invasora
em parquesucupiras / Facebook, 2011



50. Placa
Fotografia do autor, 2024

1 Machado, Ivan de Lima. "*Parque Ecológico Das Sucupiras: Estudo De Caso.*" Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2004, p. 5.

2 Bellacasa, Maria Puig de la, *Matters of Care in Technoscience: Assembling Neglected Things*, Social Studies of Science41, n. 1, 2011; em Angélil, Marc; Siress, Cary. "*Who Cares? From Matters of Fact to Matters of Concern to Matters of Care.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024, p. 64.



51. Mutirão de limpeza
em Parque Ecológico Sucupiras / Flickr, 2009

samba-enredo
Música criada especificamente para o desfile de uma escola de samba no Carnaval. É um subgênero do samba, retratam o tema da apresentação, desde um fato histórico a uma biografia.

policrise
Estado em que múltiplas crises interligadas e interdependentes ocorrem simultaneamente.



52. 'Comunidade e governo divergem sobre construção da Quadra 500 no Sudoeste'
em Portal da Câmara Legislativa do Distrito Federal, 2019

A convergência em torno do PES se dá em contrapartida a uma notória ausência de identificação e enraizamento entre os moradores do Plano Piloto, que, historicamente ligados à estrutura administrativa do Estado, chegam de diversas regiões do país para trabalhar na capital, muitas vezes permanecendo nela de forma temporária. Essa *'desconexão'* com o local — característica de uma cidade recente e muitas vezes descrita como *'artificiosa'* — remete para a já mencionada *'postura atávica'* do colonizador português, agora reeditada em Brasília como apatia e falta de senso de pertencimento ao lugar onde se está.

A mobilização constante em torno dos cuidados com o Parque ajuda a remediar a *descontinuidade* com o território, na mesma medida que, dialeticamente, a construção da *continuidade* revigora a massa organizada que o mantém. Como muito bem alude o último *samba-enredo* campeão da Estação Primeira de Mangueira: é *"na luta é que a gente se encontra."* [3]

•

Para além de uma função social relevante e apesar do seu isolamento enquanto trecho de Cerrado na zona central do Plano Piloto, o Parque também cumpre uma importante função de infraestrutura natural: funciona como *trampolim ecológico* para diferentes espécies de fauna e flora nativas do bioma, ou seja, representa um importante ponto de apoio para diferentes sistemas de reprodução e proliferação desses exemplares que convivem com os sistemas urbanos. [4]

Nesse sentido, a elaboração do último *Plano de Manejo,* síntese de uma articulação interdisciplinar,[5] constitui um marco importante na história do PES. Ao formalizar e planejar o esforço de preservação do Cerrado lá protegido, o Plano constitui um verdadeiro *projeto* para o Parque.

Propostas dessa natureza ecoam com aspectos importantes do debate contemporâneo em Arquitetura. O esforço disciplinar por uma prática que possa encarar frontalmente os desafios da atual *policrise* tem pautado, em várias frentes, a superação do *imperativo* da construção como elemento imprescindível do *fazer arquitetônico.*

Um exemplo paradigmático é o da *praça León Aucoc* em Bordeaux, idealizada por Lacaton & Vassal. Respondendo a um concurso para a reforma da praça, a dupla francesa apresenta um projeto que consistia *'apenas'* no reforço de seus protocolos de manutenção.

Sua *'recusa'* se fundamenta na percepção de que a demanda do bairro divergia da intenção da prefeitura: a praça, apreciada pelos seus utentes, não pre-

3 Firmino, Danilo; Domênico, Deivid; Mama; Bola, Marco; Oliveira, Ronie; Miranda, Tomaz. "*História Pra Ninar Gente Grande*." Em Sambas de Enredo das Escolas de Samba 2019, Interpretado por Marquinho Art'Samba e Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda., 2019.

4 ECOSOUL. *Elaboração do Plano de Manejo Do Parque Ecológico Das Sucupiras*. Brasília: IBRAM, 2022, p. 16-17.

5 Elaborados a partir do 'Diagnóstico Socioambiental', os 'Componentes Fundamentais do Plano de Manejo são, Ficha Técnica e Mapa, Breve Descrição do PES, o Propósito, a Declaração de Significância e os Recursos e Valores Fundamentais. *"[...] Representam a base para o desenvolvimento dos Planos Específicos/Programas de Manejo e dos esforços de manejo futuros."* ibid, p. 13.

cisava de *'embelezamento'*, mas sim, de atenção.[6] A valorização radical do existente aponta para outras possibilidades de *projeto*. Como muito bem assinala a arquiteta Charlotte Malterre-Barthes:

> *"[O exemplo da] Praça León Aucoc mostra como o poder da ausência do edificar pode ser forte se associada ao cuidado espacial, contrariando a expectativa arquetípica de que arquitetos devem construir para serem reconhecidos como tais; em vez disso, eles podem desenvolver métodos de 'prolongamento.'"* [7]

Nesse sentido, a noção do *manejo* também é bastante pertinente. Definida pela bióloga Fabiana Aquino como a *"execução de procedimentos e operações, que interferem nas condições ambientais de uma determinada área, visando incrementar a produtividade, melhorar a qualidade e agregar valores à matéria-prima"*, [8] o *manejo* tem se mostrado como uma ferramenta potente e disponível para a construção do *prolongamento* enquanto horizonte de *projeto*.

No Brasil, pesquisas recentes têm exemplificado esse potencial. Associam a extensão da biodiversidade de biomas como a Amazônia ao manejo indígena daquela paisagem. Os exemplos não se restringem, entretanto, ao bioma amazônico. As contribuições do manejo indígena no continente americano, em toda a sua diversidade, são prova viva de que a construção de mundos *"não precisa, necessariamente, ser destrutiva."* [9]

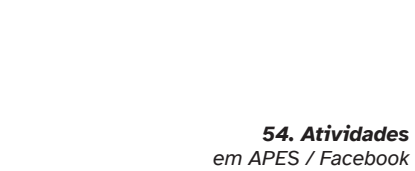
Para o arquiteto Yona Friedman, a Arquitetura não seria *"simplesmente a arte de construir"*, mas sim *"a arte de administrar o espaço."* [10] Opera-se com a arquitetura — no sentido da *construção* propriamente dita — mas acaba por ultrapassá-la. Essa noção expandida do *fazer arquitetônico*, ao constatar *intenção* nos processos de gestão do território, entende-os também como *projeto*.

O descentralizar do objeto arquitetônico, abre caminho para práticas que priorizem as *"responsabilidades de cuidado, os 'usuários' e a 'vida', reconhecendo o 'cuidado como um valor de utilidade pública."* [11]

Almeja-se nesse trabalho, a partir das ferramentas específicas da Arquitetura, contribuir para o *projeto* do Parque Ecológico das Sucupiras delimitado no Plano de Manejo. Para isso, ultrapassar-se-á seus componentes estritamente arquitetônicos — que serão abordados mais a frente.



53. Capa do 'Plano de Manejo'
por ECOSOUL, 2022



54. Atividades
em APES / Facebook

6 *"Political leaders and entrepreneurs love construction. The sector is considered an economic development engine, touted as the solution for unemployment, energy, economic, mobility and housing crisis. A tool for nation-building, neocolonial control, or electoral gain, new construction yields various forms of capital. Architecture intersects with these, nestled within power structures and development imperatives of an industry driven by private forces and supported by government frameworks."* Em Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 124.

7 Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 38-39.

8 Góis Aquino, Fabiana de. "*Manejo E Uso Dos Recursos Naturais.*" EMBRAPA, 2021.

9 Neves, Eduardo Góes; Castriota, Rodrigo. "*Urbanismos Tropicais.*" Em Vegetalidades, 2023.

10 Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 45.

11 Friedman, Yona. "*Yona Friedman's Architecture without Building,*" *press release for an exibition of the same title at Ludwig Museum - Museum of Contemporary Art*, 2011; em *ibid.,* p. 39-40.


EXPANSÃO DO SUDOESTE
AGRESSÃO AO TOMBAMENTO!





URBANISMOS TROPICAIS

por Eduardo Góes Neves e Rodrigo Castriota

"Os povos indígenas da América do Sul tropical tiveram sua civilidade questionada por não terem produzido cidades, apesar da magnitude das transformações socioespaciais produzidas por eles em território amazônico. O modelo de cidade que se tinha em mente era aquele do colonizador que, quando não encontrou sua *urbs* e sua *polis*, concluiu grosseiramente que aqui não havia nenhuma forma de *civitas*.

Assim como um jardim, as florestas da Amazônia são um produto social e resultam da combinação de processos biofísicos e de ações humanas, premeditadas ou não. Essas obras vegetais, alvo de violentas tentativas de demolição nas últimas décadas, foram geradas por práticas de *manejo* desenvolvidas e acumuladas ao longo de milênios pelos povos indígenas e, mais recentemente, por outros povos da floresta. É inquestionável a contribuição dessas sociedades para a constituição contemporânea dos biomas da Amazônia. [...]

A produção desses espaços verdejantes — ambientes que se confundem com nossa concepção ocidentalizada de "natureza" — se deu a partir de acampamentos a céu aberto, abrigos sob rochas e lugares construídos com habitações recorrentes e redundantes, formas variadas de ocupação indígena na Amazônia antiga ao longo de séculos ou mesmo milênios. Esses lugares, por vezes nomeados genericamente sítios arqueológicos, incluem terras pretas (áreas de solos férteis e altamente produtivos criados por manejo indígena), sambaquis, aterros, plataformas, montículos e assentamentos de grandes ou pequenas dimensões conectados por estradas. [...]

Partindo das plantas, mais especificamente de achados arqueológicos e arqueobotânicos contemporâneos, sugerimos ampliar o debate sobre os urbanismos tropicais. Para isso, no caso específico da Amazônia, propomos que as urbanizações e urbanismos antigos não se limitam ao domínio exclusivo dos assentamentos, privilegiando, ao invés disso, as trilhas, as roças, os castanhais, as capoeiras e os acampamentos que circundavam esses espaços e os movimentos e práticas flexíveis que os caracterizavam.

Uma das características mais marcantes do urbanismo amazônico antigo é a produção desses espaços hiperabundantes, além das casas, aldeias e cidades. Trata-se, na feliz apropriação do termo feita por Michael Heckenberger, de "cidades-jardim", lugares onde era borrada a distinção entre natureza e cultura e que constituem verdadeiros patrimônios bioculturais.

No entanto, o repertório conceitual arqueológico tem grande dificuldade em lidar com esse tipo de estrutura, a começar pela maneira de denominá-los: megassítios, super-aldeias, cidades? A primeira abordagem original dessa questão foi feita em 2008 por Michael Heckenbeger, ao propor que a escala das transformações paisagísticas e das redes de grandes sítios arqueológicos conectados por estradas (sítios ocupados há cerca de mil anos no alto Xingu) fosse compreendida como urbana. Ao fazê-lo, Heckenberger apontou para a relação íntima que as formas de ocupação humana indígenas na Amazônia têm com as paisagens da região. Tão íntima, de fato, que se torna cada vez mais difícil separar o *patrimônio natural* do *patrimônio cultural* na Amazônia. Se os povos dos Andes têm suas pirâmides, os da Amazônia têm suas florestas. [...]

Parece oportuno articular o campo dos estudos urbanos com essas dissociações possíveis a partir da Amazônia antiga, dentre outros motivos porque a própria cidade foi também considerada o "fim da jornada" pela perspectiva evolu-

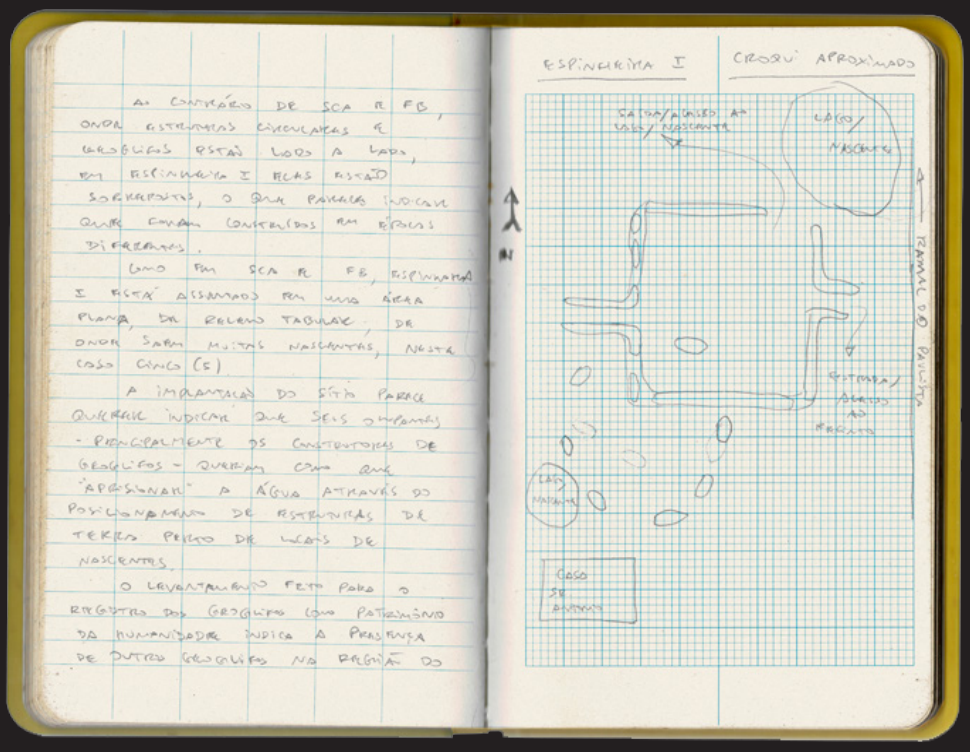
02 | nota cartográfica

cionista; basta lembrar que o termo civilização vem de civitas, idealizada por seu suposto sentido associativo e pela coletivização de identidades cidadãs. Segundo essa interpretação, os povos ameríndios da América do Sul tropical tiveram sua civilidade questionada por não terem produzido cidades. Não se considerou, entretanto, que a cidade que se tinha em mente era aquela do colonizador que, quando não encontrou sua urbs e sua polis, concluiu grosseiramente que aqui não havia nenhuma forma de civitas. Chamaram, assim, os povos da floresta de "selvagens", "bárbaros" e "não domesticados", justamente pela incapacidade de reconhecer a extensão de seu legado, conectado a um extenso espaço construído de floresta tropical.

A magnitude das transformações socioespaciais produzidas pelas sociedades indígenas antigas em território amazônico, e provavelmente em outras partes do atual território nacional, provocou uma transformação análoga das chaves interpretativas da região. Ainda que questões ligadas à agência humana e à escala dessas transformações estejam cada vez mais consolidadas, há um debate incipiente sobre qual é a categorização mais apropriada para essas centralidades e qual teria sido seu papel nas trajetórias dessas mesmas "sociedades" e "naturezas". [...]

Afinal, será que o que aprendemos a cultivar e naturalizar como "cidade" seria um aparato moderno-colonial de exploração? E se o espaço construído dos povos ameríndios no passado pudesse informar a construção de um futuro inevitavelmente urbano, mas não necessariamente industrial? Em outras palavras, não seria melhor disputar a urbanização do que negá-la?

Mais do que discutir certos mitos de origem de assentamentos humanos e campos disciplinares, sugerimos que há uma reconstrução histórica da urbanização para além dos domínios da cidade como tipo de assentamento delimitado



55. Caderno de campo
por E. Góes Neves, R. Castriota

— ou seja, considerando aglomerações e dispersões, concentrações e extensões — capaz de construir um novo presente urbano.

A partir do legado dos povos indígenas, ressaltamos o potencial de tensionamento e desestabilização de categorias que não necessariamente são reféns da indústria, do cimento, da aglomeração e das doenças infecciosas, uma vez que essa outra urbanização não se estrutura na exploração de seus exteriores (dos campos, rios, florestas, aldeias, quilombos, vilas) e tampouco na produção da escassez, como fazem a mineração, a dita agricultura de "precisão", a pecuária, a monocultura, e outras formas contemporâneas de extração em larga escala. Ao contrário, o que os povos indígenas vêm fazendo ao longo de milhares de anos baseia-se fundamentalmente na produção de abundância, como o movimento agroflorestal e agroecológico das últimas décadas.

Outros futuros urbanos — e outras formas urbanas de mediação da relação *sociedade-natureza* — existem, entre outros motivos, porque já existiram. Não pela preservação da natureza, mas pela *produção de natureza*. Não pela alocação de recursos escassos, mas pelo *manejo e construção de sociobiodiversidade abundante*. Não pela negação de centralidades, aglomerações, encontros e trocas, mas *através* delas. Temos aqui uma oportunidade de compreender mais amplamente a longa duração da urbanização e de iluminar futuros urbanos possíveis." [1]

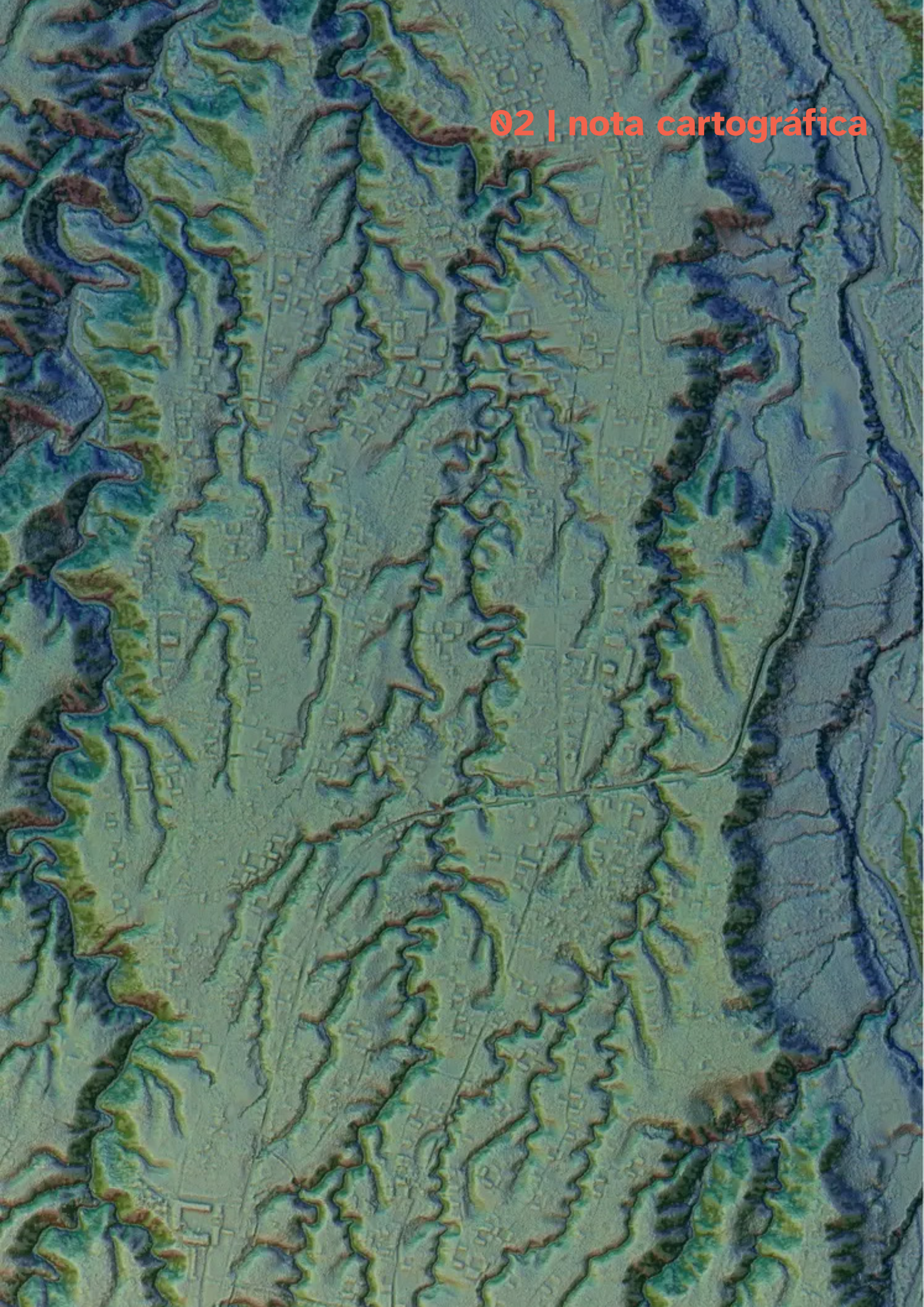
"Eles, (os colonizadores) chegaram surpresos com aquele Éden que viam, naturalmente porque acreditavam que Deus tinha criado um jardim e botado algumas pessoas pra cuidar. Mas estamos convictos de que fomos nós que criamos os jardins da Terra. Deus veio depois, passear no jardim." [2]

Aílton Krenak

1 Neves, Eduardo Góes; Castriota, Rodrigo. "*Urbanismos Tropicais.*" Em Vegetalidades, 2023.

2 Krenak, Aílton. "*Entrevista.*" Traduzido por Pedro Sette. Em *8 Reações Para O Depois / 8 Reactions for Afterwards*, editado por Ana Altberg, Mariana Meneguetti, Gabriel Kozlowski, Pedro Sette e João Kammal. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019. p. 40.

56. Mapeamento LIDAR de assentamentos na Amazônia
por Antoine Dorison e Stéphen Rostain, 2024

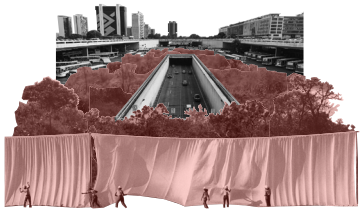


02 | nota cartográfica

“PODEM-SE REIVINDICAR AS ÁRVORES COMO MONUMENTO?”

> *“A nossa intenção é preservar a área como um sítio de pesquisas botânicas, atividades ligadas a educação ambiental, instalação de viveiros, edificação de um* ***memorial****, além de um local de contemplação do pôr-do-Sol e contato com a natureza”* [1]
>
> Fernando Lopes, Presidente da APES;
> em entrevista ao Correio Braziliense

O que poderia ser um *memorial* - ou *monumento*, como referirei a partir daqui - para o Cerrado junto ao centro simbólico do país? Para entender o que poderia ser, vamos primeiro contextualizar a historicidade do monumento, seus dilemas e valências.



57. Proposta para o Bosque do Marco Zero
Colagem do autor, 2024

No seminal *A alegoria do patrimônio*, ao elaborar sobre a história das práticas patrimoniais e sua relação com a construção da *memória*, Francoise Choay classifica o monumento como *“qualquer artefato edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações, pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças. [...] Sua especificidade seria o seu “modo de ação sobre a memória.”* [2]

No entanto, o desenvolvimento das *‘memórias artificiais’* e sua consolidação na forma da imprensa, a televisão, o cinema e fotografia - tem alterado significativamente a relação das sociedades *‘mediatizadas’* com o passado. A pertinência do *monumento* na contemporaneidade, segundo a historiadora, fica em cheque: *“construirão os monumentos algo mais do que uma sobrevivência?*" [3]

A vitalidade que outrora esteve associada ao monumento parece caminhar em direção, ao menos no ‘ocidente’, para o *monumento histórico.* Em acordo com a oposição proposta pelo historiador da arte Alois Riegl no início do século, Choay distingue as categorias de *monumento* e de *monumento histórico*:

> *“O monumento é uma criação deliberada* (gewolte)*, cujo destino foi assumido* a priori *e à primeira tentativa, ao passo que o monumento histórico não é desejado inicialmente* (ungewolte) *e criado enquanto tal. Esse último é construído* a posteriori *pelos olhares convergentes do historiador e do amador, que o selecionaram de entre a massa dos edifícios existentes e de que os monumentos representam apenas uma pequena parte. Todo o objeto do passado pode ser convertido em testemunho histórico sem ter tido por isso na sua origem um destino memorial. Inversamente, recordemo-lo, todo o artefato humano pode ser deliberadamente investido de uma função de memória.”* [4]

Apliquemos as duas noções à capital federal, a começar pelo monumento. Como já elaboramos, a transferencia da capital foi uma operação tão simbólica quanto concreta para o projeto de modernizar o país. Os meios pelos quais a ope-

1 Lopes, Fernando em Bezerra, Laezia. *"Parque Das Sucupiras Reflete Belezas Do Cerrado Bem No Coração De Brasília."* Correio Braziliense, 2023.

2 Choay, Françoise. *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 16-18.

3 *ibid.*, p. 20.

4 *ibid.*, p. 24



58. Revista 'Brasília' ed. 29
por NOVACAP / ArPDF, 1959

escalas do Plano Piloto
Delimitadas por Lúcio Costa em seu projeto para Brasília e ordenadas no Plano Diretor da cidade, as escalas são: Monumental, Residencial, Gregária, Bucólica.

ponto de ônibus
paragem de autocarro



59. Intervenção fotográfica onde o cacique pataxó Galdino Jesus dos Santos foi queimado em 1997.
por TV Globo / reprodução, 2018

ração simbólica se deu foram justamente as mídias de massa, que segundo Choay, tornam possível a *'semantização do monumento-sinal'*:

> *"É cada vez mais pela mediação da sua imagem, pela sua circulação e e difusão na imprensa, na televisão e no cinema, que esses sinais se dirigem às sociedades contemporâneas. [...] Qualquer construção, independente do seu destino, pode ser promovida a monumento pelas novas técnicas de comunicação."* [5]

A consciência desse potencial, expressa no desenho da nova capital, parecia ser muito claro para seus idealizadores. As imagens da cidade, construídas *"para legitimar/validar um discurso de 'progresso',"* [6] circularam em massa no país e no mundo. Brasília nasceu para ser *monumento*, em todas as escalas possíveis. A cidade está repleta deles: *monumento*s propriamente ditos, *edifícios-monumento* e até mesmo a própria cidade constitui-se enquanto uma espécie de *cidade-monumento*.

Existe no projeto urbano da cidade toda uma *escala* dedicada exclusivamente a essa função: a *escala monumental*. Estendendo-se linearmente por um dos dois eixos do desenho cruciforme de Costa, também chamado de monumental, o Eixo reúne os monumentos propriamente ditos e o complexo de *edifícios-monumento* que, em conjunto, constituem o *'palco simbólico da nação'*. Alvorada, Planalto, Itamaraty... Os palácios são muitos e sua inovação formal dissimula uma heteronomia estrutural. A capital ergue-se como um potente e arrojado sistema simbólico, capaz de evocar a memória de um projeto de emancipação nacional inconcluso.

Em oposição aos *monumento*s, criados deliberadamente, quais seriam os *monumentos históricos* da *'jovem'* cidade?

Antes de tudo, sua própria existência já é, por si só, reconhecida enquanto Patrimônio da Humanidade pela UNESCO desde 1987. Numa escala mais aproximada, os exemplos existentes são ligados à vida cotidiana da cidade, como a *Bicicleta Branca no Eixão*; a tragédias, como o ponto de ônibus onde queimaram vivo Galdino; ou por associação à filhos ilustres da cidade, como a casa de Renato Russo, por exemplo.

No Eixo Monumental não encontramos muitos exemplos. A já mencionada Praça do Cruzeiro, *monumentalizada,* se enquadraria como *monumento histórico* e não muito mais.

Um caso interessante é o do futuro Museu da Democracia, previsto como um dos próximos edifícios-monumento no Eixo Monumental. O jornalista Chico Sant'Anna sugere que um museu dessa natureza, deveria sobrepor-se a um lugar de relevância simbólica, resignificando-o, ou seja, tornando-o um '*monumento-histórico*'. Como alternativa, ele propõe sua construção sobre as ruínas da Escola Superior de Guerra, uma estrutura relacionada ao regime militar que hoje encontra-se abandonada.[7] No entanto, as notícias mais recentes parecem indicar que a atual administração da cidade continua a preferir os *edifícios-monumento*.

5 Choay, Françoise. *A Alegoria Do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 20.

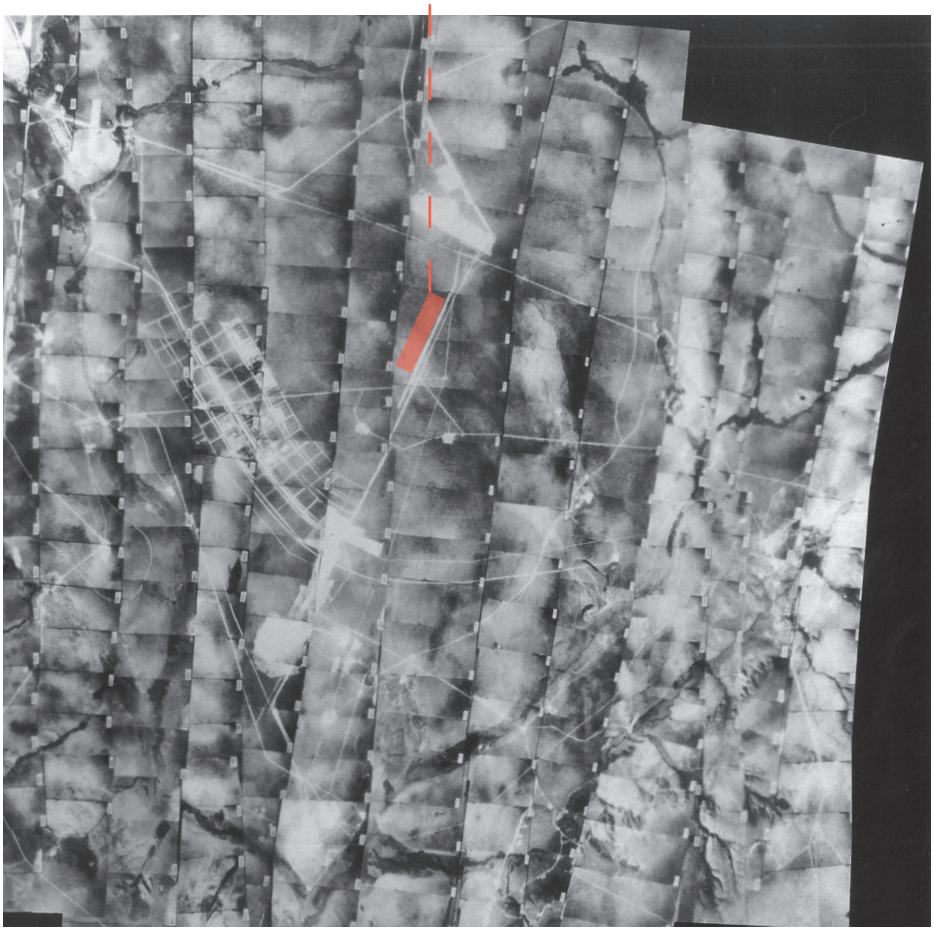
6 Miguel, Ciro. "*White Buildings, Red Dust: Brasilia in Ektachrome Colour.*" Sophia Journal 8, no. 1, 2023, p. 138.

7 Sant'Anna, Chico, "Museu Da Democracia," BSB Capital, 2024.



60. Cerrado nativo remanescente no Plano Piloto

Área preservada no
Parque Ecológico das Sucupiras



61. Aerofotogrametria do Plano Piloto em construção
a.d. / Arquivo Brasília



62. Asa Sul 'pelada'
por Lúcio Costa / Casa da Arquitectura



63. Asa Sul 'verdejante'
por Nelson Kon, 2010

cidades-satélite
Núcleos urbanos que surgiram e se desenvolveram no entorno de Brasília, mas que possuem autonomia e são consideradas como bairros ou regiões administrativas do Distrito Federal, como Ceilândia, Taguatinga e Samambaia.

mineiro
Nativo do estado de Minas Gerais.

carioca
Nativo da cidade do Rio de Janeiro.



64. Praça dos Cristais
por Nelson Kon, 2010

De acordo com Choay, o minguar do *monumento — 'criado deliberadamente'* — lega ao *monumento histórico* "a capacidade de edificar os monumentos *'autênticos'* na contemporaneidade." [8] Destaca-se o caso da *'memorialização'* do campo de batalha de Verdun, importante sítio no teatro de guerra da Primeira Guerra Mundial, onde *"não foi necessário qualquer artista intercessor, bastou uma simples operação metonímica. O peso do real, de uma realidade intimamente associada à dos eventos comemorados é aqui mais poderoso do que qualquer símbolo. O campo, tornado monumento, participa da relíquia."* [9]

O exemplo de Verdun evidencia a capacidade da *paisagem* para que lhe seja atribuída uma função de *memória*. Essa disponibilidade, entretanto, de acordo com Michel Corajoud, não se restringe, necessariamente, a situações de clara excepcionalidade, como no caso do campo de batalha francês:

> *"Ao falar sobre a* paisagem*, o autor observou que ela é 'antes de tudo uma arte fundada na anterioridade. Cada paisagem é, de várias maneiras (mesmo que apenas por seu abandono), historicamente construída, um estado memorável dos atos humanos que a produziram, desenvolveram, utilizaram, submeteram ou rejeitaram. Os sinais de inúmeras organizações sociais e produtivas habitam o espaço, marcando-o de forma abrupta com cicatrizes que evidenciam suas rupturas e continuidades. A percepção deve ser ativa, investigando de todos os lados através de uma infinidade de termos de sua acumulação. Tanto o campo quanto a cidade são produtos de uma relação de interdependência entre a natureza original como local e material, e a humanidade, que está embutida em relações sociais específicas e mutáveis. Essas relações entrelaçadas conferem ao espaço um significado.'"* [10]

O Plano Piloto de Brasília, diferentemente da maioria das cidades-satélite que o circundam, é bastante arborizado. Os espaços verdes na cidade são, entretanto, artificiais. Dos *cinturões verdes* das superquadras de Lúcio Costa ao Parque da Cidade de Roberto Burle-Marx, os jardins urbanos da cidade foram, em sua maioria, construídos. [11]

A vegetação do Cerrado foi substituída, em grande parte, na área urbana planejada da cidade e em seu lugar foram introduzidas espécies comuns em outras regiões do país. Uma área verde *'antiga'* no Plano Piloto, ou seja, onde as árvores introduzidas já se desenvolveram, remete mais aos vistosos bosques da Mata Atlântica do que a paisagem savânica que circundava a cidade. Patrocinada politicamente por um mineiro e de traçado marcadamente *'carioca'*, a nova capital trouxe consigo, para além da estrutura administrativa do Estado, a vegetação de preferência de seus idealizadores.

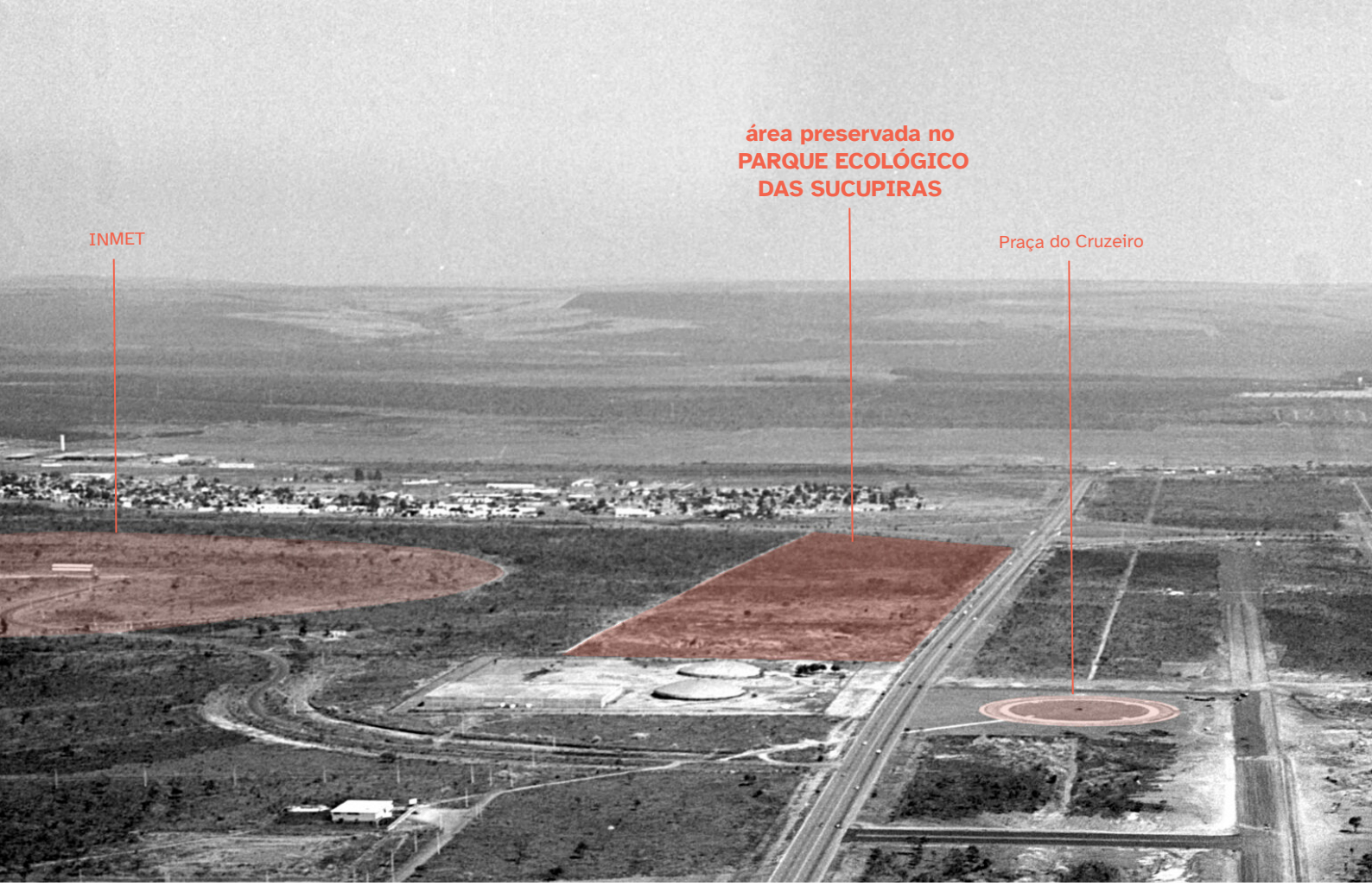
Os espaços de Cerrado remanescentes no Plano Piloto ficaram relegados ao segundo plano e, em geral, não configuram *espaços de estar*. Os trechos de

8 Choay, Françoise. *A Alegoria do Património.* Lisboa: Edições 70, 2000, p. 20.

9 *ibid.*, p. 21.

10 Corajoud, Michael. *Le passage, c'est l'endroit ou ce ciel et la Terre se touchent,* Paris: 2010; em Paupério, João; Rebelo, Maria. *Atelier Local: After Five Years of Living*. Lisboa: Exemplo Books, 2024, p. 21.

11 Amaral, Tauana Ramthum do. "*Brasília e o Cerrado: Leituras do Território por Meio da Paisagem.*" Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2021, p. 105-106.



65. Praça do Cruzeiro, Eixo Monumental, INMET
a.d. / ArPDF, 1960

mata autóctone remanescentes podem ser encontrados em lotes cercados, pertencentes a algum órgão público que ainda não construiu nada ali, como era o caso do terreno da Marinha adjacente ao Parque; ou como zonas *'tampão'* entre a rua e algum edifício público importante, como no caso do Palácio do Jaburu, residência oficial do Vice-Presidente. Por isso, não é de se estranhar que, no vocabulário urbano brasiliense*, o Cerrado é entendido enquanto 'vazio'* - um *terrain vague* que está a espera de, pela construção, tornar-se *'algo'*.

As reminiscências do bioma original na área central da cidade são escassos e desconexos. O Parque das Sucupiras é uma importante *'ilha'* no que hoje é um tímido *'arquipélago'* savânico, vegetação que, outrora, cobria toda a região. Sua qualidade de *santuário*, reforça o quanto o Cerrado é um verdadeiro *vestígio* no Plano Piloto, legado concreto dos projetos de ocupação territorial predatórios no Centro-Oeste brasileiro.

Antropoceno
Proposta de uma nova época geológica em que as atividades humanas causam um impacto significativo e irreversível no planeta, alterando a Terra e seus processos de forma mais intensa do que muitas forças naturais.

•

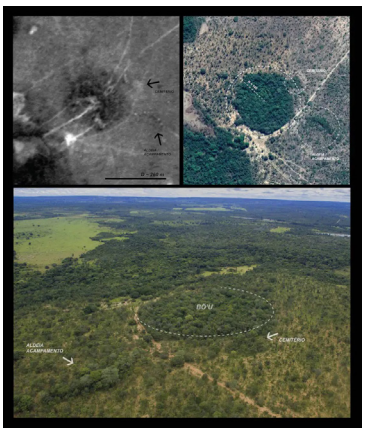
Em tempos de Antropoceno e catástrofe climática iminente, o repensar das práticas arquitetônicas têm oferecido ferramentas pioneiras na construção de estratégias de *prolongamento*. Em um verdadeiro *"esforço criativo de para a derrubada de narrativas culturais existentes,"* [12] ao investigar alguns paradoxos intrínsecos à disciplina, os debates em torno do patrimônio têm revelado algum potencial subversivo.

Um exemplo importante nesse sentido é o trabalho de Paulo Tavares, de quem pego emprestado o título desse capítulo. Em *Memória da Terra*, o arquiteto, junto ao povo Aúwe-Xavante de Marãiwatsédé, apresenta evidências concretas do



66. Sucupira no PES
em Parque Ecológico Sucupiras / Flickr, 2007

12 Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 81.



67. Antigo assentamento de Bö'u, em 'Memória da Terra'
por agência autônoma, 2022

caráter antropogênico de várias formações vegetais no estado do Mato Grosso cuja morfologia coincide com as de antigos assentamentos Xavante, que foram expulsos daquelas terras por latifundiários da soja no processo de ocupação econômica do Cerrado. [13]

O documento reivindica junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), aqueles bosques — *vestígios vivos* — enquanto sítios arqueológicos, com o intuito de devolver aos Marãiwatsédé o controle sobre uma pequena parte de suas terras ancestrais, das quais encontram-se interditos desde meados do século passado.

Ao sugerir uma sobreposição total entre *patrimônio cultural* e o *natural*, Tavares, de forma subversiva, dispõe taticamente dos sistemas legais de proteção ao *patrimônio cultural*, disponibilizando-os às comunidades indígenas com quem trabalha como ferramentas adicionais de luta e, eventualmente, maior capacidade de autodeterminação sobre seus territórios, ao mesmo tempo que tenciona importantes pressupostos disciplinares:

> *"Podem-se reivindicar as árvores como monumento? E tudo isso pode ser uma intervenção arquitetônica? [...] Uma intervenção que descolonize a arquitetura ao desafiar noções básicas de projeto, patrimônio, espaço construído, cultura, natureza ou humanidade?" [...] A violência colonial (simbólica e física) da modernidade, a memória e a reparação (social e ambiental), e a abertura a outras formas de relação entre natureza e cidade através de epistemologias e arquiteturas não ocidentais [...] Neste caminho, a floresta assume papel central, tanto como antítese e inimiga da arquitetura, seu objeto de colonização por excelência, quanto como manifestação de uma arquitetura radicalmente distinta, fruto de um projeto que vai além do humano, apontando para a construção de uma outra* polis, *ou seja, outro espaço do político, transversal em sua construção coletiva e multiespécie. [...] A geometria arquitetural dessas formações revela sua natureza antropogênica,* 'construída', *propriamente arqueológica. São de fato, ruínas de uma arquitetura do passado, mas ruínas vivas como florestas. [...] Árvores como ruínas, floresta como arquitetura, terra como patrimônio."* [14]

As implicações do reconhecimento de formas não-ocidentais de arquitetura, aplicadas às questões patrimoniais, não são apenas justas do ponto de vista antropológico, mas acabam também por ampliar os horizontes de uma prática arquitetônica pertinente para os desafios de hoje. A arquiteta Charlotte Malterre-Barthes, ao convocar uma *'moratória sobre novas construções'*, reforça a centralidade da questão patrimonial — subversiva — dentro de sua proposta:

> *"Uma valorização 'total' do existente — desde edifícios até à camada superior do solo — implica uma redefinição do patrimônio como algo que se aplica a mais do que artefatos a serem protegidos: pode ser aplicado a espaços que acolhem a vida, evoluem e se adaptam para atender às*

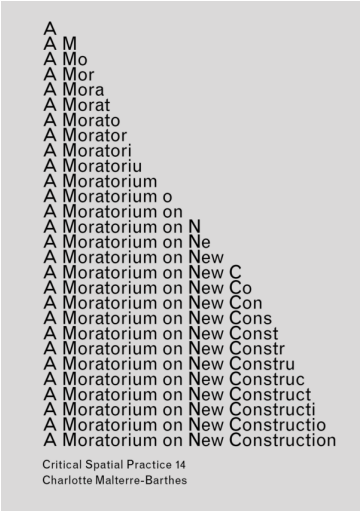
13 Tavares, Paulo. *Derechos No Humanos Y Otros Ensayos Acerca De La Arquitectura Del Bosque*. Lugo: Bartlebooth, 2022, p. 27-31.

14 *ibid., p. 57 e p. 74.*

necessidades contemporâneas. [...] O patrimônio é, portanto, fundamental para a manutenção do nosso ambiente construído e não construído. [...] Que os marcos legais que protegem edifícios de valor cultural, estético e histórico podem ser estendidos a todas as outras coisas — espaciais, culturais, não humanas e todos os componentes vivos." [15]

Com diferentes embasamentos, mas de forma análoga ao trabalho desenvolvido por Tavares, interpretar o Parque das Sucupiras como *vestígio* e admitir seu valor como *documento* da construção da paisagem brasiliense poderia viabilizar categorias legais adicionais para fortalecer o manejo proposto. Por sua localização — em uma área de relevância como Brasília e o Eixo Monumental — a categoria, defasada, de *monumento* poderia, taticamente, servir como um *'dispositivo de defesa,'* evocando seu potencial de salvaguarda. [16]

O que deveria ser, portanto, um *memorial* para o Cerrado no Parque das Sucupiras senão o próprio Parque e o Cerrado — *vivo* — que ele mantém?



68. 'Um moratório sobre as novas construções'
de Charlotte Malterre-Barthes, 2025



69. Recuperação do Cerrado nativo no PES
por Fernando Lopes, 2022

70. Parque Ecológico das Sucupiras, Capela Militar ao fundo
em Parque Ecológico Sucupiras / Flickr, 2009

15 Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025, p. 83-88.

16 Choay, Françoise. *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, 2000, p. 16.



A REVOLUÇÃO FAZ O BOM TEMPO

por Eduardo Viveiros de Castro

"Eu acho que há duas maneiras de conceber esse *antropos* que não somos *nós*. Como pensar um 'nós' que não somos *nós*, visto que 'nós' é um pronome perigoso por excelência? Como pensar esse 'outro'?

Eu acho que há duas maneiras de conceber esse 'outro', esse 'não-ocidental', esse 'não-capitalista', essa 'outra classe', essa 'outra espécie', enfim, esse 'outro humano'. Quem é esse 'outro humano'? Acho que há duas maneiras básicas de pensar esse 'outro humano':

Ou você imagina esse 'outro' como um *Pobre* [...], isto é, como vítimas de um de um sistema injusto, de um sistema maligno. Mas, a relação com você é uma relação essencialmente em que o *Pobre* é uma versão diminuída — uma versão pobre — de você mesmo. O *Pobre,* então, é aquele que você deve tirar da pobreza. É alguém que você vai transformar em alguém parecido com você. Você vai tirá-lo da pobreza, vai "despauperizá-lo" e, portanto, o Pobre é essencialmente um *eu* pobre.

[Em alternativa], você pensa esse 'outro' como um *Índio*, isto é, como alguém que *não* está, de forma alguma, interessado em ser você e cuja diferença com você não se mede pela quantidade, mas pela qualidade, e que, portanto, **o problema não é tirá-lo da situação onde ele está, mas associar-se à sua luta para que ele possa permanecer sendo o que ele. é. E aí você tem uma outra política.**

No Brasil isso é muito claro. O governo brasileiro presente pensa o *Índio* como um *Pobre*. Não só pensa como o transforma em um *Pobre*. Toda a política governamental brasileira é: *como vamos transformar o Índio em Pobre para em seguida incluí-lo nos programas de inclusão social?*

Para você incluir o *Índio* no sistema você precisa primeiro desindianizá-lo, porque *Índio* mesmo é — para utilizar uma expressão gaulesa — irredutível. Já o *Pobre*, ao contrário, é um objeto da caridade, um objeto das políticas públicas, é alguém que deve ser assistido.

O governo brasileiro trata índio como pobre. Pensá-lo como pobre é transformá-lo em *Pobre*. A alternativa é pensar o *Pobre* como *Índio*. Isto é, dar ao *Pobre* as condições de exercer plenamente o seu potencial de diferir e, portanto, implica em uma outra maneira de pensar o país, a política, a luta de classes e assim por diante.

Uma coisa é você ter pobres e não-pobres outra coisa você ter índios e brancos. Toda a questão se resume em pensar o índio como pobre ou pensar o pobre como índio.[...] É preciso pensar todos aqueles que nós chamávamos de Pobre — categoria estatística, isto é, categoria de Estado — em Índios — categoria antropológica, isto é, categoria *contra* o Estado." [1]

71. Ligas camponesas
a.d. / Documentos Revelados, 1955-64

1 Viveiros de Castro, Eduardo. *A Revolução Faz O Bom Tempo*. Youtube: Os Mil Nomes de Gaia, 2015.

03 | nota cartográfica





72. Kubitschek e Costa na construção do Eixo Monumental
a.d. / ArPDF, 1957

PARTE TRÊS

monumentalidade à margem



PROPOSTA: *MEMORIAL VIVO DO CERRADO*

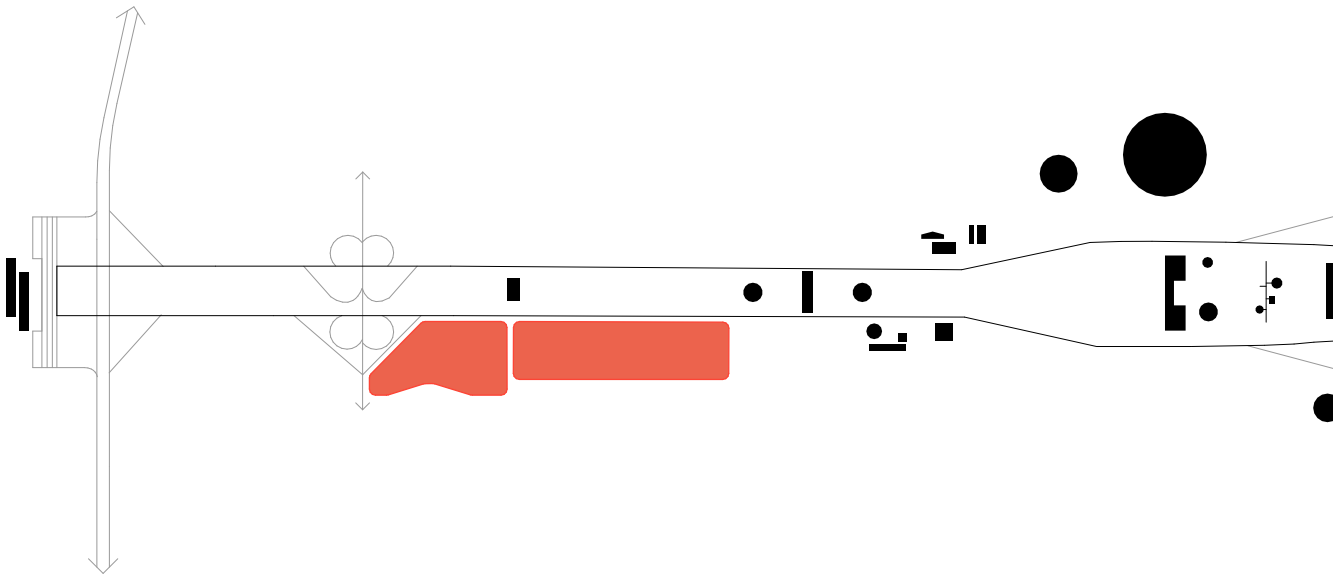
O projeto do Plano Piloto de Brasília prevê quatro escalas: *Monumental, Residencial, Gregária e Bucólica*. O Parque das Sucupiras, por estar disponível de forma condicionada ao público, enquadrar-se-ia na escala *bucólica* da cidade.

Entretanto, o conjunto das condições nas quais se insere o Parque permite tirar partido desse zoneamento presente no desenho de Brasília, evidenciando as distorções que estão presentes em toda a história da cidade, posto que hoje é uma cobiçada fronteira de expansão de construções destinadas à habitação no Setor Sudoeste.

A compreensão do Cerrado como patrimônio natural aliada à proximidade do Parque em relação ao Eixo Monumental — patrimônio arquitetônico de relevância internacional — representa uma oportunidade de propor a pergunta: *se a manutenção dos biomas é condição para a qualidade da vida nas cidades e no planeta como um todo, não pode o Cerrado ser patrimônio arquitetônico?*

Propõe-se, então, a inclusão do Parque Ecológico das Sucupiras no circuito de monumentos e equipamentos culturais articulados no Eixo Monumental, como *Memorial Vivo do Cerrado*. O valor documental da vegetação ali preservada, paisagem cultural e natural da cidade, sobrepostas, passaria também a compor, a partir de então, a intersecção entre as escalas *bucólica* e *monumental*, permitindo a aplicação de categorias legais adicionais que reforçam o manejo e a preservação do espaço e do Cerrado nativo.

A proposta de um '*memorial-vivo*' para o Cerrado, adota uma expressão



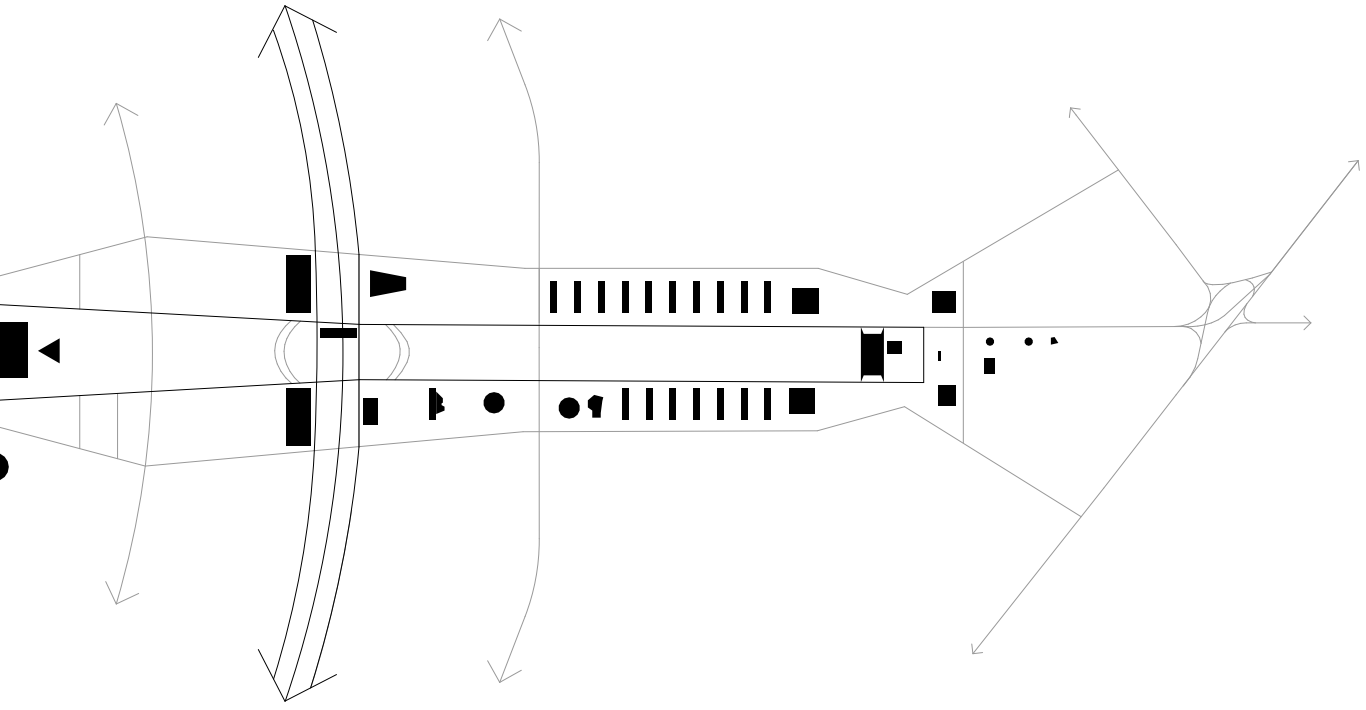
73. Circuito do Eixo Monumental

contraditória para expressar uma contradição: *ainda que esse bioma já não exista como* 'natureza natural' *no Plano Piloto, ele não poderá existir como* natureza socialmente fabricada*?* [1]

O que se propõe é a formalização dessas contradições numa resposta às necessidades do Parque e da comunidade que o mantém. No decorrer da historia da cidade, as adições feitas no circuito do Eixo Monumental têm sido sintomáticas da situação política vigente no país.

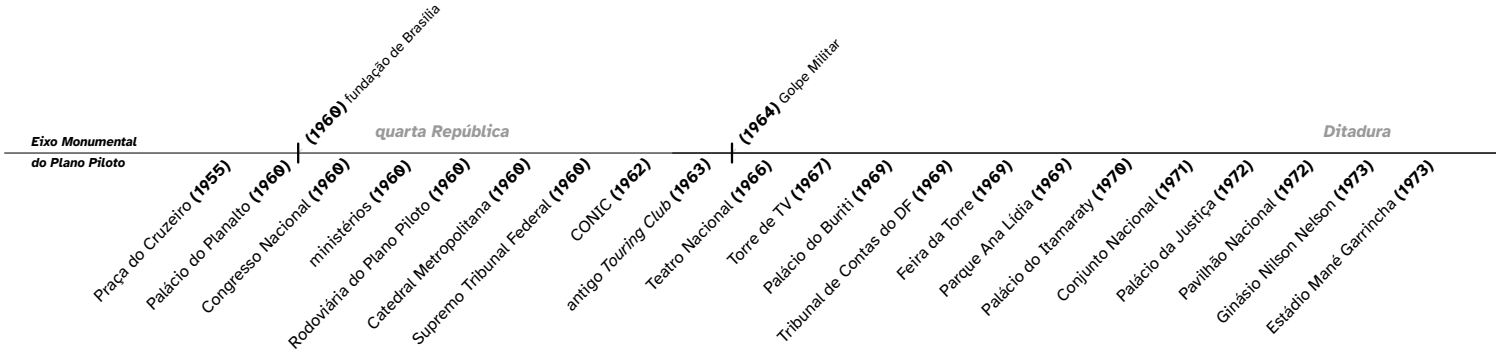
Sérgio Bernardes, a mando do regime militar, cravou na Praça dos Três Poderes o 'patriótico' *Pavilhão Nacional* (1972); o caldo da redemocratização opôs o *Memorial JK* (1981), mausoléu do *'bandeirante moderno'*, ao *Memorial dos Povos Indígenas* (1984) nas imediações de onde reuniram-se para a 'primeira missa' da nova capital. Em um futuro próximo, prevê-se ali a construção do sempre adiado *'Museu da Democracia*' e do sintomático *'Museu da Bíblia*': *"Bíblia e democracia vão estar unidos",* anuncia o atual (2025) governador do Distrito Federal.[2] A tragédia, exaustivamente repetida como farsa, é reelaborada mais uma vez, a despeito de seu semblante caricatural e moribundo.

Tirando proveito da sua implantação e do traçado urbano de Brasília, a formalização do Parque Ecológico como *Memorial* pode materializar uma presença que faça frente a esses vetores que caracterizam Brasília. Marcaria, assim, posição tanto em relação ao apelo simbólico que representa o Eixo Monumental, quanto ao motor concreto que é o avanço da especulação imobiliária.



1 Como de resto é também o caso da ideia de '*natureza-natural*'?

2 Souza, Carinne; Bastos, Fernanda. "*Ibaneis Retoma Proposta De Construir 'Museu Da Bíblia' No Centro De Brasília Por R$ 74 Milhões*." G1 DF, 2025.



74. Cruzeiro
a.d. / ArPDF, 1955

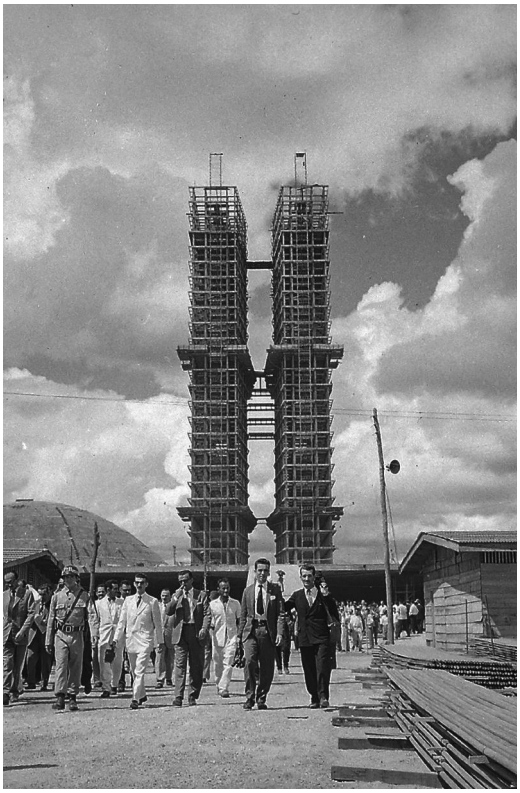


75. Esplanada dos Ministérios
a.d. / Arquivo Nacional, 1959



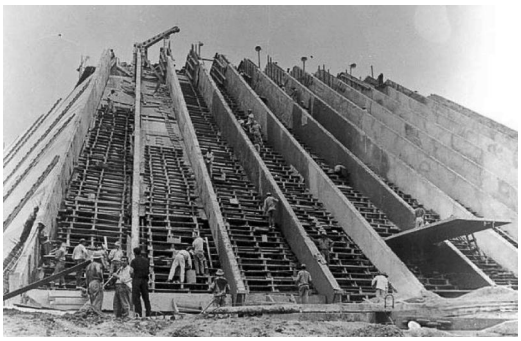
76. Catedral Metropolitana
Jankiel Gonczarowska, 1959





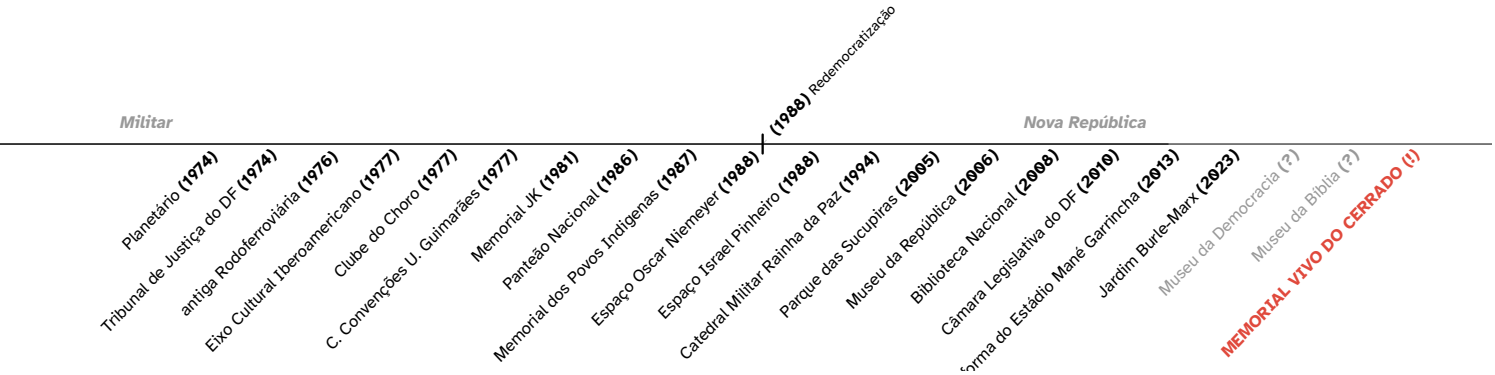
77. Congresso Nacional
a.d. / Arquivo Nacional, 1959

78. Teatro Nacional
a.d. / Arquivo Nacional, 1966





79. Torre de TV
a.d. / ArPDF, 1960



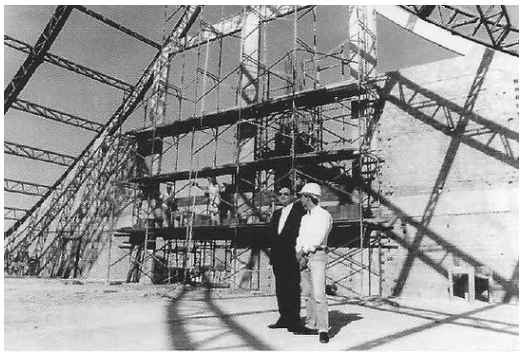
80. Pavilhão Nacional
a.d. / Acervo Sergio Bernardes, 1972





81. Memorial dos Povos Indígenas
a.d. / ArPDF, 1985

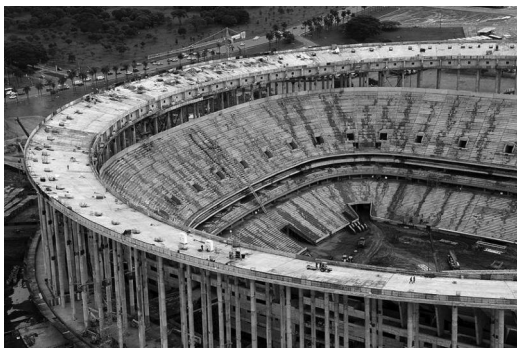
82. Catedral Militar Rainha da Paz
a.d. / CMRP, 1993





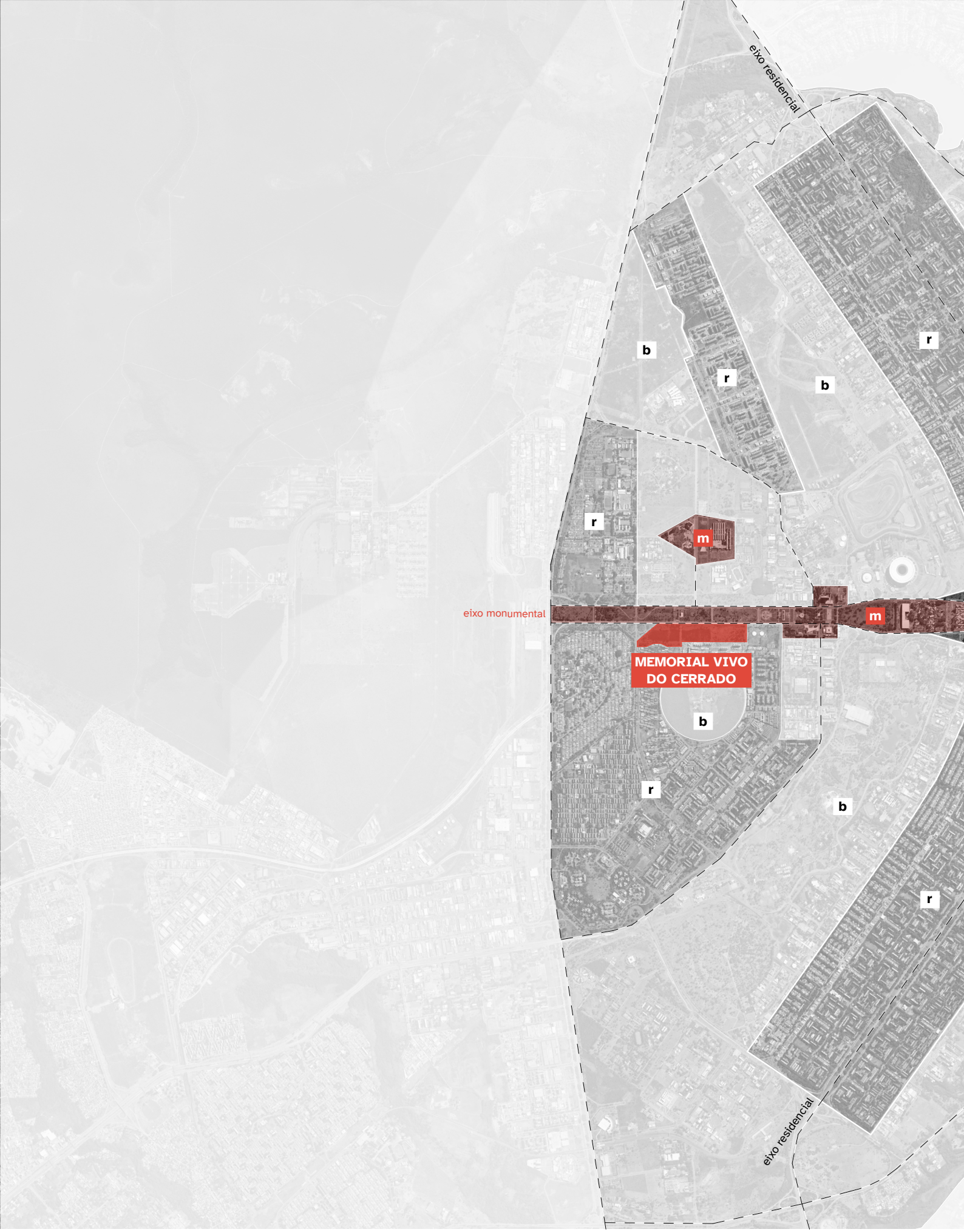
83. Museu da Repúbica, 2004/5.
a.d. / Facebook, 2004/5

84. Reforma do Mané Garrincha
a.d. / Metrópoles, 2012-13



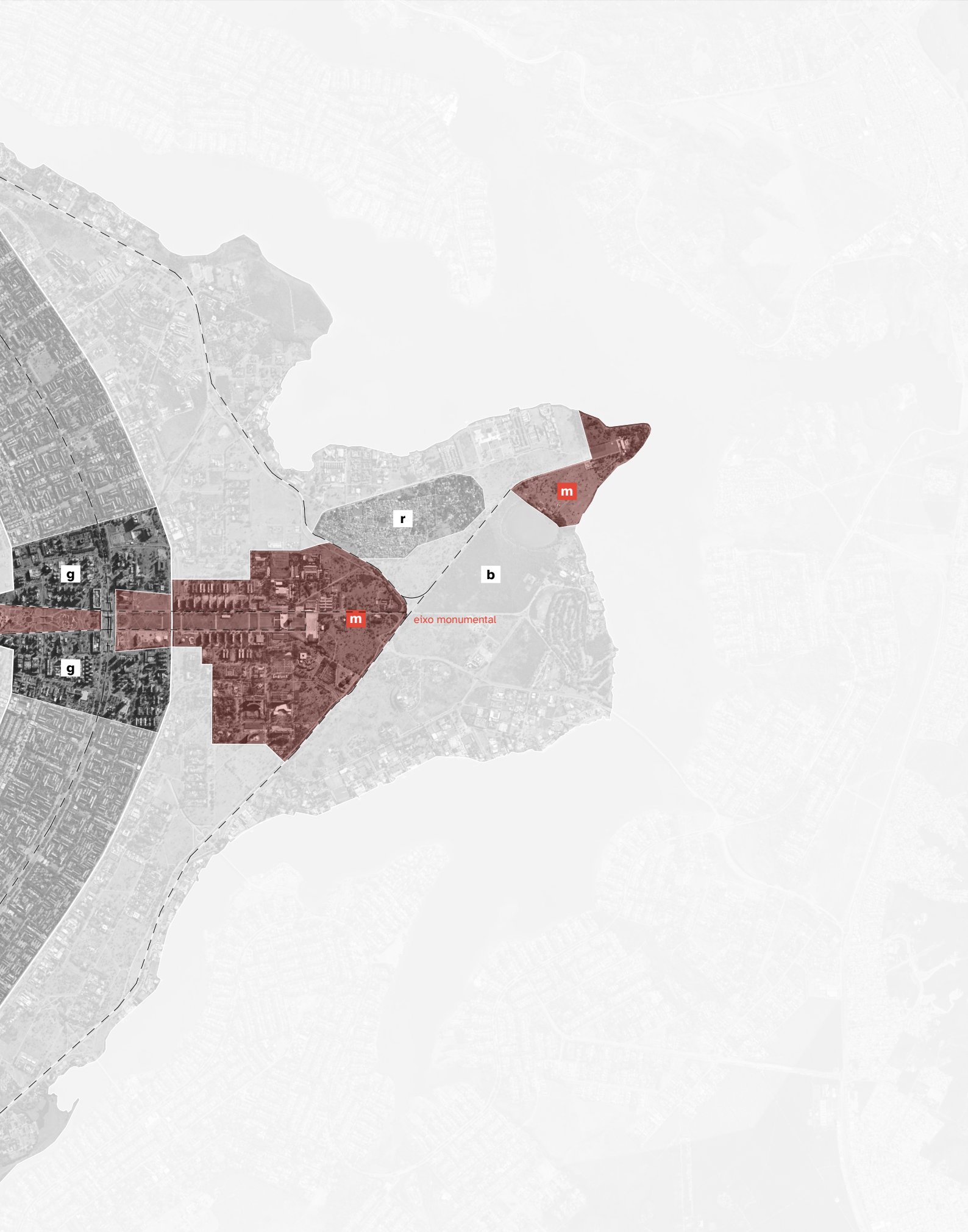


85. Parque Ecológico das Sucupiras: MEMORIAL VIVO DO CERRADO
a.d. / Agência Brasília

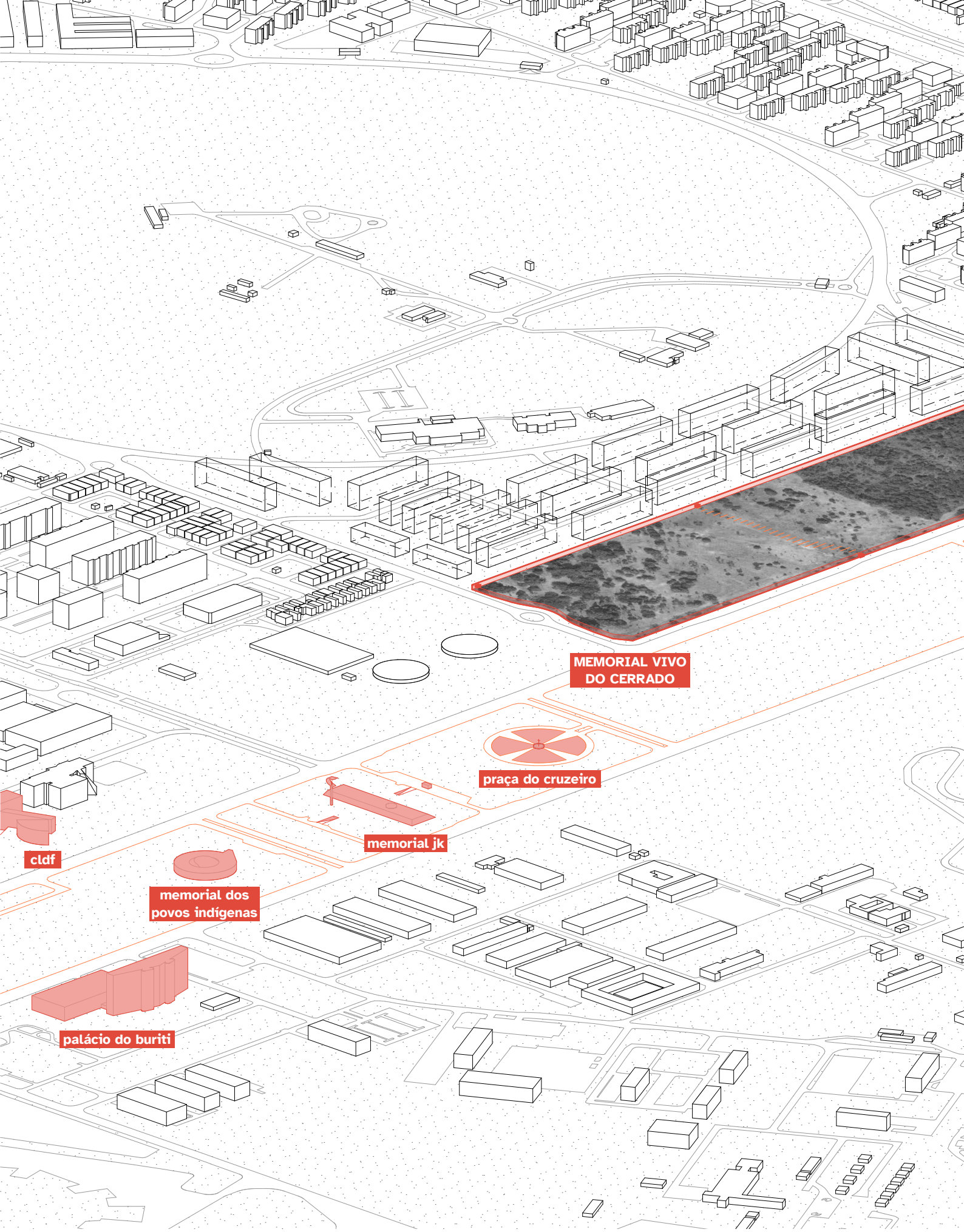


86. Escalas predominantes no Plano Piloto

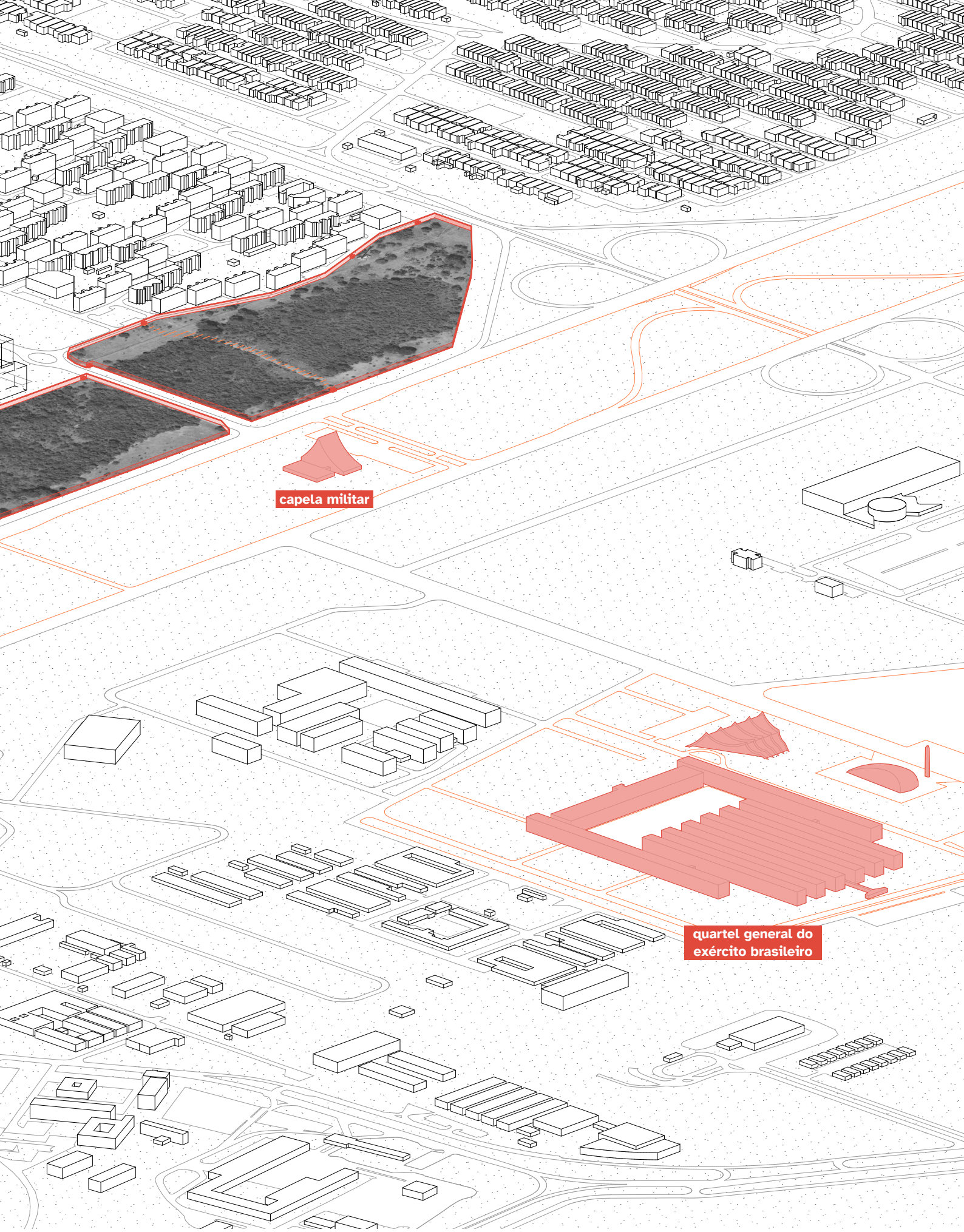
m monumental r residencial g gregária b bucólica

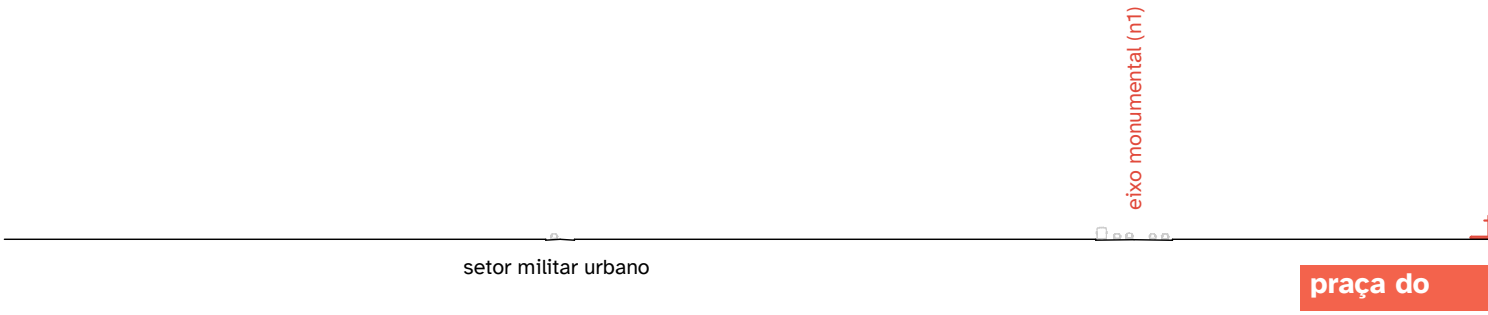


0 1km 5km

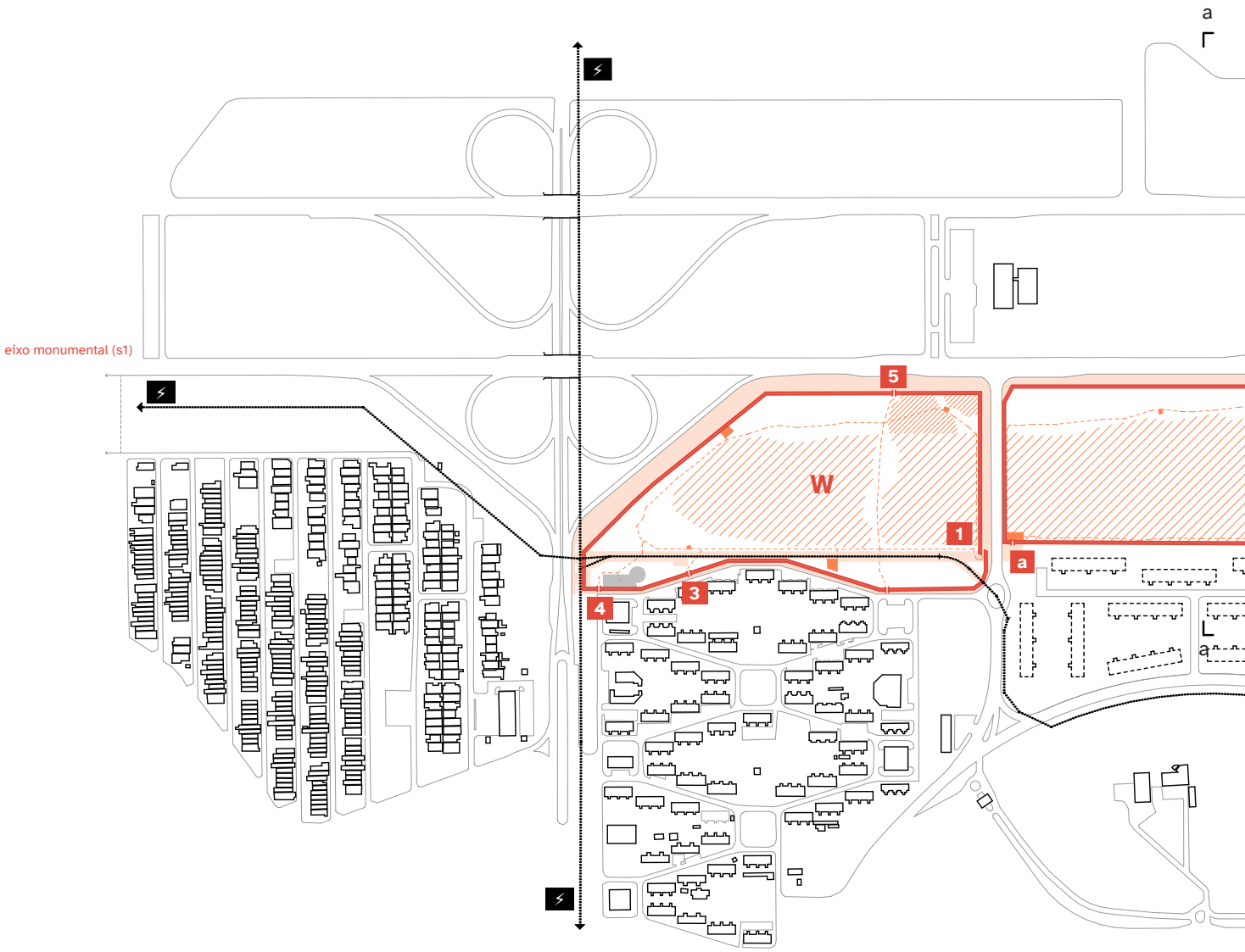


87. Inserção na Escala Monumental
1:4500

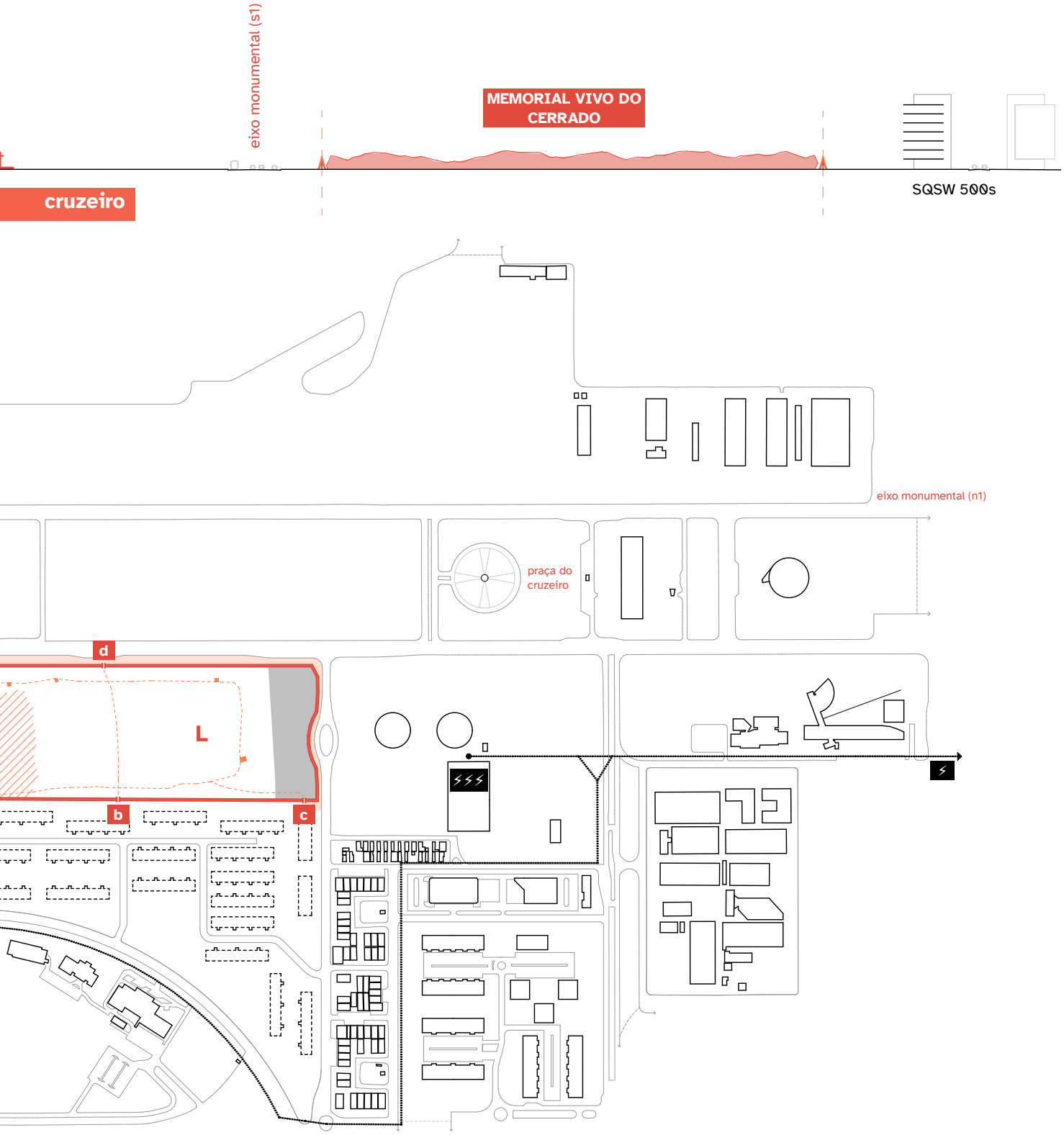

capela militar
quartel general do
exército brasileiro



88. Corte 'a' pelo Eixo Monumental
1:2000



89. Parque Ecológico das Sucupiras: MEMORIAL VIVO DO CERRADO
1:7500



mata nativa
bosque
limite
2 portão
trilhas
'pracinhas'
infraestrutura
fiação
diferentes interesses públicos

PROGRAMA: *LIMITE E SUPORTE*

A formalização do Memorial Vivo do Cerrado, associada ao Plano de Manejo do Parque Ecológico das Sucupiras pode ser resumida, para efeitos de projeto arquitetônico, no desenho do *limite* e no desenho dos *suportes*. Para referirmos-nos às duas parcelas que compõem o Memorial, adotar-se-á um sistema organizativo similar ao utilizado no resto da cidade: à sua porção *oeste* chama-se *W,* enquanto sua porção *leste* chama-se *L*.



A formalização de uma fronteira para o Memorial — o *limite* — faz-se necessária para mediar a relação entre a mata protegida e a cidade que o cerca. O acesso limitado ao PES, que encontra-se cercado desde meados de 2022, é uma medida de contingência dos efeitos prejudiciais que o *'modo de vida contemporâneo'* tem acarretado sobre o Cerrado na reserva. [1]

Um ponto sensível dessa mediação é controle de animais domésticos no parque, já que estes tem efeito deletério sobre a fauna local: lagartos, serpentes, e um grande número de pássaros chamam o parque de casa, mesmo que temporariamente. [2]

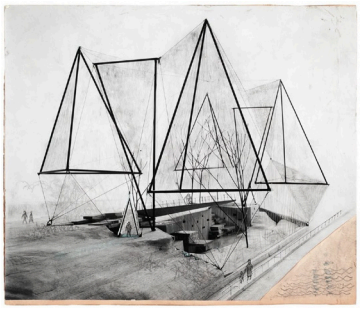
A cerca, enquanto dispositivo arquitetônico, é algo a se evitar. No entanto ela aparece aqui como uma elemento necessário para viabilizar o *prolongamento* do Cerrado protegido no PES. Uma espécie de torniquete que, não ideal, se faz necessário para estancar uma ferida para a qual ainda não encontramos remédio. As repercussões simbólicas da intervenção serão abordadas mais a frente.

O desenho do limite demanda uma solução que proteja sem isolar e que encerre sem sufocar. Como resposta, propõe-se uma cerca composta por um elemento simples, tensionado e translúcido, que possa ter sua forma ajustada conforme coincida com as árvores pré-existentes sem que se perca a clareza de escala como reação ao seu entorno.

Para configurar os acessos, projetam-se umbrais que pontuam ritmo do limite. Desenhados como paredes de taipa realizadas com a rubra terra local, esses elementos configuram os portões de acesso controlado, na medida que criam situações claras de excessão no perímetro cercado do Memorial. Sua quantidade e implantação estão especificadas no Plano de Manejo, que as posiciona junto aos conjuntos de blocos circundantes e aos caminhos de terra pré-existentes, conhecidos em Brasília como *linhas do desejo*. [3]



90. Cercamento do PES
em APES / Facebook, 2022.



91. Aviário Snowdon no Jardim Zoológico de Londres
por Cédric Price, Lord Snowdon e Frank Newby / CCA, 1961.



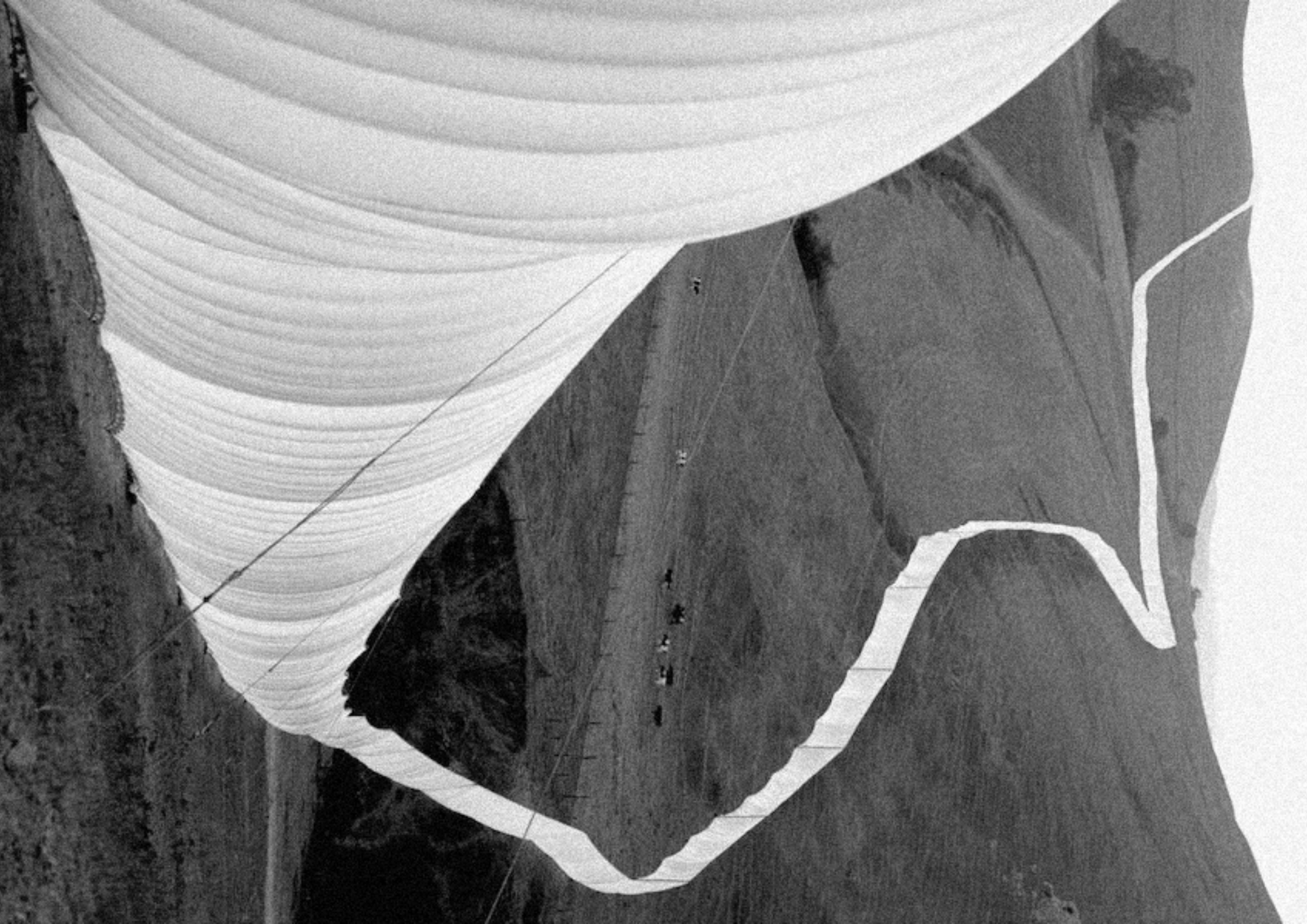
92. 'Linha do desejo' no PES
em Parque Ecológico Sucupira / Flickr, 2005.

93. 'Running Fence'
por Christo e Jeanne-Claude, 1976.

1 Moreno, Saulo. "*Plano De Manejo Do Parque Das Sucupiras é Tema De Ciclo De Palestras.*" Agência Brasília, 2023.

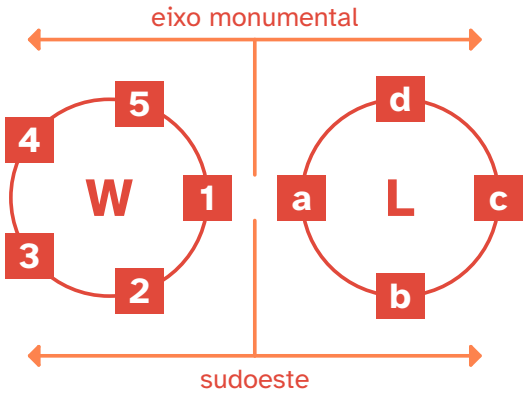
2 ECOSOUL. *Elaboração do Plano de Manejo Do Parque Ecológico Das Sucupiras.* Brasília: IBRAM, 2022, p. 16-17.

3 Alegretti, Laís. "'*Linhas De Desejo': Os Caminhos Inventados Por Pedestres Na Cidade Feita Para Carros.*" BBC News Brasil, 2022.



Tira-se partido destes trajetos, caminhos orgânicos que surgem dos atravessamentos que conectam a rede viária do Eixo Monumental com os blocos residenciais a sul do Parque. A pré-existência dessas trilhas evidencia como os trabalhadores, em especial os da construção e manutenção do Sudoeste, em paralelo aos membros da Associação, tem configurado espacialmente o Parque. O fazem apesar da precariedade de condições encontradas no local e, de forma mais ampla, de um planejamento de transportes insuficiente para um tecido urbano tão espraiado quanto o da Área Metropolitana de Brasília.

Para conferir condições dignas a esse pedestre, os caminhos associados ao trabalho, serão formalizados de forma sutil e permeável. Os demais percursos previstos no Plano, servirão como trilhas que atravessam as zonas de mata nativa existente e que se almeja recuperar. Portanto, para que se permita a '*organicidade*' adequada, os caminhos dessa natureza não serão formalizados.

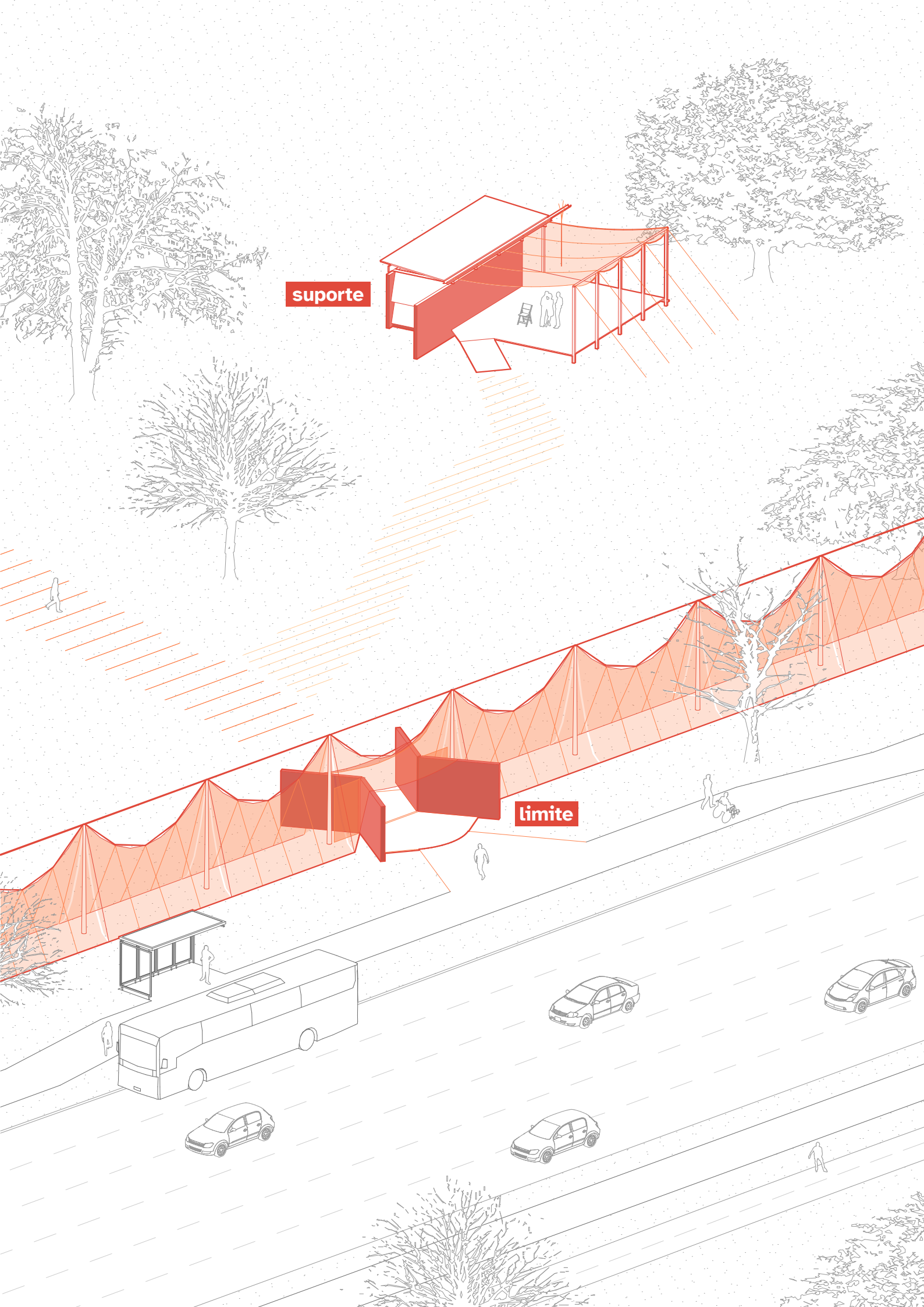


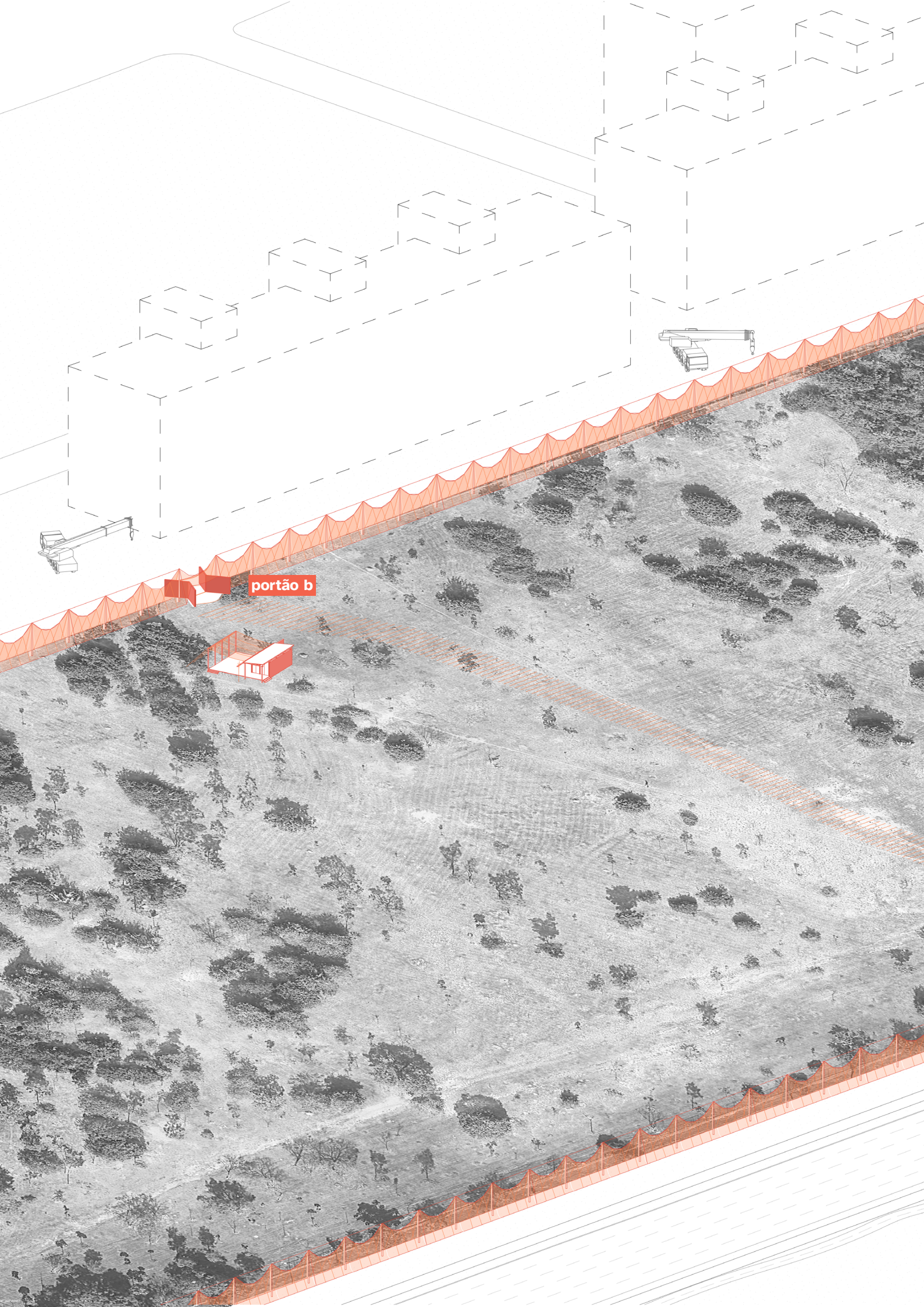
94. Esquema organizativo dos portões

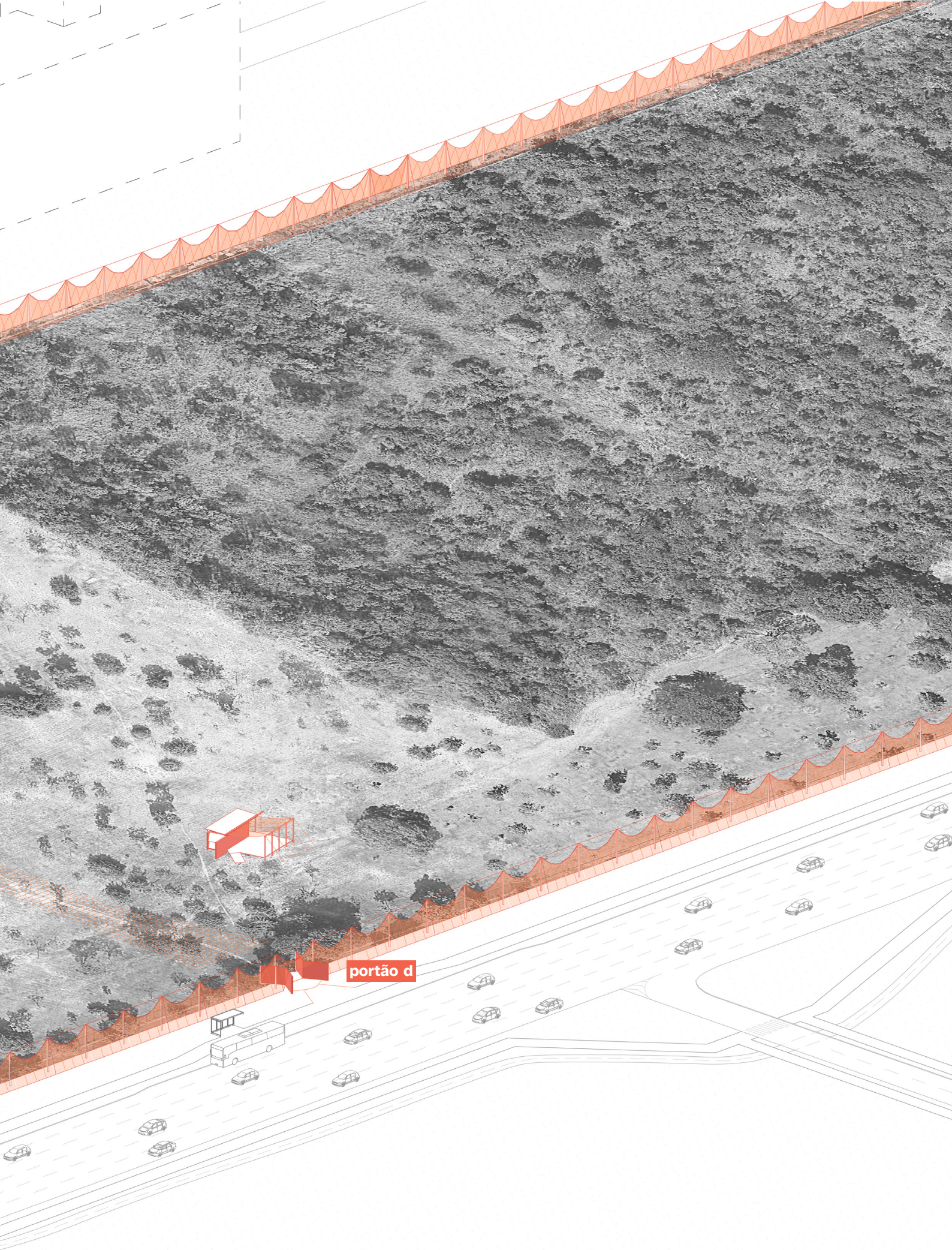
Acompanhando os acessos, propõe-se estruturas de *suporte*. Para garantir o cumprimento das diretrizes de funcionamento do Parque, estão previstos zeladores em cada portão, portanto, fez-se necessário a elaboração de estruturas de apoio.

Para além de oferecer aos futuros responsáveis pela vigia dos portões do PES a infrastetrutura necessária para se estar ali, as guaritas devem servir também de ponto de apoio para quem visita o Memorial Vivo do Cerrado, oferecendo *suporte* e ampararo ao utente.

95. Limite + Suporte
1:200


suporte
limite


portão b



96. Portões B e D
1:350





97.

CAMINHOS DO DESEJO?

por Diego Bresani

"Quem anda a pé em Brasília precisa, literalmente, abrir caminhos pelo chão. Nessa cidade, onde a gente vê muitos carros, muitas avenidas largas, muitas distâncias entre as coisas monumentais, os caminhos do desejo são, pra mim, rastros da presença humana na cidade. Ser pedestre em Brasília, no Plano Piloto, é muito difícil, é uma vida meio selvagem. Você tem que passar pelo meio do caminho, subir morro, descer morro, pra chegar em alguns prédios. [...]

Quem faz esses caminhos são os trabalhadores e trabalhadoras que não moram aqui. Quem faz esses caminhos é quem não tem o carro pra andar no Plano Piloto, e quem não tem o carro pra andar no Plano Piloto, na maioria das pessoas, são pessoas periféricas, pessoas que moram em cidades-satélites, cidades administrativas aqui em Brasília. Tanto que esses caminhos sempre vão desembocar numa parada de ônibus, ou num prédio residencial, ou num prédio burocrático, institucional, do governo.

Elas surgem e desaparecem de acordo com as necessidades das pessoas que caminham por elas. Se você vem [fotografar] às seis da manhã, você encontra basicamente homens [...] são pessoas que vão entrar na construção civil, pedreiros. Se você vem às oito, você encontra basicamente mulheres, que são babás, empregadas domésticas." [1]

"Caminhos do desejo existem em todos os lugares, mas o fato de eles acontecerem no Plano Piloto, que é planejado, pensado e que teve recursos para ser desenhado, de alguma maneira denuncia, é um sintoma de um problema que existe na cidade construída e pensada para o transporte de carro." [2]

1 Alegretti, Laís. "*'Linhas De Desejo': Os Caminhos Inventados Por Pedestres Na Cidade Feita Para Carros.*" BBC News Brasil, 2022.

2 Maciel, Nahima. "*Diego Bresani lança livro sobre as trilhas forjadas por pedestres no Plano Piloto.*" Correio Braziliense, 2025.

98. 'Linha do desejo' no Setor Comercial Sul
por Diego Bresani, 2016-24

04 | nota cartográfica



ESTRUTURA: *UMA GAMBIARRA*

Os elementos construídos, entretanto, não são propostos como construções perenes. Antes, visto que são propostos como uma resposta tática num contexto de produção de cidade desfavorável à sua existência, entende-se que sua construção precisa evidenciar seu caráter contingente: postes e telas, paredes feitas de terra e cabanas pontuando seu interior com pontos de apoio.

Essa '*outra monumentalidade*', que, como reivindicava Lina Bo Bardi não se quer '*elefântica*',[1] também pretende pôr em debate o papel da arquitetura em contextos de tensão social e cultural: *como pode o conteúdo de uma arquitetura ser perene quando seu uso segue as contingências de uma disputa?*

Pela grande extensão do perímetro do Parque, o *limite* seria, por si só, monumental. Se hoje não o é, deve-se ao vocabulário urbano da cidade: um trecho de Cerrado cercado é entendido como *'vazio'*, algo que ainda vai vir a ser. Há de romper com essa *'naturalização*' da realidade urbana brasiliense. [2]

O *limite* deve ser facilmente compreendido como algo distinto. Sua capacidade de produzir *'estranhamento*' torna-se fator importante para legitimá-lo enquanto monumento no circuito da escala monumental. Essa adição não almeja ser, contudo, uma integração completa, mas sim uma *'porém'*, um *asterisco*, um *contraponto*, já que a monumentalização, nesse caso, poderia comunicar, incorretamente, uma espécie de 'resolução' da questão que se está a tratar.

Nesse sentido, nos interessa o que diz Christián Huneeus ao discorrer sobre a obra do poeta chileno Nicanor Parra:

> *"O 'anti-poema' não é uma proposição externa ao poema, mas sim uma proposição interna que o contradiz. E é a tensão assim gerada que, ao não se resolver, determina sua força e atualidade."* [3]

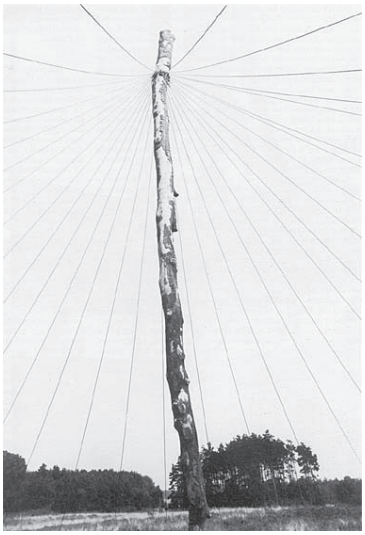
Da mesma forma, um contraponto ao monumento deve cultivar essa tensão. Para elaborar sobre um monumento '*anti-monumental*' em contexto brasileiro, recorrer-se-á a *'Gambiarra'*.

A palavra '*gambiarra*' é adotada aqui como uma provocação.[4] Poder-se-ia, ainda, adotar seu sentido mais vulgar, que remete a uma solução expedita para um problema urgente, muitas vezes relacionado a arranjos em infraestruturas — hidráulicas ou elétricas.

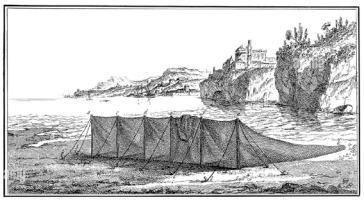
Seu emprego parte do reconhecimento de uma posição histórica: um sistema que insiste em produzir a destruição da sua própria base material como é o capitalismo e sua '*destruição criativa*' não é estranho a arranjos improvisados como recurso tático. A provocação que resulta é: *na urgência climática e ambiental presente, qualquer solução não será, necessariamente, expedita?*



99. Construindo 'Running Fence'
por Christo e Jeanne-Claude, 1976



100. 'Rising Trunk'
por Jan Meyer-Rogge, 1978.



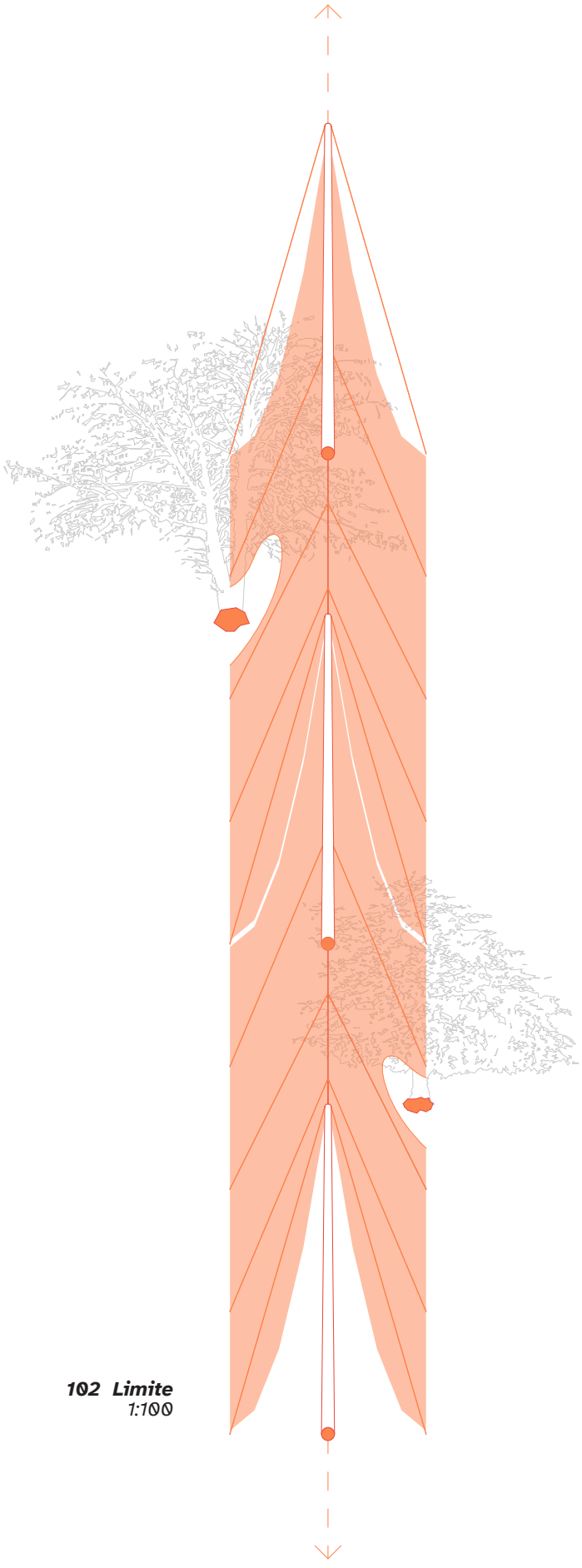
101. Ilustração de Rede de Pesca
por Denis Diderot / Enciclopédia, 1751-72

1 Bo Bardi, Lina. "*O Novo Trianon.*" Mirante das Artes, n. 5. São Paulo, 1967.

2 Gorelik, Adrián. "*Cidade, Cultura E Historiografia Na América Latina.*" Em *Arquitetura e Escrita: Relatos Do Ofício*, editado por Lira, José; Contier, Felipe; Sodré, João; Delecave, Jonas; Dedecca, Paula; Chahin, Samira; Próspero, Victor São Paulo: Romano Guerra, 2023, p. 330.

3 Huneeus, Christián. "*Sobre la Pesia de Parra*", Mensaje, n. 262. Santiago de Chile, 1977; em Radić, Smiljan. *Habitaré Mi Nombre*. Barcelona: Puente Editores, 2022, p. 44..

4 *"Por contraste, deslocar o foco da análise, olhando de uma posição* 'não-central', *pede ao pesquisador que olhe de dentro da periferia, às vezes voltando o olhar para o centro. Qualquer abordagem territorial decorrente dessa reorientação epistemológica envolverá investigar conceitos herdados e fronteiras disciplinares, trazendo à tona sujeitos anteriormente negligenciados, e demandará métodos não tradicionais e frequentemente completamente novos." Em* Topalović, Milica. "*Eclipse: Beyond the City Design across Center-Perphery.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024.



102 Limite
1:100





103.



104. Limite e Portão

"A gambiarra é um projeto de esperança. O arranjo precário de elementos mais ou menos descartáveis, mais ou menos presentes, como a insistência de um sistema em continuar funcionando.

À diferença das arquiteturas plenas, alusões a um passado perdido (e fabricado) ou miragens de um futuro ofuscante (fabricante), ou da arquitetura do abandono que é eterna porque se realiza à margem do tempo e do espaço, a gambiarra não é senão coisa histórica.

O capitalismo cresce por gambiarras: cada crise um puxadinho. Lembrando um complexo conventual, o sistema vai crescendo por brotamentos, vai se renovando enquanto preserva, a qualquer custo, o bom funcionamento da Ordem. Entra abade, sai abade, o culto precisa continuar.

O capitalismo tem fé em si próprio. A fé dos bispos e cardeais graúdos. Consciente de quem só tem a crescer, mesmo diante da turbulência, os acrescentos da doutrina brotam com a certeza da infalibilidade.

A fé dos fiéis é distinta. Conscientes de que só tem a perder, a cada nova crise o espírito cede um terreno que é ocupado por uma crença que paralisa sustentando, como uma faca que, uma vez o gole dado, sua retirada faz sangrar até morrer.

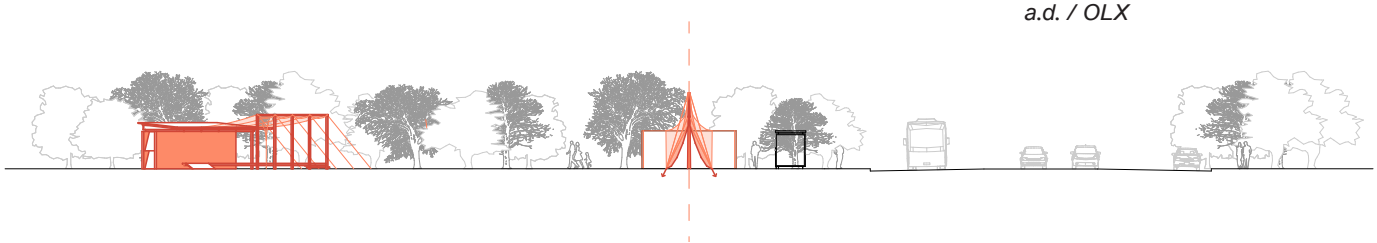
Por isso um projeto revolucionário é antes de mais um trapo de roupa que amarra o membro ferido, ou um tufo de tecido que se enfia na



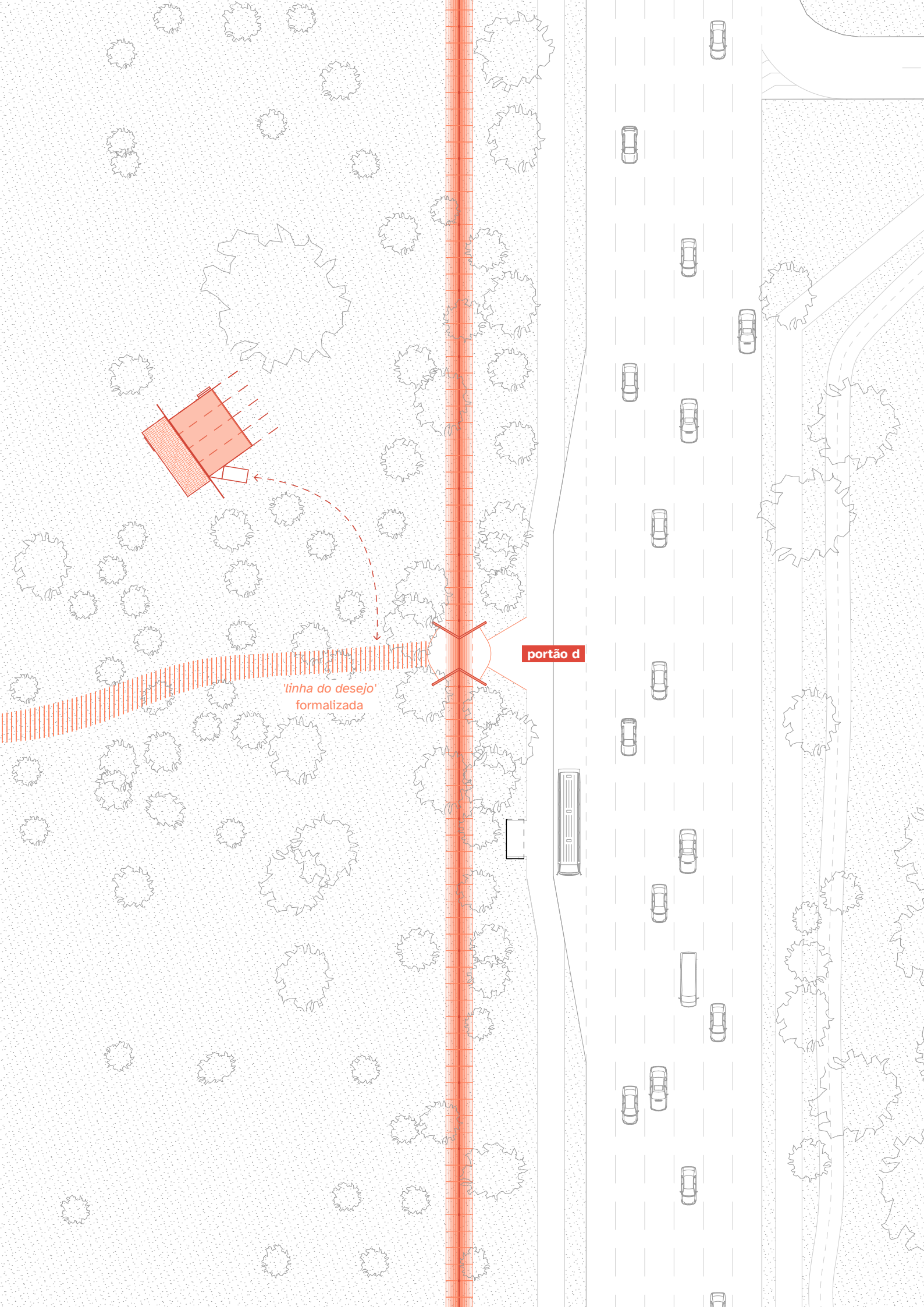
105. Aviário do Jardim Zoológico de Munique
por Frei Otto, 1980



106. Terra vermelha brasiliense
a.d. / OLX



107. Portão D: planta e corte
1:500


portão d
'linha do desejo'
formalizada

ferida. Convoca a matéria que assiste a tragédia embasbacada para compor o adiamento da morte. Se não há esperança de conseguir socorro não há razão para rasgar uma calça jeans novinha. Mesmo assim, estancamos a ferida antes de pensar se existe tratamento, aliás, fazemos para poder pensar no tratamento.

A gambiarra é histórica enquanto pacto contingente pelo continuar funcionando. A partir do momento que surge, começa a se degradar em direção à sua morte, que é mais doce porque é condição de partida. (É como adotar um vira-lata consciente das despesas futuras e da tristeza pura e desconcertante que seu desaparecimento vai deixar em alguns anos.) A questão é o que a substitui chegado seu fim. Ela pode se degradar, como é de costume nesse sistema, em reiterada precariedade; ou pode se desfazer em renovado projeto, de consciência adquirida pela presença de radicalidade vital que foi a gambiarra.

O que ela não pode ser é alheia a sua contingência, alienando sobre a circunstância geradora. A beleza da gambiarra é a expressão da feiura que a tornou necessária.

A gambiarra é o primeiro e necessário passo num projeto de esperança. Não porque sempre tem sido ou porque demanda ser, mas porque eu preciso que seja. O sangramento é uma realidade e os sintomas mórbidos não escurecem só a minha vista nem esfriam só as minhas mãos. Sente-se em cada olhar e em cada toque. O tratamento é vento de praia no rosto, um horizonte de mar longínquo, o estancamento é jangada possível, de lixo e de areia quente roçando os pés." [5]

Esse processo põe a questão: o que a substitui?



108. Workshop para esculturas Curral
por Smiljan Radić, 2014-15

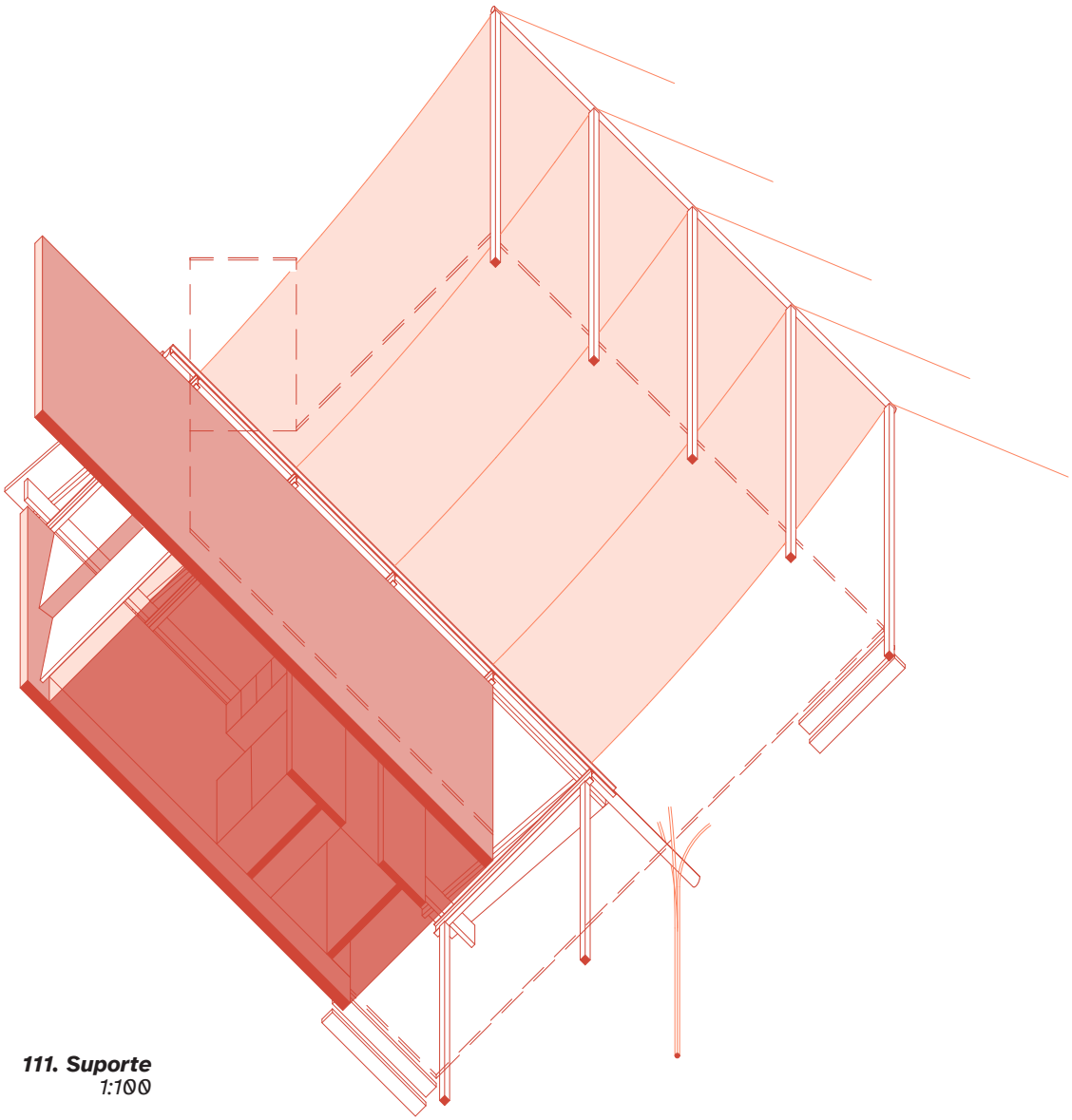


109. Casa para visitantes
por Glenn Murcutt, 1992



110. Detalhe da Ponte Efêmera de Fuxi
por far workshop, 2024

5 Sobreira, Cícero Victor Duarte, "*Dá Gambiarra,*" Fio Mental, 2024.

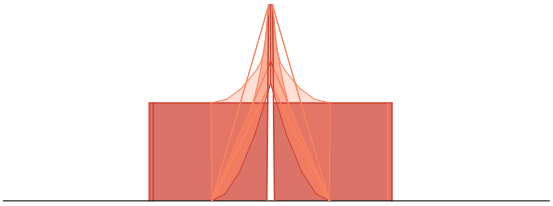


111. Suporte
1:100

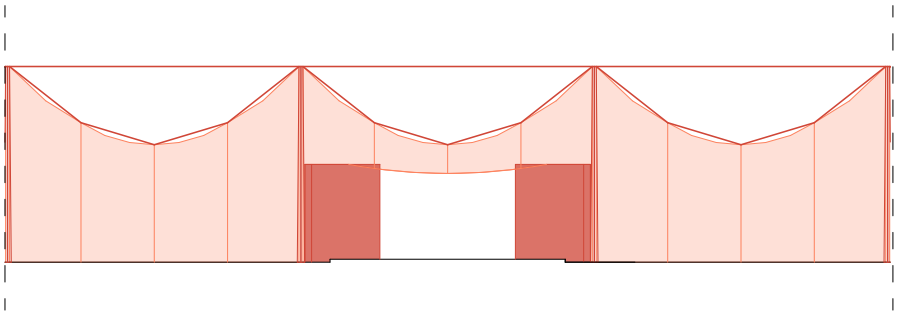




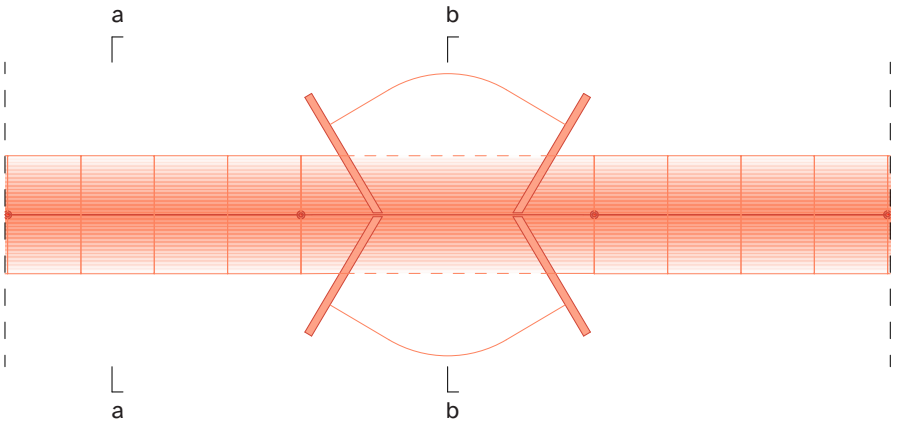
112.



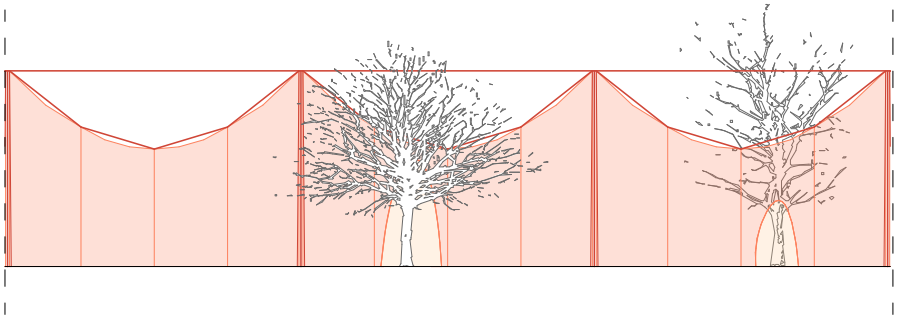
corte 1



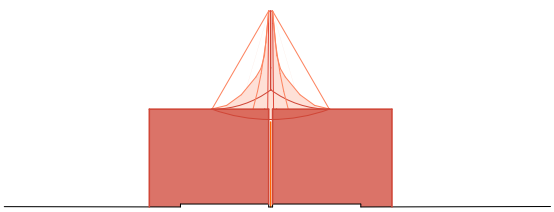
alçado 1



planta
LIMITE



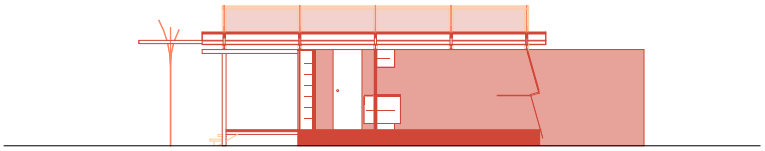
alçado 2



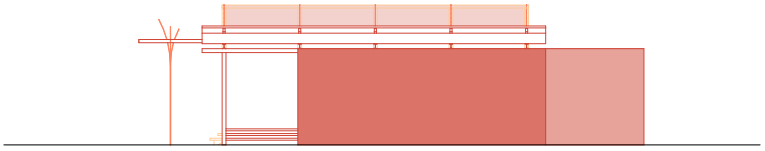
corte 2

113. Limite
1:200

corte 3

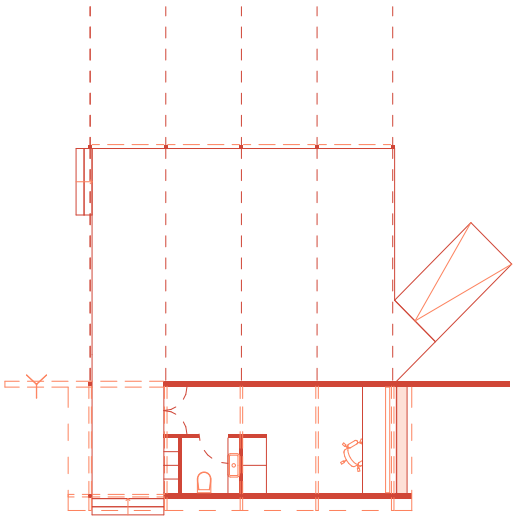


alçado 3



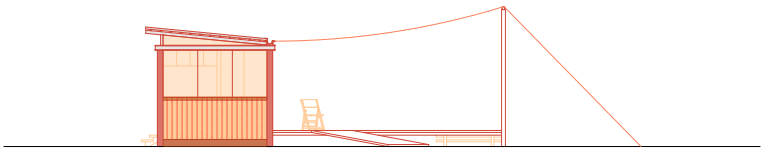
planta
SUPORTE

c

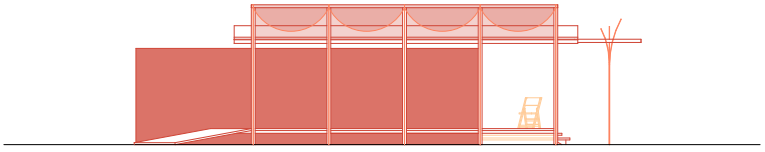


c

alçado 4



alçado 5



114. Suporte
1:200

BELEZA: *UM BRASIL-EIRO*

> *"De modo geral, o mundo não pode esperar o arquiteto construir sua utopia, e a principal preocupação dos arquitetos deve estar não com o que deveria ser, mas com o que é — e com como ajudar a aprimorá-lo agora. Ou seja, um papel mais humilde para os arquitetos do que o movimento moderno queria aceitar; no entanto, artisticamente, é um papel mais promissor."* [1]
>
> *Denise Scott Brown, Robert Venturi e Steven Izenour*

A crise climática, associada ao conjunto de tragédias *'mais-ou-menos--naturais'* que são as queimadas ou enchentes representam um perigo existencial para as cidades brasileiras em grande escala. Esses problemas são agravados pela ausência de um modelo de urbanização e gestão urbana adequado.

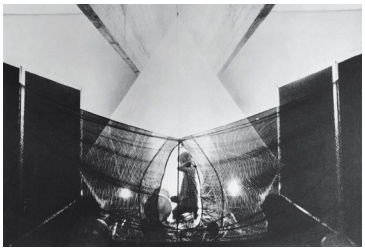
Nesse sentido, para além do uso tático das categorias legais que envolvem a Arquitetura, busca-se investigar como intervenções urbanas que tenham um horizonte temporal limitado podem alcançar a pressa e a economia de meios que esse momento suscita.

Mais do que isso, pretende propor alternativas arquitetônicas que, pela sua ligeireza, se coloquem à disposição de instâncias populares de disputa pelo território de maneira a dar espaço e forma a maneiras alternativas de construção da cidade.

Formalmente, buscou-se "*alcançar o efeito máximo com um conjunto mínimo de intervenções,"* [2] buscando, *"contribuir com a interpretação mais generosa possível desse mínimo."* [3] Dessa forma, evoca-se a ideia de um *mosquiteiro*, uma solução precária — *gambiarra* — cuja forma e construção denunciam sua qualidade paliativa.



115. P30 Parangolé, capa 23
por Hélio Oiticica / ISLAA, 1972



***116.* A casa é o corpo: labirinto**
por Lygia Pape, 1968



117. Brasil-eiro

1 Scott Brown, Denise; Venturi, Robert; Izenour, Steve. Learn*ing from Las Vegas em Learning from Las Vegas*. Boston: MIT Press, 1977; em Paupério, João; Rebelo, Maria. *Atelier Local: After Five Years of Living*. Lisboa: Exemplo Books, 2024. p. 113.

2 Paupério, João; Rebelo, Maria. *Atelier Local: After Five Years of Living*. Lisboa: Exemplo Books, 2024. p. 73.

3 *ibid.,* p. 73.

118. Mosquiteiro
por Diego Bresani, 2023





119. Detalhe do suporte da calha

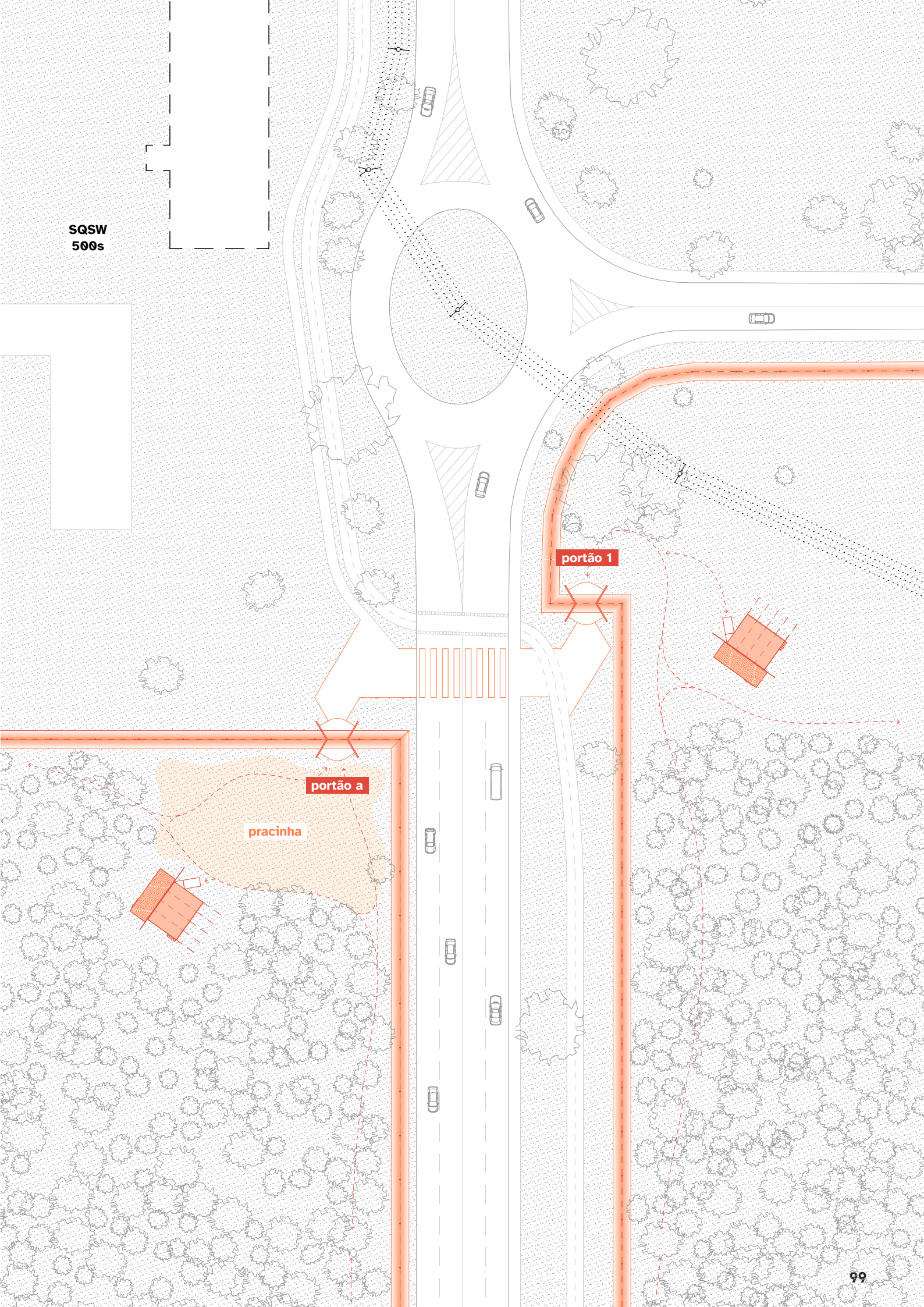
"Nós estamos, a rigor, nessa encruzilhada entre a flor e a faca; a lâmina e a beleza; a violência e o afago. [...] Eu acho que é seguinte: você tem que reinventar a vida a partir das experiências de aniquilação. É reconstruir, reinventar, sabe, você vai fazer o quê? [...] Eu acho que o caminho é encarar o nosso horror. Porque o horror, paradoxalmente, no Brasil ele pode ser o caminho da redenção e da beleza. [...] Eu acho que essas culturas são de resistência mas elas dão um passo além da resistência: elas acabam sendo também culturas de invenção." [4]

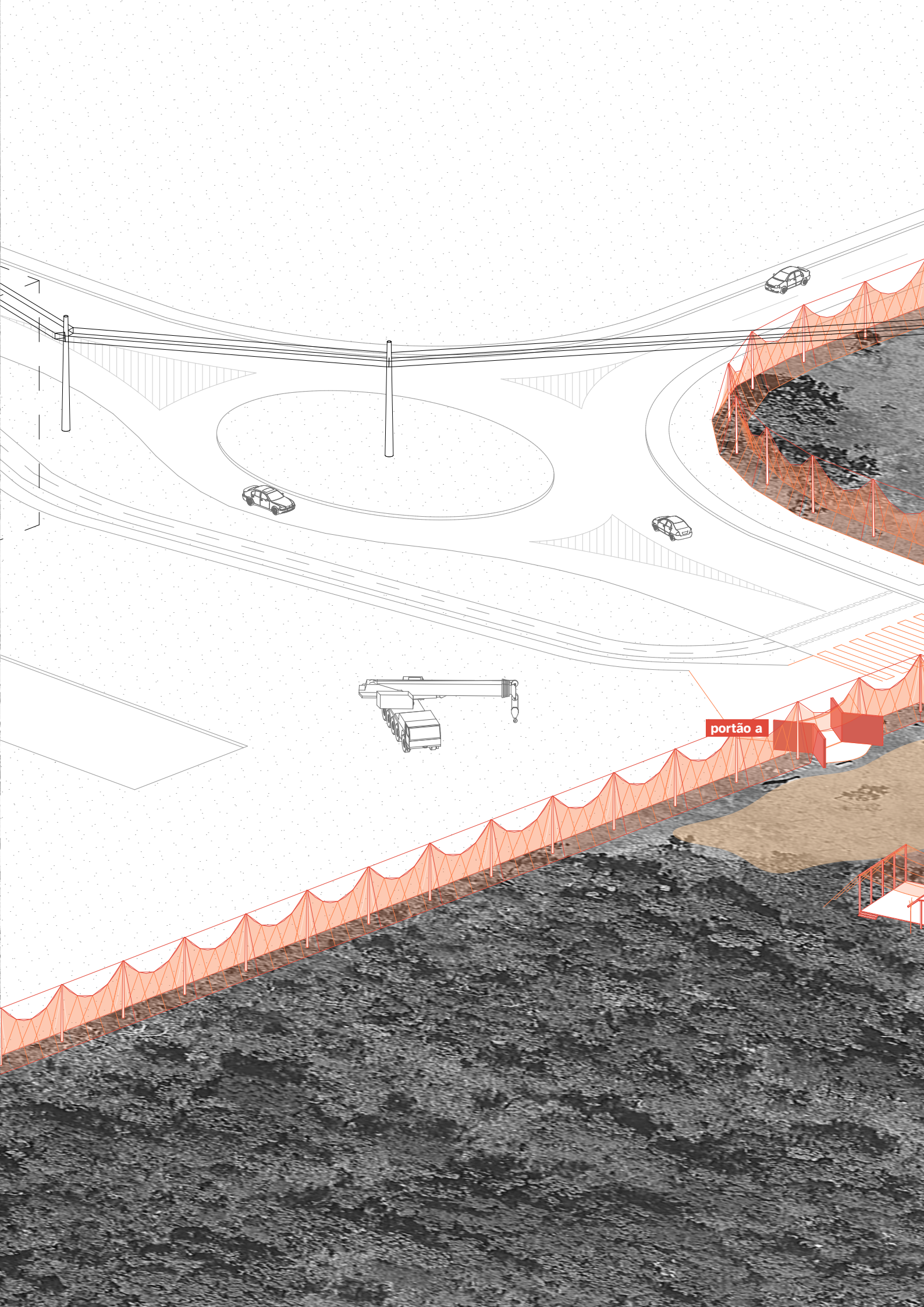
Faz-se das tripas, coração.[5]

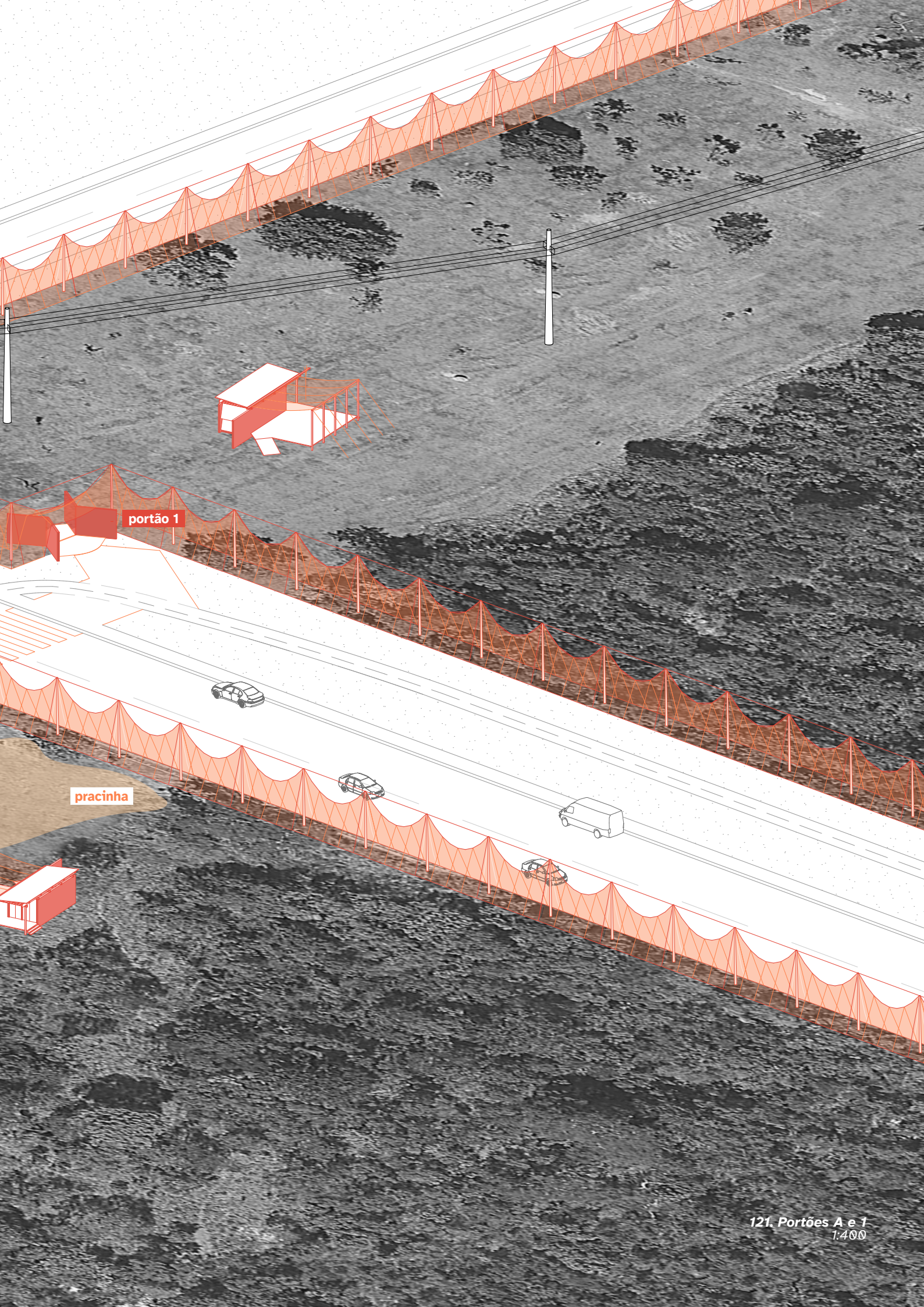
4 Simas, Luiz Antônio. *Subsolo #21 - Luiz Antonio Simas: Ruas, Gingas E Dores Do Brasil, vol. #21, Subsolo*. Youtube: Livraria Leonardo da Vinci, 2025.

5 Viveiros de Castro, Eduardo; Fausto, Juliana. *Comentários de Eduardo Viveiros de Castro e Juliana Fausto a Entrevista de Donna Haraway*. Youtube: Os Mil Nomes de Gaia, 2015.

120. Ligação entre as duas componentes (L e W) do Memorial
1:750


SQSW
500s
portão 1
portão a
pracinha


portão a



121. Portões A e 1
1:400





122.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: *PRESERVAR O CERRADO, CERRAR BRASÍLIA*

A proposta de distinguir o Parque Ecológico das Sucupiras como Memorial Vivo não se propõe integralmente enquanto uma solução-modelo para as questões de preservação e inserção dos biomas em ambientes urbanos. Suas condições de implantação no que diz respeito à urbanização do território que corresponde à cidade de Brasília são singulares. Entretanto, a proposta pode ensejar um conjunto de perguntas e ensaios.

A preservação das florestas e, de forma complementar, o reflorestamento das nossas cidades é um tema que nos permite questionar: o quanto de *cidade* existem nas nossas *florestas* e o quanto de *floresta* existem nas nossas *cidades*? Se tanto umas quanto outras não são objetos bem definidos e encerrados em si, o quanto de *floresta* é, por exemplo, o Parque Ecológico das Sucupiras? Se, por um lado, ele tantas vezes foi acossado por fogo e desmatamentos deliberados, por outro, ele é ponto de suporte para sistemas '*naturais*' e '*sociais*' enquanto trampolim ecológico, enquanto parque e enquanto frente de disputa.

Nesse sentido, discutir sobre a existência do Parque Ecológico das Sucupiras também passa por pensar cada ponto de interesse para os diferentes sistemas que convivem nos ambientes urbanos como potenciais focos de floresta. Para tal é preciso considerar como vários movimentos de '*preservação*' ambiental podem, de maneira complementar, ser considerados como uma expressão de uma demanda popular por '*construção*' ambiental: tanto uma vontade quanto uma necessidade de fazer coincidir os sistemas de *cidade* e *floresta*. Entendidas assim, com recurso às ferramentas dos diferentes campos do conhecimento — *inclusive da Arquitetura* — pode-se promover a urgente re-proposição dos termos do debate e oferecer ferramentas concretas para sua disputa.

Seja pelas suas próprias ferramentas disponíveis para a construção de 'prolongamento', seja pelo seu papel de destaque no processo de construção de uma noção de Brasil '*moderno*' - talvez superada, em peso, apenas pelo *futebol* e pela *música*[1] - a Arquitetura é, no caso brasileiro, um campo fortuito para a análise e crítica dos projetos de autonomia e emancipação - ou de sua ausência - e um importante laboratório para os projetos que estão a ser construídos atualmente.

A crítica ao processo de urbanização e construção da modernidade no Brasil, proposta aqui, não se dá a partir de uma aversão ou negação das contradições que qualquer projeto, ao sair do papel, inevitavelmente suscitará ao deparar-se com a realidade. O exercício do poder político, substanciado em *projeto*, tende a acarretar, mais cedo ou mais tarde, em contradições. Não se quer fazer aqui uma apologia da '*pureza*' ou até mesmo de uma teoria desvinculada da prática, que até pode ser arrojada, mas tende a ser infértil.

O priorizar de uma superioridade moral, que se protege do risco de contaminação ao afastar-se do '*arregaçar as mangas*' e '*botar a mão na massa*', ou seja, do '*exercício do poder*', em suas diversas instâncias, é uma herança cristã que contribui fortemente para os horizontes de *pensamento crítico* '*ocidental*', mesmo em contextos laicos.[2] Isso não nos interessa.

A '*resistência*', registrada de forma transversal nesse trabalho, não deve e não pode compor *um fim em si mesma*. Entende-se a *resistência* — *gambiarra* — como elemento paliativo, como um torniquete que contém o sangramento e

1 Wisnik, Guilherme. "*Brasília 50 Anos: Trilha Torta Por Linhas Certas.*" Em *O Concurso De Brasília: Sete Projetos Para Uma Capital,* de Milton Braga. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 7.

2 Manoel, Jones. "*Marxismo Ocidental, fetiche pela derrota e a cultura cristã.*" RedSails.org., 2020.

mantém, temporariamente e a um grande custo em potencial, o corpo acidentado vivo. É, portanto, fundamental.

Em contraste, o que nos ocupa o horizonte é a construção das condições de superação real da necessidade de *resistir*, para que, enfim, se possa *usufruir, propôr* e *permanecer*. Reitera-se a pergunta: *o que substitui o elemento paliativo no caso dos dilemas ambientais entranhados em nossas cidades e paisagens?*

Quaisquer respostas possíveis, passam, necessariamente, em última instância, pela construção de um projeto real de emancipação popular.



123. Cerrar
em APES / Facebook, 2018

HABITAR A TERRA NO ANTROPOCENO

por Aílton Krenak

"A ideia que nós temos da cidade como abrigo, como lugar seguro e de acolhimento, talvez seja a ideia mais cultivada ao longo do que chamamos de 'civilização'. E foi tão bem sucedida que ela conseguiu condenar os outros espaços que não são a cidade como lugares vazios. Durante muito tempo nós ouvimos falar que a Amazônia era um imenso vazio, porque com essa declaração nós deixávamos disponíveis vastos espaços onde nós pudéssemos avançar com essa monocultura das metrópoles e das cidades. Nós costumamos pensar a monocultura em termos das paisagens, mas não costumamos ver e apreciar a multiplicação dos espaços urbanos como monocultura. Parece que é obvio e natural que a gente estenda o tapete urbano sobre todo o corpo da Terra com excessão daqueles que a gente vai exaurindo ou incinerando ou calcinando com as nossas atividades econômicas. As nossas cidades poderiam ser lugares de entrada para outros possíveis modos de vida que ajudariam, nessa longa experêincia de monocultura, a introdução de algo que a gente pudesse chamar de *diversidade da vida*, não limitada à ideia de biodiversidade, como estamos sempre imaginando, [já] que ela se dá fora dos espaços controlados pela cultura. Os espaços controlados pela cultura, nós não imaginamos como espaços de *reflorestar*.

Então, esse é um convite para reflorestar o nosso imaginário. Talvez podemos começar um esforço para reflorestar o nosso imaginário para o que os espaços que nós habitamos e instituímos como lugares onde preferimos viver e ampliar as nossas experiencias enquanto comunidades humanas. Que ela possa recepcionar outras humanidades que não sejam essa 'exclusiva' humanidade em que nós nos constituímos, que faz desaparecer os *outros* possíveis, aqueles não-humanos. Os não-humanos já tiveram participação nesses espaços e paisagens que nós nos movemos hoje, muito mais expressiva. Dá sentido, portanto, a ideia das nossas metrópoles, cidades e espaços urbanizados como monocultura. Se nós pensamos essas monoculturas da mente produzindo espaços monoculturais, talvez a gente encontre um pouco o entendimento das crises que nós estamos experimentando ciclicamente. Não conseguimos mais atravessar alguma década sem um susto monumental. Sem algum anúncio que nos deixa fora do sentido de estar vivendo num lugar bom, a ideia de um mundo bom.

Imaginar as florestas como uma transição da nossa experiência de um mundo exausto para um mundo que pode nos surpreender, nos obrigar, a readequações e a reeducação da nossa mente, é o que estou chamando de reflorestar o nosso modo de pensar o mundo que nós habitamos e compartilhamos." [1]

124. Árvores do Cerrado na UnB
por Jorge Bodanzky / IMS, 1964

1 Krenak, Ailton. *Habiter La Terre à L'anthropocène - Ailton Krenak (2025) (Version Portugaise)*. Youtube: Sciences sociales - Collège de France, 2025.





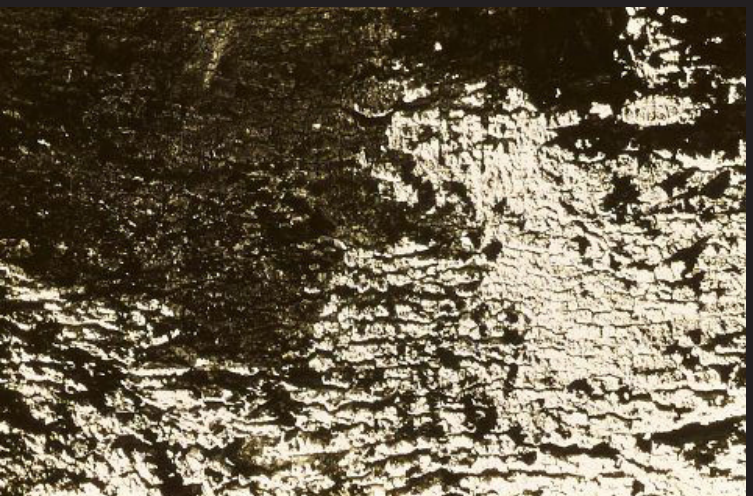
05 | nota cartográfica













EPÍLOGO: *UM EMAIL PARA OSCAR NIEMEYER*

DE: ASSOCIAÇÃO PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS
ENVIADA: 2010/09/16 09:06:39
PARA: OSCAR.NIEMEYER@UOL.COM.BR, ARQUITETURA@OSCARNIEMEYER.COM.BR
ASSUNTO: BRASÍLIA - PARQUE SUCUPIRAS

Prezado Oscar Niemeyer,

Temos um convite a lhe fazer.

Há cinco anos criamos um novo parque em Brasília: o Parque Ecológico das Sucupiras, com área de aproximadamente 26 hectares. Fica na margem sul do Eixo Monumental, paralelo à Capela Rainha da Paz e ao Memorial JK.

Para propor sua criação, nós, um grupo de amigos e vizinhos, moradores do Setor Sudoeste, fundamos a Associação Parque Ecológico das Sucupiras (APES), em 2003. Sua legalização foi possível graças a um decreto do então governador Joaquim Roriz, em 2005.

O parque sofre de um problema crônico: o abandono por parte das autoridades. Embora situado em área nobre, próximo a monumentos e à nova Câmara Legislativa, ainda não possui qualquer tipo de equipamento, tais como cerca ou sinalização, apesar de nossos esforços para proteger e valorizar esta última reserva de cerrado nativo no Plano Piloto.

Nossa associação vem propor-lhe uma parceria solidária. Há tempos temos a expectativa de realizar o cercamento do parque e dotá-lo de benfeitorias. A idéia é obter a sua adesão para um projeto de cerca escultórica integrada à paisagem, imitando e homenageando as sinuosas árvores do cerrado. Desejamos agregar um gesto que tenha a assinatura de Oscar Niemeyer com a valorização desse segmento de cerrado, compondo um conjunto urbanístico com os monumentos já existentes. A consolidação urbanística do parque pode constituir-se num Memorial do Cerrado, com a inserção de viveiros, trilhas e área de lazer. Seria o projeto Oscar Niemeyer para o Parque das Sucupiras. Uma homenagem ao cerrado. É o nosso desejo, que trazemos a você.

Nessa área encontram-se sucupiras brancas e roxas, pequizeiros, barbatimões, caliandras, grande variedades de orquídeas e outras flores, belíssimos tucanos e pica-paus, gaviões e carcarás, bem-te-vis, inhambus, enfim, um surpreendente micro-ecossistema, com características ainda preservadas. Essa fauna e flora estendem-se aos terrenos vizinhos, que são a área do INMET e o trecho antes pertencente à Marinha, hoje alvo de cobiça da especulação imobiliária.

A Associação promove mutirões de limpeza e outros esforços para proteger a área. Lamentavelmente, na falta de ações de Governo para implementar o Parque, intensifica-se sua degradação por incêndios, lixo e pela presença de moradores de rua. Sua adesão a este projeto pode contribuir para reverter essa situação.

Torcemos para que você abrace a nossa causa.

Em anexo, fotos do Parque das Sucupiras.

Um grande abraço,

Fernando de Castro Lopes,
Presidente da APES

Essa tentativa de contato da APES, feita em 2010, veio a tona em um estágio avançado da elaboração desse trabalho. Apesar da sinalização positiva por parte do gabinete do arquiteto, que faleceu em 2012, o projeto não foi adiante.

bibliografia

Amaral, Tauana Ramthum do. "*Brasília e o Cerrado: Leituras do Território por Meio da Paisagem.*" Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2021.

Angélil, Marc; Siress, Cary. "*Who Cares? From Matters of Fact to Matters of Concern to Matters of Care.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024.

Bambirra, Vânia. "*O Capitalismo Dependente Latino-Americano E Sua Teoria Crítica: Uma Tentativa Preliminar De Balanço.*" Arquivo Vânia Bambirra. UFRGS, 1986. Acesso em 07/09/2025. https://www.ufrgs.br/vaniabambirra/outrosescritos_15/.

Bo Bardi, Lina. "*O Novo Trianon.*" Mirante das Artes, no. N. 5. São Paulo, 1967. Acesso em 05/05/2025. https://icaa.mfah.org/s/en/item/1111188#?c=&m=&s=&cv=&xywh=-521%2C50%2C3032%2C1697.

Choay, Françoise. *A Alegoria do Património.* Traduzido por Teresa Castro. Lisboa: Edições 70, 2000.

Costa, Lúcio "Brasília Revisitada 1985/ 1987." Ensaio & Pesquisa, 1987. Acesso em 22/09/2025. https://projetos.dhlab.fcsh.unl.pt/s/luciocosta-arquiteturaemmovimento/item/65141.

ECOSOUL. *Elaboração do Plano de Manejo Do Parque Ecológico Das Sucupiras.* Brasília: IBRAM, 2022.

Glissant, Édouard; Obrist, Hans Ulrich. *Archipelago*. Isolarii. Editado por Hans Ulrich Obrist. Vol. 6: Nova Iorque: Common Era Inc., 2021.

Gorelik, Adrián. "*Cidade, Cultura E Historiografia Na América Latina.*" Em *Arquitetura e Escrita: Relatos Do Ofício*, editado por Lira, José; Contier, Felipe; Sodré, João; Delecave, Jonas; Dedecca, Paula; Chahin, Samira; Próspero, Victor São Paulo: Romano Guerra, 2023.

Krenak, Ailton. "*Entrevista.*" Em *8 Reações Para O Depois / 8 Reactions for Afterwards* editado por Ana Altberg, Mariana Meneguetti, Gabriel Kozlowski, Pedro Sette e João Kammal. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Machado, Ivan de Lima. "*Parque Ecológico Das Sucupiras: Estudo De Caso.*" Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, 2004.

Malterre-Barthes, Charlotte. *A Moratorium on New Construction*. Critical Spatial Practice Series. Editado por Nikolaus; Miessen Hirsch, Markus. Vol. 14, Londres: Sternberg Press, 2025.

Manoel, Jones. "*Marxismo Ocidental, fetiche pela derrota e a cultura cristã.*" RedSails.org., 2020. Acesso em 23/09/2025. https://redsails.org/pt/western-marxism-and-christianity/.

Miguel, Ciro. "*White Buildings, Red Dust: Brasilia in Ektachrome Colour.*" Sophia Journal 8, no. 1 (12/31 2023): 134-54. Acesso em 11/12/2024. https://doi.org/10.24840/2183-8976_2023-0008_0001_11.

Neves, Eduardo Góes; Castriota, Rodrigo. "*Urbanismos Tropicais.*" Em Vegetalidades. (set. 2023): p. 64-73. Acesso em 15/07/2025. https://piseagrama.org/artigos/urbanismos-tropicais/.

Newsom, Jennifer; Carruthers, Tom. "*Go Obliquely and Find Another Way.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024.

Pastore, Julio Barêa. "*O Cerrado Enquanto Paisagem: A Dinâmica Da Apropriação Paisagística Do Território.*" Doutoramento, Universidade de São Paulo, 2014.

Paupério, João; Rebelo, Maria. *Atelier Local: After Five Years of Living*. Lisboa: Exemplo Books, 2024.

Radić, Smiljan. *Habitaré Mi Nombre*. Barcelona: Puente Editores, 2022.

Ribeiro, Darcy. *O Povo Brasileiro: A Formação E O Sentido Do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Acesso em 07/09/2025. http://archive.org/details/o-povo-brasileiro/O%20povo%20brasileiro%20%5BArquiv%C3%A1vel%5D/page/26/mode/2up.

Sobreira, Cícero Victor Duarte, "*Dá Gambiarra,*" Fio Mental (Texto), 04/12, 2024. Acesso em 05/09/2025. https://cisobreira.wordpress.com/2024/11/20/da-gambiarra/.

Tavares, Paulo. "*Entrevista.*" Traduzido por Pedro Sette. Em *8 Reações Para O Depois / 8 Reactions for Afterwards,* editado por Ana Altberg, Mariana Meneguetti, Gabriel Kozlowski, Pedro Sette e João Kammal. Rio de Janeiro: Rio Books, 2019.

Tavares, Paulo. "*Brasília: Colonial Capital. The Settler Colonial Present*" e-flux architecture, 2020. Acesso em 05/09/2025. https://www.e-flux.com/architecture/the-settler-colonial-present/351834/bras-lia-colonial-capital

Tavares, Paulo. *Derechos No Humanos Y Otros Ensayos Acerca De La Arquitectura Del Bosque.* Lugo: Bartlebooth, 2022.

Tavares, Paulo; Lambert, Leopold. "*The Amazon Forest, a Brazilian Colonial Frontier for over Two Centuries.*" The Funambulist N° 43, 2023.

Tavares, Paulo. "*Against the Ruralization of the Amazon: The Forest as Architectural Heritage.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024.

Topalović, Milica. "*Eclipse: Beyond the City Design across Center-Perphery.*" Em *On Architecture and the Greenfield*, editado por Charlotte Malterre-Barthes. Berlim: Hatje Cantz, 2024.

Wesely, Michael; Kim, Lina. *Arquivo Brasília.* São Paulo: Cosac Naify, 2010.

Wisnik, Guilherme. "*Brasília 50 Anos: Trilha Torta Por Linhas Certas.*" Em *O Concurso De Brasília: Sete Projetos Para Uma Capital,* de Milton Braga. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

multimédia

Krenak, Aílton. "'*Estou Questionando O Progresso Em Qualquer Termo*' | *Bdf Entrevista Ailton Krenak*." Em BdF Entrevista, por Brasil de Fato. Youtube: Brasil de Fato, 2025.
Acesso em 07/09/2025. https://www.youtube.com/watch?v=mnPrJf0Ub-8.

Krenak, Ailton. *Habiter La Terre à L'anthropocène - Ailton Krenak (2025) (Version Portugaise).*
Youtube: Sciences sociales - Collège de France, 2025.
Acesso em 05/09/2025. https://www.youtube.com/watch?v=VvalcC7RjlE&t=1593s

Firmino, Danilo; Domênico, Deivid; Mama; Bola, Marco; Oliveira, Ronie; Miranda, Tomaz. "*História Pra Ninar Gente Grande.*" Em *Sambas de Enredo das Escolas de Samba 2019*, Interpretado por Marquinho Art'Samba e Estação Primeira de Mangueira. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda., 2019.
Acesso em 07/09/2025. https://open.spotify.com/intl-pt/track/5ofP0ayCr1BAMVxvsmyx7x?si=e1f1cb34e5d74e5a

Simas, Luiz Antônio. *Subsolo #21 - Luiz Antonio Simas: Ruas, Gingas E Dores Do Brasil, vol. #21, Subsolo.*
Youtube: Livraria Leonardo da Vinci, 2025.
Acesso em 05/09/2025. https://www.youtube.com/watch?v=4uVq3IQnhVo&t=302s

Viveiros de Castro, Eduardo. *A Revolução Faz O Bom Tempo.*
Youtube: Os Mil Nomes de Gaia, 2015.
Acesso em 05/09/2025. https://www.youtube.com/watch?v=CjbU1jO6rmE&t=2745s

Viveiros de Castro, Eduardo; Fausto, Juliana. *Comentários de Eduardo Viveiros de Castro E Juliana Fausto a Entrevista de Donna Haraway.*
Youtube: Os Mil Nomes de Gaia, 2015.
Acesso em 24/09/2025. https://www.youtube.com/watch?v=Qg0oyW9-rA0&t=880s

jornal

"*Ninguém Quer Uma Nova Expansão Para O Sudoeste.*" Urbanistas por Brasilia, 2015.
Acesso em 05/09/2025. https://urb.bsb.br/2015/05/19/quem-quer-uma-nova-expansao-para-o-sudoeste/.

"*Abaixo-Assinado Quer Impedir Construção No Parque Das Sucupiras.*" Correio Braziliense, 2020.
Acesso em 05/09/2025. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2020/05/20/interna_cidadesdf,856731/abaixo-assinado-quer-impedir-construcao-no-parque-das-sucupiras.shtm.

"*Soja Ocupa 10% Do Cerrado.*" MapBiomas, 2022.
Acesso em 05/09/2025. https://brasil.mapbiomas.org/2022/09/11/soja-ocupa-10-do-cerrado/.

"*Em 38 Anos O Brasil Perdeu 15% De Suas Florestas Naturais.*" MapBiomas, 2023.
Acesso em 05/09/2025. https://brasil.mapbiomas.org/2023/10/20/em-38-anos-o-brasil-perdeu-15-de-suas-florestas-naturais/.

"*Área Queimada No Brasil Em 2024 Supera Média Histórica Em 62%.*" MapBiomas, 2025.
Acesso em 05/09/2025. https://brasil.mapbiomas.org/2025/06/24/area-queimada-no-brasil-em-2024-supera-media-historica-em-62/.

"'*Sudoeste Tem Metro Quadrado Mais Caro Do DF', Diz Pesquisa; Veja Ranking Das Regiões Com Preços Altos Na Capital.*" G1 DF, 2025.
Acesso em 05/09/2025. https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2025/01/08/sudoeste-tem-metro-quadrado-mais-caro-do-df-diz-pesquisa-veja-ranking-das-regioes-com-precos-altos-na-capital.ghtml.

Alegretti, Laís. "'*Linhas De Desejo': Os Caminhos Inventados Por Pedestres Na Cidade Feita Para Carros.*" BBC News Brasil, 2022.
Acesso em 05/09/2025. https://www.bbc.com/portuguese/brasil-64038880

Bezerra, Laezia. "*Parque Das Sucupiras Reflete Belezas Do Cerrado Bem No Coração De Brasília.*" Correio Braziliense, 2023.
Acesso em 05/09/2025. https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2023/06/5101604-parque-das-sucupiras-reflete-belezas-do-cerrado-bem-no-coracao-de-brasilia.html.

Caputo, Denise. "*Comunidade E Governo Divergem Sobre Construção Da Quadra 500 No Sudoeste.*" Portal CLDF, 2019.
Acesso em 05/09/2025. https://www.cl.df.gov.br/-/comunidade-e-governo-divergem-sobre-construcao-da-quadra-500-no-sudoeste

Chagas, Rodrigo "*PL Da Devastação, Que Dispensa Agronegócio De Licenciamento Ambiental, é Aprovado Na Câmara.*" Brasil de Fato, 2025.
Acesso em 05/09/2025. https://www.brasildefato.com.br/2025/07/17/pl-da-devastacao-que-dispensa-agronegocio-de-licenciamento-ambiental-e-aprovado-na-camara/.

Góis Aquino, Fabiana de. "*Manejo E Uso Dos Recursos Naturais.*" EMBRAPA, 2021.
Acesso em 05/09/2025. https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/tematicas/bioma-cerrado/ecologia/manejo-e-uso-dos-recursos-naturais.

Guaraldo, Lucas. "*Área Queimada No Df Em Setembro Já é 24% Maior Do Que a Registrada O Ano Todo.*" IPAM Amazônia, 2024.
Acesso em 05/09/2025. https://ipam.org.br/area-queimada-no-df-em-setembro-ja-e-24-maior-do-que-a-registrada-entre-janeiro-e-agosto/

Luiz, Gabriel. "*Quadra 500 Do Sudoeste: Justiça Rejeita Recurso E Libera Expansão Do 'Bairro'.*" G1 DF, 2018.
Acesso em 05/09/2025. https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/quadra-500-do-sudoeste-justica-rejeita-recurso-e-libera-expansao-do-bairro.ghtml

Maciel, Nahima. "*Diego Bresani lança livro sobre as trilhas forjadas por pedestres no Plano Piloto.*" Correio Braziliense, 2025.
Acesso em 05/09/2025. https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2025/06/7181375-diego-bresani-lanca-livro-sobre-as-trilhas-forjadas-por-pedestres-no-plano-piloto.html.

Moreno, Saulo. "*Plano De Manejo Do Parque Das Sucupiras é Tema De Ciclo De Palestras.*" Agência Brasília, 2023.
Acesso em 05/09/2025. https://agenciabrasilia.df.gov.br/w/plano-de-manejo-do-parque-das-sucupiras-e-tema-de-ciclo-de-palestras

Sant'Anna, Chico, "*Museu Da Democracia,*" BSB Capital, 2024.
Acesso em 07/09/2025. https://bsbcapital.com.br/museu-da-democracia/

Schwingel, Samara; Martins, Jonatas "*2024 é O Ano Que Mais Teve Chamados Para Incêndios Em Vegetação No DF.*" Metrópoles, 2024.
Acesso em 05/09/2025. https://www.metropoles.com/distrito-federal/2024-e-o-ano-que-mais-teve-chamados-para-incendios-em-vegetacao-no-df

Souza, Carinne; Bastos, Fernanda. "*Ibaneis Retoma Proposta De Construir 'Museu Da Bíblia' No Centro De Brasília Por R$ 74 Milhões.*" G1 DF, 2025.
Acesso em 07/09/2025. https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2025/06/18/ibaneis-retoma-proposta-de-museu-da-biblia-no-centro-de-brasilia-custo-previsto-e-de-r-74-milhoes.ghtml.

Veiga, Edison. "*Desmatamento No Cerrado Pode Inviabilizar Agronegócio.*" DW Brasil, 2024.
Acesso em 05/09/2025. https://www.dw.com/pt-br/desmatamento-no-cerrado-pode-inviabilizar-agroneg%C3%B3cio-afirma-estudo/a-70982406

lista de imagens

[01] *Pterodon emarginatus Vogel*, a Sucupira
W. MantovaniI,1983. Rapid Reference Collection (RRC) ©Field Museum of Natural History
Modificado digitalmente.
https://plantidtools.fieldmuseum.org/pt/rrc/catalogue/3112438

[02] Deslocamento
Cartografia elaborada pelo autor. Base cartográfica Dymaxion, de Buckminster Fuller em Wikimedia Commons, 2025.
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Blank_world_map_Dymaxion_projection.svg

[03] Eixo Monumental em construção
©Lúcio Costa, ano desconhecido. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura.
VII_B_02-03247_2-10_H

[04] Eixo Monumental
©Lúcio Costa, ano desconhecido. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura.
VII_B_02-03247_2-10_H

[05] Incêndio no Parque Nacional de Brasília
Vinícius Schmidt, 2024. ©Metrópoles
Modificado digitalmente.
https://www.metropoles.com/distrito-federal/parque-nacional-de-brasilia-e-fechado-para-visitas-devido-a-incendio

[06] Biomas savânicos da América do Sul
Cartografia elaborada pelo autor. Base de dados WWF, 2025.
https://www.worldwildlife.org/publications/terrestrial-ecoregions-of-the-world

[07] O Cerrado
©Roberto Murta, ano desconhecido.
https://americadosul.iclei.org/dia-do-cerrado-programa-leva-esperanca-aos-produtores-rurais-do-bioma/

[08] Cartaz do programa a Marcha para o Oeste"
Autor desconhecido, ano desconhecido. ©Memorial da Democracia
https://memorialdademocracia.com.br/card/e-a-marcha-para-o-oeste

[09] Posição de Brasília em relação as capitais estaduais
Autor desconhecido, ano desconhecido. Em 'Arquivo Brasília' (2010), de Michael Wesely e Lina Kim.

[10] Exercícios militares em Brasília
©Juvenil de Souza, 1963.
https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/17105625118456 43-fotos-de-exercicios-militares-em-brasilia-antes-do-golpe-de-1964#foto-17105625125414 64

[11] Integração Nacional'
©Jesco von Puttkamer, ano desconhecido. Em 'Arquivo Brasília' (2010), de Michael Wesely e Lina Kim.

[12] Mapa Etnográfico do Brasil e regiões adjacentes
Curt Nimuendajú, 1944. Adaptado do mapa original, 1980. ©IBGE
https://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Animuendaju-1981-mapa/nimuendaju_1981_mapa.jpg

[13] Rodovia Belém-Brasília
NOVACAP, 1958. Em Revista 'Brasília' ed. 24. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://www.arquivopublico.df.gov.br/revista-brasilia

[14] Vista aérea da rodovia Belém-Brasília
Jorge Bodanzky, 1969. ©Instituto Moreira Salles
0018_CX02f02509

[15] Esquissos do sistema rodoviário de Brasília/Distrito Federal
©Lúcio Costa, ano desconhecido. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura.
III_B_13-00364_H

[16] Vias de acesso à Brasília e ao Distrito Federal
©Flavio R. Cavalcanti, ano desconhecido. doc.brazilia.
Modificado digitalmente.
http://doc.brazilia.jor.br/Vias/DF-vias-de-acesso-ao-Distrito-Federal.shtml

[17] Avião combatendo incêndio no Parque Nacional de Brasília
Marcelo Camargo, 2024. ©Agência Brasil
https://agenciabrasil.ebc.com.br/es/geral/noticia/2024-09/fuego-avanza-y-quema-700-hectareas-del-parque-nacional-de-brasilia

[18] Asa Norte sob fumaça
Pedro Ladeira, 2024. ©Folhapress
https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/09/nuvem-de-fumaca-atinge-novas-regioes-e-cobre-ate-80-do-brasil.shtml

[19] Construção de Brasília
Autor desconhecido, ano desconhecido.©Arquivo Público do Distrito Federal
Modificado digitalmente.
https://www.arquivopublico.df.gov.br/estaca-zero

[20] Desmatamento do Cerrado
CRS/IBAMA, SBF/Ministério do Meio Ambiente, 2008.
https://oeco.org.br/reportagens/22432-em-divida-com-o-cerrado/

[21] Colheita de soja no Mato Grosso
Marcelo Brandt, 2014. ©Valor
https://valor.globo.com/publicacoes/especiais/revista-agronegocio/noticia/2023/07/31/visao-de-longo-prazo-prevalece-entre-agricolas.ghtml

[22] 'Os negativos estão em meu poder' de Adriana Varejão
©Vicente de Mello, 2002.
https://www.newcitybrazil.com/2021/02/22/photographer-vicente-de-mello-captures-the-essence-of-brazils-artists-in-portrait-series/

[23] Cruz
©Paulo Tavares, 2022.
https://www.buala.org/pt/jogos-sem-fronteiras/lucio-costa-era-racista-notas-sobre-raca-colonialismo-e-a-arquitetura-moderna-b

[24] Primeira Missa em Brasília na Revista Manchete
Revista Manchete, ano desconhecido. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura.
III_B_13-02708_5-17_H
III_B_13-02708_5-17_H

[25] A primeira missa do Brasil
Vitor Meirelles, 1861. Museu Nacional de Belas Artes
https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_missa_no_Brasil#/media/Ficheiro:Meirelles-primeiramissa2.jpg

[26] Marco Zero: População aproveita novo ponto 'instagramável' durante o Eixão do Lazer
Lucio Bernardo Jr., 2024. ©Agência Brasília
https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/marco-zero-populacao-aproveita-novo-ponto-instagramavel-durante-o-eixao-do-lazer

[27] Cruzeiro, ontem
©Mário Fontenelle, ano desconhecido. Em 'Arquivo Brasília' (2010), de Michael Wesely e Lina Kim.

[28] Outdoor da campanha presidencial de Lott.
Peter Scheier, 1960. ©Instituto Moreira Salles
https://ims.com.br/titular-colecao/peter-scheier/

[29] Estaca Zero: Cruzeiro
Fotomontagem do autor (2025)
Imagens de:
1. Planta Topográfica do sítio da nova capital
NOVACAP, 1955. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura
III_B_13-02708_5-17_H
2. Estaca Zero
NOVACAP, ano desconhecido. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://www.arquivopublico.df.gov.br/estaca-zero

[30] Levantamento aerofotográfico de Brasília
Correio da Manhã, 1958. ©Arquivo Nacional
BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00743_0004
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Levantamento_aerofotogr%C3%A1fico_de_Bras%C3%ADlia_em_junho_de_1958_-_BR_RJANRIO_PH_0_FOT_00743_0004,_Acervo_do_Arquivo_Nacional.jpg

[31] Plano Piloto de Brasília
Imagem de satélite do Google Earth, 2025.

[32] Cruzeiro, hoje
Autor desconhecido, 2023. ©Visite Brasília
https://visitebrasilia.com.br/noticias/praca-do-cruzeiro-um-tesouro-historico-e-cultural-de-brasilia

[33] Sem Título
©Lúcio Costa, ano desconhecido. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura.
VII_A_02-02071_H

[34] Logotipo
Associação Parque Ecológico das Sucupiras, ano desconhecido. Cortesia da APES.

[35] Pracinha do Parque Ecológico das Sucupiras
parquesucupiras / Facebook, 2014
Modificada digitalmente.
https://www.facebook.com/sucupirasdf/photos/pb.100067231924103.-2207520000/752254691484962/?type=3

[36] 'Especulação em áreas nobres'
Excerto do jornal Correio Braziliense, 2007. ©Correio Braziliense
https://urb.bsb.br/2015/05/19/quem-quer-uma-nova-expansao-para-o-sudoeste/

[37] 'Expansão é barrada de novo'
Excerto do jornal Correio Braziliense, 2012. ©Correio Braziliense
https://www.facebook.com/photo/?fbid=368742503158999&set=g.197646166943811

[38] Mobilização da APES na Câmara Legislativa do DF
Soad Saade Portolan / Facebook, 2019
https://www.facebook.com/photo/?fbid=3098961173455368&set=g.197646166943811

[39] Área Metropolitana de Brasília
Cartografia elaborada pelo autor. Base de dados IBGE, 2025.

[40] Imagem de satélite do Plano Piloto de Brasília
Cartografia elaborada pelo autor. Base de satélite do Google Earth, 2025.

[41] "Nova Quadra 500 – Sudoeste: Um novo conceito de viver Brasília
©Emplavi Construtora, 2021.
https://www.correiobraziliense.com.br/cb-brands/brandedcontent/emplavi/2024/06/6869746-emplavi-apresenta-seu-novo-4-suites-premium-na-quadra-500-do-setor-sudoeste.html

[42] 'Quadra Parque 500'
Fernando Lopes, 2020. Cortesia do autor.
https://www.facebook.com/photo?fbid=3774336922599523&set=pcb.465590484778456

[43] Ilustração
©Fernando Lopes, 2011.
https://www.facebook.com/photo/?fbid=237574242942493&set=g.197646166943811

[44] Área desmatada: Predação Imobiliária
Imagem de satélite do Google Earth, 2025.

[45] Homens e máquinas durante a construção de Brasília
Autor desconhecido,1958. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://incrivelhistoria.com.br/brasilia-21-fotos-construcao/

[46] Derrubada do cerrado preservado para as novas quadras do Sudoeste
Ana Rayssa, 2019. ©D.A. Press
https://blogs.correiobraziliense.com.br/aricunha/a-novela-do-sudoeste-e-o-voto-de-cabresto/

[47] Zoneamento do PES
Cartografia de elaboração do autor,. Base de satélite do Google Earth, 2025.
Zoneamento desenhado a partir do Plano de Manejo para o PES (2022).

[48] 'Área de cerrado no Sudoeste vira lixão'
Excerto do jornal Correio Braziliense, 2000. ©Correio Braziliense
https://www.facebook.com/photo/?fbid=377433870926611&set=g.197646166943811

[49] Remoção de vegetação invasora
parquesucupiras / Facebook, 2011
Modificada digitalmente.
https://www.facebook.com/sucupirasdf/photos/pb.100067231924103.-2207520000/231519496891820/?type=3

[50] Placa
Fotografia do autor, agosto de 2024.

[51] Mutirão de limpeza
Parque Ecológico Sucupiras / Flickr, 2009
https://www.flickr.com/photos/44639372@N08/4096550482

[52] 'Comunidade e governo divergem sobre construção da Quadra 500 no Sudoeste'
Portal da Câmara Legislativa do Distrito Federal, 2019. ©CLDF
https://www.cl.df.gov.br/-/comunidade-e-governo-divergem-sobre-construcao-da-quadra-500-no-sudoeste

[53] Capa do 'Plano de Manejo'
ECOSOUL, 2022.
http://sophia.ibram.df.gov.br/sophia_web/index.asp?codigo_sophia=12941

[54] Atividades no Parque
Imagens de:
1. APES / Facebook, 2012
https://www.facebook.com/photo/?fbid=334735643226352&set=g.197646166943811

2. Fernando Lopes. Cortesia do autor.

3. APES / Facebook, 2022
https://www.facebook.com/photo/?fbid=582295097773809 7&set=g.197646166943811

[55] Caderno de campo
©Eduardo Góes Neves, ©Rodrigo Castriota, 2023.
https://piseagrama.org/artigos/urbanismos-tropicais/

[56] Mapeamento LIDAR de assentamentos na Amazônia
©Antoine Dorison, ©Stéphen Rostain, 2024.
https://www.bbc.com/travel/article/20240122-the-discovery-of-the-americas-long-lost-rome

[57] Proposta para o Bosque do Marco Zero.
Colagem do autor, 2024. Realizado para proposta *'Memorial Vivo do Cerrado'*, submetida à oficina de projeto *'[re] pensar o marco zero'*.
https://www.instagram.com/p/DDA2SPzvZei/?img_index=1

[58] Revista 'Brasília' ed. 29
NOVACAP, 1959. Em Revista 'Brasília' ed. 29. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://www.arquivopublico.df.gov.br/revista-brasilia

[59] Intervenção fotográfica onde o cacique pataxó Galdino Jesus dos Santos foi queimado em 1997
Reprodução de TV Globo, 2018. ©Globo
https://g1.globo.com/df/distrito-federal/o-que-fazer-no-distrito-federal/noticia/2018/08/01/intervencao-fotografica-em-parada-de-onibus-do-df-faz-homenagem-a-indio-galdino.ghtml

[60] Cerrado nativo remanescente no Plano Piloto
Cartografia elaborada pelo autor. Base cartográfica Google Earth, 2025.

[61] Aerofotogrametria do Plano Piloto em construção
Autor desconhecido, ano desconhecido. Em 'Arquivo Brasília' (2010), de Michael Wesely e Lina Kim.

[62] Asa Sul 'pelada'
©Lúcio Costa, ano desconhecido. 'Arquivo Lúcio Costa', cortesia da Casa da Arquitectura
VII_A_02-02071_H

[63] Asa Sul 'verdejante'
©Nelson Kon, 2010.
https://www.nelsonkon.com.br/ensaio-brasilia-lucio-costa/

[64] Praça dos Cristais, de Burle-Marx
©Nelson Kon, 2010.
https://www.nelsonkon.com.br/ensaio-brasilia-lucio-costa/

[65] Praça do Cruzeiro, Eixo Monumental, INMET
Autor desconhecido, 1960. ©Arquivo Público do Distrito Federal
Modificado digitalmente.
https://www.arquivopublico.df.gov.br/praca-do-cruzeiro

[66] Sucupira no PES
©Parque Ecológico Sucupiras / Flickr, 2007.
https://www.flickr.com/photos/44639372@N08/4096514786/in/album-72157622660340189

[67] Antigo assentamento de Bö'u, em 'Memória da Terra'
©agência autônoma, 2022
https://memoriadaterra.org/

[68] Moratório sobre as novas construções
Charlotte Malterre-Barthes, 2025. ©Sternberg Press
https://www.sternberg-press.com/product/a-moratorium-on-new-construction/

[69] Recuperação do Cerrado nativo no PES
Fernando Lopes, 2025. Cortesia do autor.

[70] Parque Ecológico das Sucupiras, Capela Militar ao fundo
©Parque Ecológico Sucupiras / Flickr, 2009.
Modificada digitalmente.
https://www.flickr.com/photos/44639372@N08/4095778223/

[71] Ligas camponesas (1955-1964)
Autor desconhecido, ano desconhecido. Em Documentos Revelados.
https://documentosrevelados.com.br/memoria-das-ligas-camponesas-1955-1964/

[72] Kubitschek e Costa na construção do Eixo Monumental
Autor desconhecido, 1957. Em Revista 'Brasília' ed. 04. ©Arquivo Público do Distrito Federal
BR_RJANRIO_EH_0_FOT_PRP_07508_0040
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Presidente_Juscelino_Kubitschek_de_Oliveira_(1956-1961)_fora_do_Pal%C3%A1cio_da_Alvorada_-_assiste_%C3%A0_primeira_missa_em_Bras%C3%ADlia_-_Avenida_Monumental.jpg

[73] *Circuito do Eixo Monumental*
Cartografia elaborada pelo autor, 2024.

[74] Cruzeiro
Autor Desconhecido, 1955. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://www.arquivopublico.df.gov.br/praca-do-cruzeiro/

[75] Esplanada dos Minstérios
Autor Desconhecido, 1959. ©Arquivo Nacional
BR_RJANRIO_EH_0_FOT_EVE_01691_0002
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Construção_do_Congresso_Nacional_Esplanada_dos_Ministérios_1959-1.jpg

[76] Catedral Metropolitana
©Jankiel Gonczarowska, 1959.
https://www.correiobraziliense.com.br/cidades-df/2021/11/4959579-jankiel-gonczarowska-registro-da-memoria-do-brasil-e-da-nova-capital.html

[77] Congresso Nacional
Autor Desconhecido, 1959. ©Arquivo Nacional
BR_RJANRIO_EH_0_FOT_EVE_01691_0017
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Construção_do_Congresso_Nacional_Esplanada_dos_Ministérios_1959-10_(cropped).jpg

[78] Teatro Nacional
Autor Desconhecido, 1966. ©Arquivo Nacional
https://blogs.correiobraziliense.com.br/capital-sa/tag/arquivopublico/

[79] Torre de TV
Autor Desconhecido, 1966. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://www.archdaily.com.br/br/763844/classicos-da-arquitetura-torre-de-tv-de-brasilia-lucio-costa/550560ebe58ece7b29000005d

[80] Pavilhão Nacional
Autor desconhecido, 1972. Em Projeto Memória Acervo Sergio Bernardes.
https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/18.216/6992

[81] Memorial dos Povos Indígenas
Autor Desconhecido, 1983. ©Arquivo Público do Distrito Federal
https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/tbt-memorial-dos-povos-indigenas-um-reduto-de-ancestralidade

[82] Catedral Militar Rainha da Paz
Autor desconhecido, 1993. Catedral Militar Rainha da Paz
https://www.catedralmilitarrainhadapaz.com.br/a-catedral

[83] Museu da República
Autor desconhecido, 2004/5. Em Histórias de Brasília / Facebook
https://www.facebook.com/historiasdebsb/posts/construu%C3%A7%C3%A3o-do-museu-da-rep%C3%BAblica-em-2004-foto-d%C3%A9bora-amorim/1615739398608164/

[84] Reforma do estádio Mané Garrincha.
Autor desconhecido, 2012-13. ©Metrópoles
https://www.metropoles.com/distrito-federal/justica-condena-empresas-por-morte-de-operario-no-mane-garrinha

[85] Parque das Sucupiras, MEMORIAL VIVO DO CERRADO
Autor desconhecido, ano desconhecido. ©Agência Brasília
https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/brasilia-ambiental-prorroga-consulta-publica-virtual-do-parque-sucupiras

[86] Escalas predominantes no Plano Piloto
Cartografia elaborada pelo autor. Base de satélite de Google Earth, 2025.

[87] Inserção na Escala Monumental
Desenho do autor, 2025. Base DWG cortesia de Mariana Castro.

[88] Corte 'a' pelo Eixo Monumental
Desenho do autor, 2025.

[89] Parque Ecológico das Sucupiras: MEMORIAL VIVO DO CERRADO
Cartografia elaborada pelo autor, 2025. Base DWG cortesia de Mariana Castro.

[90] Cercamento do PES
©Fernando Lopes, 2020.
https://www.facebook.com/photo/?fbid=3253523414680879&set=g.197646166943811

[91] Aviário Snowdon no Jardim Zoológico de Londres
Cédric Price, Lord Snowdon e Frank Newby, 1961. ©Canadian Centre for Architecture
https://www.architectural-review.com/essays/editorial-all-architecture-is-about-the-future-but-about-the-past-too

[92] 'Linha do desejo' no PES
©Parque Ecológico Sucupira / Flickr, 2005.
https://www.flickr.com/photos/44639372@N08/4096532418/

[93] 'Running Fence'
©Christo e Jeanne-Claude, 1976.
https://petermichaelwinery.com/journal/art-culture

[94] Esquemas organizativos dos portões
Desenho do autor, 2025.

[95] Limite + Suporte
Desenho do autor, 2025.

[96] Portões B e D
Desenho do autor. Base de satélite de Google Earth, 2025.

[97] Sem título
Colagem do autor, 2025.

Imagens de:
1. ©Bicitografo
https://mx.pinterest.com/pin/889531363906866684/

2. Marcelo Camargo, ©Agência Brasília
https://namidia.com.br/25-anos-de-respeito-a-faixa-de-pedestre/

3. Renato Araújo, ©Agência Brasília
https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/36329/movimento-quer-devolver-brasilia-aos-pedestres

4. Gabriel Jabur ©Agência Brasília
https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/acoes-do-circula-brasilia-em-2017-melhoram-transporte-publico-do-df

5. ©Dreamstime
https://pt.dreamstime.com/carro-em-movimento-r%C3%A1pido-na-rua-frente-da-s%C3%A9rie-bmw-riga-latvia-mar-image244557364

6. Shabeeba Ameen ©Unsplash
https://unsplash.com/pt-br/fotografias/uma-imagem-borrada-de-um-carro-dirigindo-por-uma-rua-KGlwcLowqc0

7.Fernando Lopes. Cortesia do autor.

[98] Linha do desejo' no Setor Comercial Sul
©Diego Bresani, 2016-24.
https://www.diegobresani.com/projetos/caminhododesejo

[99] Construindo 'Running Fence'
©Christo e Jeanne-Claude, 1976.
https://studioahead.tumblr.com/post/688555083763417088/running-fence-northern-california-legacy

[100] 'Rising Trunk' (Aufgebäumter Stamm), de Jan Meyer-Rogge
©Hans-Rüdiger Strey, 1978.
https://www.keom02.de/KEOM%202001/kuenstler/texte/meyer_rogge_bauten.html

[101] Ilustração de Rede de Pesca na "Enciclopédia"
Denis Diderot, 1751-72.
https://www.alamy.com/18th-century-illustration-of-a-fishing-net-published-in-a-diderot-pictorial-encyclopedia-of-trades-and-industry-manufacturing-and-the-technical-art-image362167561.html

[102] Limite
Desenho do autor, 2025.

[103] Sem título
Colagem do autor, 2025.

Imagens de:
1. Marcelo Martins ©Prefeitura de Santos
https://www.santos.sp.gov.br/?q=noticia/santos-reduz-em-70-mortes-de-pedestres-com--acoes-educativas-e-fiscalizacao

2. Fernando Lopes. Cortesia do autor.

[104] Limite e Portão
Colagem do autor, 2025.
Imagens de:
1. Uirá Lourenço ©Mobilize Brasil/Brasília para Pessoas
http://mobilize.org.br/noticias/12490/as-passagens-do-medo-em-brasilia.html?print=s

2. Fernando Lopes. Cortesia do autor.

[105] Aviário do Jardim Zoológico de Munique
©Atelier Frei Otto Warmbromm, 1980.
https://www.archdaily.com.br/br/763706/12-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-frei-otto-vencedor-do-premio-pritzker-2015/55009000ce58ece81290000e6

[106] Terra vermelha brasiliense
Autor desconhecido, ano desconhecido.
https://df.olx.com.br/distrito-federal-e-regiao/materiais-de-construcao/fundacao-e-estrutura/terra-para-jardim-e-aterro-divide-ate-12x-com-taxa-1244924600

[107] Portão D: planta e corte
Desenho do autor, 2025.

[108] Workshop de escultura Curral
©Smiljan Radić, 2014-15.
https://www.mazzocchioo.com/m-10-%C8%99tefan-simion-intro

[109] Casa para visitantes
©Glenn Murcutt, 1992.
https://globalspaces.eu/2023/06/09/guest-studio/

[110] Detalhe da Ponte Efêmera de Fuxi
©far workshop, 2024.
https://www.gooood.cn/ephemeral-bridge-by-far-workshop.htm

[111] Axonometria (Suporte)
Desenho do autor, 2025

[112] Suporte
Colagem do autor, 2025.
Imagens de:
1. Fernando Lopes. Cortesia do autor.

2. Sam Kamp, 2011 ©Alamy
https://melhorespraiasdobrasil.com.br/melhores-praias-do-brasil-para-fazer-trilhas-e-caminhadas/

[113] Limite
Desenhos do autor, 2025

[114] Suporte
Desenhos do autor, 2025

[115] P30 Parangolé, capa 23
Hélio Oiticica, 1972. ©ISLAA e ©Henrique Faria
https://post.moma.org/between-carnaval-and-mondrian-the-manifold-influences-on-brazilian-artist-helio-oiticica/

[116] A casa é o corpo: labirinto
©Lygia Pape, 1968.
62454
https://portal.lygiaclark.org.br/acervo/62454/20417a-jpeg

[117] Brasil-eiro
Colagem do autor, 2025.
Imagens de:
1. Rodrigo Corsi ©Dia de Aprender Brincando
https://diadeaprenderbrincando.org.br/2016/10/06/veja-se-brincar-e-primeira-festa-que-vida--nos-oferece-depois-vem-o-sonho/

2. Fernando Lopes. Cortesia do autor.

[118] Mosquiteiro.
©Diego Bresani, 2023.
https://www.instagram.com/p/CuwfUR3uTaf/

[119] Detalhe do suporte da calha
Imagem do autor, 2025.

[120] Ligação entre as duas componentes (L e W) do Memorial
Desenho do autor, 2025

[121] Portões A e 1
Desenho do autor. Base de satélite de Google Earth, 2025.

[122] Sem Título
Colagem do autor, 2025. Imagens de Fernando Lopes. Cortesia do autor.

[123] Cerrar
APES / Facebook, 2018.
Modificada digitalmente.
https://www.facebook.com/photo/?fbid=1780070795370008&set=g.19764616694381

[124] Árvores do Cerrado na Universidade de Brasília
Jorge Bodanzky, 1964. ©Instituto Moreira Salles
0018_CX05f00904 | 0018_CX05f00905 | 0018_CX05f00909 | 0018_CX05f00908 | 0018_CX05f00911 | 0018_CX05f00907 | 0018_CX05f00910 | 0018_CX05f00906

[125] Derrubada do Cerrado para a construção das novas quadras 500s do Sudoeste
Fernando Lopes, 2019. Cortesia do autor.
Modificada digitalmente.

[126] Escombros
Fernando Lopes, 2019. Cortesia do autor.

[127] Empresário Nenê Constantino é condenado por mais um assassinato
Autor desconhecido, 2017. ©Correio Braziliense
https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2017/05/13/interna_cidadesdf,594748/empresario-nene-constantino-sera-julgado-por-mais-um-assassinato.shtml

[128] Ary Pára-raios
Autor desconhecido, ano desconhecido. ©Brasília Memória & Invenção
https://brasilia.memoriaeinvencao.com/ary-para-raios/

[129] Bacias Hidrográficas no DF Esquissos do 'Sudoeste econômico'
Lúcio Costa, 1987 ©IPHAN.
Em 'Brasília Revisitada 1985/1987' (1987), de Lúcio Costa, p. 13.

[130] Bacias Hidrográficas no DF
Em 'Guia Oficial de Brasília' (1985), de CODEPLAN, p. 9.

apêndice

ENTREVISTA
com Fernando Lopes, presidente da APES

*A entrevista foi realizada para compor o elemento audiovisual da proposta **'onde há fumaça, há fogo'**, submetida ao concurso interno da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto para a 14ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo. O documento apresenta um vídeo no qual Fernando Lopes, presidente da APES, questiona o profissional responsável pela derrubada do Cerrado nativo, que abriu caminho para a construção das novas superquadras do Sudoeste.*



125. Derrubada do Cerrado para a construção das novas quadras 500s do Sudoeste
por Fernando Lopes, 2019

AMD O vídeo, gravado por você em 2019, é bastante gráfico. O video é interrompido abruptamente, quando o celular é arrancado da sua mão. O que aconteceu?

FL Aquela situação foi muito particular, porque o Ministério Público, em uma sexta-feira, publicou uma liminar proibindo a empresa de desmatar o Cerrado na área das *quadras 500s*. Isso teria sido enviado na sexta-feira para a empresa, sem o endereço correto, ou sem o endereço, então a empresa não foi notificada. mas saiu no jornal, era um assunto que estava na pauta do noticiário, que tinha sido proibido o avanço da atuação das empreiteiras. No sábado, pela manhã, eu estava aguardando fazer uma entrevista com repórteres da TV Globo, e antes de eu sair de casa, o administrador regional aqui da área me telefona. Nessa época o administrador era próximo a nós, tínhamos boas relações, e esse administrador me liga dizendo que estava ouvindo as serras dentro da área das 500s desmatando, ele estava informado da liminar. Ele estava me avisando de que não estava sendo respeitada a liminar e estava indo adiante o desmatamento. Eu imprimi [o documento] antes de sair de casa, já que ele estava no meu computador, e desci com a liminar e fui até a área com os repórteres da TV Globo, que já estavam me aguardando. Fomos até a divisória do Parque das Sucupiras com as 500s, onde tinha uma cerca arame farpado. Os repórteres se recusaram a entrar, porque seria área privada, e eu entrei com a liminar na mão, estava com a camiseta da Associação, encontrei os operários, perguntei onde estava o capataz, o responsável, que veio na minha direção. Eu perguntei, com a liminar na mão, se ele estava ciente que não podia desmatar. Ele me perguntou se eu era oficial de justiça. Eu disse que era da Associação do Parque das Sucupiras. Ele retirou o celular da minha mão, que é o que está na filmagem, chamou a polícia, e eu tive que sair da área. Mas quando saímos, os companheiros da Associação já estavam avisados, e tinham chamado o Ministério Público também. Então não houve nenhum problema maior,

21/04/2025

por Arthur Machado Dinis e Cícero Sobreira



126. Escombros
por Fernando Lopes, 2019

testa de ferro
Pessoa que figura em negócios ou atividades legais e ilegais em nome de outra pessoa ou organização.



***127.* Empresário Nenê Constantino é condenado por mais um assassinato**
a.d. / Correio Braziliense, 2017

eu apenas tive que me retirar. Então essa foi a situação gravada nesse vídeo, que foi algo bastante lamentável, porque sem a liminar, eles continuaram desmatando: Sábado, domingo, segunda... Na terça-feira já não tinha absolutamente nada de Cerrado. Atualmente a gente vai na área e vê áreas em que o Cerrado poderia ter sido preservado, áreas de reflorestamento, jardins... Eles retiraram tudo, absolutamente tudo em três dias.

AMD A construção das Quadras 500 é um processo que já vinha adiante, tinha sido tentado antes e havia sido suspenso, não?

FL Sim, essa permuta, que foi o que aconteceu entre a Marinha do Brasil, [antiga detentora do terreno], e uma empreiteira chamada *Antares Engenharia,* mas na realidade apenas como *testa de ferro* do empresário Nenê Constantino. A família Constantino [tornou-se] a real dona dessa área, e é quem está por trás desse empreendimento, foi quem realmente fez a permuta com a Marinha do Brasil. E isso foi questionado porque não fazia parte do tombamento do *Anexo 2* do documento *Brasília Revisitada* do Lúcio Costa,[1] onde havia um mapa que determinaria que essa área era *non aedificanti*. Então houveram vários questionamentos, um deles foi nessa questão urbanística, de que não estaria permitido pelo *Anexo 2* do *Brasília Revisitada* de Lúcio Costa. Outra foi a própria questão da permuta, que num primeiro momento o Tribunal de Contas da União determinou que isso não estava correta, que tinha que ser feita por licitação e não por permuta. Tinha que ser um processo aberto, público. Isso foi questionado pelas empreiteiras e num segundo julgamento o Tribunal de Contas autorizou. Nós temos a cópia desse julgamento onde a decisão diz que está errado, mas que não teria havido prejuízo ao erário público, então estaria autorizado mas, tecnicamente, não poderia ter sido uma permuta.[2] Então havia várias frentes de questionamento sobre esse empreendimento, mas com o enorme poder das empresas, das construtoras, [e seu] enorme poder político e econômico, eles foram derrubando todas as decisões judiciais, conseguindo todas as autorizações dos órgãos competentes de planejamento urbano, e finalmente [conseguiram aprovar a expansão do Sudoeste]. Essa luta durou 10 anos, várias audiências públicas, idas e vindas. Visitamos o juiz que deu a decisão final, o juiz Jerair Meguirian, desembargador, estivemos três vezes com ele, mas finalmente foi autorizado a construção. Essa liminar final que proibia o desmatamento foi atropelada desse modo e então ninguém mais parou essa obra.

AMD Voltando um pouco no tempo, gostaria de saber como foi que começou a mobilização em torno do Parque Ecológico das Sucupiras.

FL Bom, eu vim morar aqui logo no início do '*Sudoeste econômico*', setor onde eu moro, que é lindeiro ao Eixo Monumental e paralelo aqui a área da quadra 500 e ao Instituto Meteorológico, o INMET. Essa quadra foi uma área desmatada, é claro, e deixou esse nicho de Cerrado aqui em frente aos prédios, lindeiros ao Eixo Monumental. Já havia interessados em preservar essa área, era evidentemente um pequeno fragmento de Cerrado notável. Tomamos a iniciativa de fazer um primeiro mutirão de limpeza. Estou aqui com o caderno onde essas assinaturas foram lavradas: "*lista de adesão pró-Parque Ecológico do Sudoeste*", era como anotamos nesse caderno, não havia nem nome ainda do Parque. Isso foi em 22 de novembro de 2001 e fizemos então um mutirão nessa data de limpeza. Botamos faixas aqui em frente aos prédios, fizemos algum tipo de divulgação impressa nas caixas de correio. Tudo precário, mas conseguimos fazer o nosso mutirão e fomos juntando moradores que já estavam também interessados em preservar esse Cerrado. A

1 Costa, Lúcio "Brasília Revisitada 1985/ 1987." Ensaio & Pesquisa, 1987.

2 A Marinha do Brasil recebeu 784 apartamentos em Águas Claras, DF pelo seu antigo terreno. "*Quadra 500 Do Sudoeste: Justiça Rejeita Recurso E Libera Expansão Do 'Bairro'*." G1 DF, 2018.

partir desse primeiro encontro, fomos nos reunindo, conseguimos apoio do Conselho Comunitário da época, o seu presidente nos ajudou a fazer um estatuto, a questão legal, e a associação tem mais de 20 anos, registrada, com o CNPJ e funcionando dentro das condições legais, o que nos fortalece muito, por exemplo, para participar da elaboração do Plano de Manejo, porque nós estamos na origem da proposta do Parque. Foi a associação que levou, via o primeiro presidente do embrião do que hoje em dia é o Instituto Brasília Ambiental, [o IBRAM], que era com o Parques, professor Ênio Dutra, foi o primeiro diretor da área ambiental no governo Joaquim Roriz. Ênio Dutra nos levou até a residência do governador Roriz e lá apresentamos o projeto e assim foi aprovado por decreto do governador a criação do Parque Ecológico de Sucupiras. Um processo que durou uns cinco anos, mais ou menos, desde que começamos até conseguir que o Parque fosse criado.

CNPJ
Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica. Registro que identifica uma empresa ou outra entidade legal.

AMD Face à concretização da expansão do Sudoeste, como você classificaria agora o estado atual do Parque e das disputas em torno dele?

FL Diante do fato consumado das 500s, nós temos relações com eles, inclusive porque eles são responsáveis pela compensação ambienta, então o cercamento, por exemplo, que foi aquela primeira ação deles que gerou a questão da ação judicial nossa, porque [o Parque] estava sendo cercado sem um Plano de Manejo. Mas temos relações com ele desde essa questão do cercamento e são as mesmas pessoas, o diretor-presidente da administração da 500s, estamos em contato com eles para parcerias, fizemos, por exemplo, dois plantios com o movimento 'Tempo de Plantar', que em todo mês de dezembro mobiliza a comunidade para o plantio de árvores nativas, e a administração do condomínio das 500s e do conjunto de empreiteiras que estão administrando aquela área. Mas [o diretor-presidente] faz a intermediação com os moradores, que ainda não tem uma associação, mas estão conosco. [Inclusive] há uma pessoa lá muito interessante que já foi presidente do CREA, Conselho de Engenheiros, e que é ecologista. Até onde tivemos contato, defende um Plano de Manejo que Realizado pela comunidade, que é um Plano [que prioriza mais a] preservação do que o lazer, já que o projeto da 500s era muito voltado ao lazer: tinha mais de dez quadras de esporte, equipamentos de todo tipo para o uso dos moradores. Nossa proposta é mais [voltada para] preservar o Cerrado que existe e desenvolver atividades educativas e, claro, de lazer também, [embora] não intensivas. Nesse momento estamos aguardando a implantação do Plano de Manejo. Há um novo diretor do Parque, que é uma pessoa conhecida da área ambiental e tem respeito, é bem considerado. Já esteve no parque e já estivemos com ele. Com as 500s também estamos buscando essa parceria para implantar o Plano de Manejo aprovado, que é bastante no sentido da preservação, como já disse. [O Plano] foi feito em conjunto com o IBRAM, como manda a lei, tivemos mais de dez reuniões onde foram determinadas áreas de preservação total, áreas de uso público, todo tipo de determinações nesse sentido de preservar o Cerrado.

CS Para melhor entender o contexto em que vocês, os moradores, passam a se organizar em torno do que viria a ser o Parque, existiam movimentos análogos acontecendo noutras regiões de Brasília, ou teria sido algo mais *'isolado'*?

FL Eu acabo falando talvez de um modo muito pessoal, porque acaba sendo a minha experiência mesmo. Moro aqui há mais de 28 anos e a proposta de criar o Parque veio muito da minha experiência de ver esse Cerrado aqui em frente de casa e decidi cuidar dele. Estava abrindo [meus arquivos] aqui, [e noto que] a primeira manifestação que aconteceu no sentido de preservar o Cerrado foi no jornal Correio Braziliense num domingo, 12 de novembro do ano 2000: *"área de cerrado no Sudoeste vira lixão."* Era uma área onde as empreiteiras, as construtoras jogavam seu lixo das construções e refugos. A fotografia que estou vendo nesse momento são de pequenas montanhas de lixo e de entulho. Essa era uma área que estava


MEIO AMBIENTE

OS MORADORES DO SUDOESTE QUEREM TRANSFORMAR A ÁREA DE CERRADO QUE VIROU LIXÃO EM PARQUE ECOLÓGICO DE USO MÚLTIPLO

Área de cerrado no Sudoeste vira lixão

48. 'Área de cerrado no Sudoeste vira lixão'
em Correio Braziliense, 2000



128. Ary Pára-raios
a.d. / Brasília: Memória & Invenção

QRSW
Quadra Residencial Sudoeste.

Esquadrão da Morte
Organização paramilitar que visava combater pessoas vistas como perigosas para a ditadura militar no Brasil.

Região Administrativa
Subdivisões territoriais do Distrito Federal.

extremamente degradada. Essa matéria, publicada no ano 2000, começa dizendo: *"Fernando Lopes, morador da QRSW8 do Sudoeste, chama atenção para a preservação da área de cerrado em frente à sua quadra, ao lado da área da reserva da Marinha do Brasil."* Havia naquela época alguns movimentos, havia o FUNATURA que era uma fundação de defesa do meio ambiente. Havia algumas instituições civis que já tentavam trabalhar no sentido desse Cerrado ser preservado. A destruição ambiental de lá para cá foi terrível no Cerrado. Atualmente mais da metade do [bioma] já foi desmatado. O contexto já era de começar a valorizar a vegetação nativa do Planalto Central, que já começava a ser degradada principalmente pela agricultura intensiva, pela monocultura. Surgiram, de fato, alguns [movimentos de] apoio como, por exemplo, havia um, o ambientalista Ary Pára-Raios. Pára-Raios era um ator que tinha esse personagem meio circense e fazia performance nas ruas com o seu movimento, bastante familiar. Trabalhava com seus filhos, amigos, jovens, [no] chamado *Esquadrão da Vida,* em oposição, claro, ao terrível nome *Esquadrão da Morte*. Ary era um ecologista, e era tão ecologista que o dia do Cerrado - 11 de setembro, que é uma data um pouco triste por outros motivos - é [celebrado nesse dia] em homenagem ao dia que Ary Pára-Raios nasceu. No nosso primeiro mutirão, que citei noutra fala, em que saímos divulgando pela vizinhança, Ary Pára-Raios e seu Esquadrão da Vida vieram em nosso apoio e ele saiu com sua trupe, tocando trombetas e tambores pelas ruas, chamando para o mutirão. Foi uma coisa de amigo, não nos cobrou nada. Depois, pintei um estandarte para o Esquadrão da vida como contrapartida.[3] Mas Ari veio, de modo muito generoso, e isso foi filmado por um vizinho jornalista, que perdeu o vídeo. Nunca conseguimos o registro dessa ação do Ary Pára-Raios, que é [uma figura] tão ligada ao Cerrado. Nesse nosso caderno do primeiro mutirão eu tenho a assinatura da filha dele, Maíra, que assinou o nosso livro de presença, mas é o único registro que restou desse acontecimento tão simbólico para nós e tão afetivo do amigo Ary Pára-Raios.

CS É uma história muito ilustrativa, talvez, daquele momento. Tenho a impressão de que quando a gente andava na escola, quando a gente era criança, falava-se muito sobre preservação da natureza, já, até com algum atraso. Não sei se é pela minha falta de contato com crianças em idade escolar, mas eu sinto que de lá para cá, essa questão da preservação da natureza como um tema geral, ou sobretudo ligada às experiências reais nas cidades do Brasil, por exemplo, é uma coisa que foi se diluindo entre outros problemas que existem no Brasil, que são muitos. Por isso, gostaria de saber, Fernando, de lá para cá, você sente que existe uma perda de empolgação em relação a esse tipo de tema? Ou seja, quem ainda luta por isso hoje, em 2025, no Brasil, seriam os últimos resistentes desse momento de maior atenção a esse tipo de pauta, muito característica do otimismo generalizado que marcou o início do século no país.

FL Olha, está acontecendo uma coisa muito interessante aqui, na própria região administrativa do Sudoeste, onde eu moro, que é a organização dos COMDEMAS - as Comissões de Defesa do Meio Ambiente do Distrito Federal - em cada Região Administrativa, RA. Isso é algo novo, provavelmente a legislação está obrigando o governo local a organizar esses movimentos populares, e isso está acontecendo em todas as RAs e, para minha surpresa, houve uma adesão muito grande. Eu [mesmo] estou em dois grupos de *WhatsApp* [de conselhos de outras RAs], e eu, que já estou um pouco cansado dessa luta ambiental, continuo responsável aqui pela questão do Parque das Sucupiras, sempre limpando, protegendo, tentando tocar as questões legais. Me convocaram, de um modo que eu não pude dizer não, para fazer parte desse conselho da nossa Região Administrativa, [onde somos]

3 Para além de presidir a APES, Fernando é professor, artista e um renomado ilustrador. Sua extensa colaboração com o *Correio Braziliense*, jornal de referência nacional, foi reconhecida com o *Prêmio Vladimir Herzog de Direitos Humanos* - categoria *Arte*, nos anos de 2003, 2007, 2008, 2011 e 2012.

sete representantes oficiais e sete suplentes. Teve muita gente interessada, [conforme] acompanhei pelo grupo do *WhatsApp*. Mais acompanhei do que agi, para ser claro. Pode-se dizer que não é uma nova geração, mas com certeza são pessoas um pouco mais jovens, [embora] não sejam jovens propriamente, mas estão sim engajados. A gente vê que há uma preocupação pelo 'doméstico, pelo 'próprio', pela 'vizinhança', porque nós sabemos que há outros embates. Aqui do lado da quadra 500s está o INMET, o Instituto Nacional de Meteorologia que, nesse momento, pertence e é administrado pelo Ministério da Agricultura. [Ele protege] uma área de cerrado maravilhosa, que a gente que mora perto, sente a diferença que faz com o conforto da temperatura, da umidade. A gente caminha ali pela área do INMET e a temperatura é alguns graus mais baixa do que do outro lado da rua. Então a comunidade tem que estar muito atenta, porque estão previstos novos prédios na área do INMET, [como] está previsto no Plano Diretor de Ordenamento Territorial, PDOT, que acaba de ser aprovado. Eu participei de uma reunião ano passado com a comunidade sobre o PDOT, [onde indaguei sobre a manutenção da mudança de status] do INMET, agora como área em que se possa construir. "*[A mudança] continua"*, me responderam. Então, se a comunidade estiver unida com esses conselhos e mais participativa, quem sabe conseguimos salvar o INMET. O nosso projeto original era fazer uma espécie de Memorial do Cerrado, juntando o Parque das Sucupiras, a área da Marinha, que tinha um Cerrado muito lindo, [já que] era uma área cercada, e o INMET, que é lindeiro. Seria uma área mais integrada mas, atualmente, a [nova] quadra 500 interrompeu essa possibilidade. Então, há sim um interesse permanente e talvez até mais acentuado do que há 20 anos atrás e eu estou testemunhando isso. A comunidade está aproveitando as brechas que surgem para se organizar e participar.

CS Qual seria, na sua opinião, a relevância da formalização de um Memorial que integrasse os espaços contínuos de Cerrado que você mencionou? Qual seria o papel de um '*parque-memorial*' na disputa que vocês têm tocado?

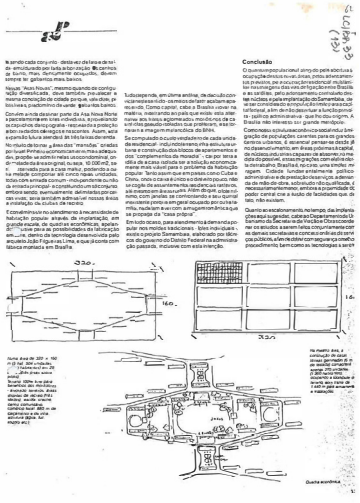
FL Como se chamam essas áreas que interligam diferentes *Unidades de Conservação? Corredores Ecológicos*, algo assim. Até pouco tempo atrás se viu, e um vizinho me mandou os filmes, duas raposinhas correndo aqui nas ruas, entre a quadra 500 e o Parque das Sucupiras, [onde] tem um *balão,* um circular para carros, e essa vizinha me mandou o filme que o marido fez à noite, de duas raposinhas correndo ali. Há outras histórias de animais sendo vistos por aqui. Até hoje me dizem que há micos, [embora] eu não os tenho visto. Como a área não tem água, eu acho que esses animais não têm muita condição de sobreviver, mas eles estão por perto. E seria talvez um corredor ecológico [mais robusto] para o Parque Nacional de Brasília, que não fica muito longe de onde está o Parque das Sucupiras. Tudo muito fragmentado, praticamente inviável, mas justamente, havendo uma área um pouco maior de corredor, que seria a junção do Parque das Sucupiras à quadra 500, que era a área da Marinha, e o INMET já seria uma [área] muito maior para esses animais poderem atravessar. Eu já vi, e há alguns anos não vejo mais, gambás à noite no parque. [Vejo alguns] lagartos de médio porte. Cobras não tenho visto mais. Havia alguma vida nesse Cerrado que tende a ficar cada vez menor, na medida em que vai se fragmentando. Então, com certeza, se tivéssemos conseguido unir essas três áreas num Memorial a ser preservado, esses pequenos animais teriam mais chance.

balão
rotunda

CS Esse papel de *'infraestrutura ecológica*', mais invisível é, certamente, uma das funções mais importantes. Mas eu ainda chamava a atenção para Brasília ter uma área tão destacada, tão próxima ao Eixo Monumental. À nível de potência do discurso público ou da forma como se fala sobre o Cerrado em Brasília, no espaço urbano, o que poderia implicar a formalização de um Memorial?



69. Recuperação do Cerrado nativo no PES
por Fernando Lopes, 2022



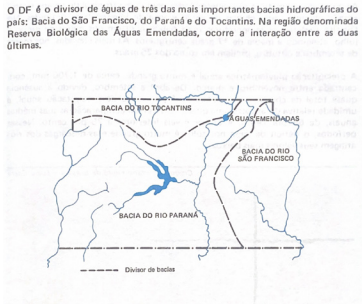
129. Esquissos do 'Sudoeste econômico'
por Lúcio Costa / IPHAN, 1987

FL Olha, no começo aqui, não havia nenhuma valorização nem compreensão do que era o Cerrado. Até confesso que eu, que morava no Cruzeiro, do outro lado da rua aqui, praticamente em frente à Avenida das Jaqueiras. Do outro lado dessa avenida é onde se construiu minha quadra atual, em frente aonde eu morava. Isso tem 28 anos. E eu digo que naquele momento foi destruído uma área grande de Cerrado, onde é atualmente o Sudoeste. Eu não lembro de nenhuma reclamação ambiental. Nem eu mesmo tive consciência do que podia significar a destruição desse Cerrado, que estava onde agora eu moro. E presenciei a construção desse bairro, e naquela época não havia consciência do que seria preservar essa área, nenhuma. Simplesmente foi derrubado e foi construído um novo bairro, que é onde eu moro. Então, realmente, parece que não havia ainda consciência, há 30 anos atrás, quando começou a construção dessa quadra - porque eu moro há 28, mas ela começou a ser construída antes disso - parece que ainda não havia uma consciência social do que era a crise ambiental, que estava já no nosso calcanhar. Logo que eu vim morar aqui, vi esse Cerradinho na minha frente e lembro, por exemplo, de membros da administração regional, que eu solicitava para fazer algum serviço de limpeza, retirada de entulho, coisas que eu convocava a administração, eu lembro de ouvir, por exemplo: *"ali só tem mato. O que você está cuidando ali?"* Eu ouvi isso uma vez de um funcionário da administração. Então, acho que a consciência de que isso tem importância, vai sendo construída, porque originalmente [o Cerrado] não valia nada, era apenas um 'pedacinho de mato'. Agora, com essa extinção gigantesca do Cerrado, e justamente se a gente mostra uma foto de como era isso em 2003 e como está isso hoje em dia, é espantoso, porque era um mato ralinho, era uma coisa insignificante, e hoje em dia temos uma massa arbórea muito significativa, muito viva, muito expressiva. Então, é a preservação que valoriza, com certeza, e também o próprio processo de destruição ambiental que vai tornando isso cada vez mais significativo. E aí se insere, por exemplo, a nossa briga, digamos assim, com os tutores de cães, porque eles querem usar o parque para passear com seus cachorros. Isso foi discutido na elaboração do Plano de Manejo e era dito, de modo muito republicano a eles: "olha, todos temos direito a propor nossos objetivos, nossas necessidades, estamos aqui reunidos para isso." A nossa proposta, como aqueles que começamos a valorizar essa área [e que] propusemos a criação do Parque, é que ele seja uma espécie de santuário. Parque para passear com cachorro já têm muitos, quadras de esporte está cheio por aí! O Parque das Sucupiras é um pedacinho de Cerrado que restou, é um fragmento valioso, um exemplo que conseguimos salvar. Então são visões que em algum momento têm um embate. A nossa posição muito clara sempre foi essa, o Parque das Sucupiras é sim algo diferenciado, e tem questões, por exemplo, como o pôr-do-sol, que está no Plano piloto, no projeto de Lúcio Costa, como parte do projeto. [O Parque] é um dos poucos pedacinhos onde isso ainda existe, porque [em volta] está tudo construído. Então temos esse pôr-do-sol no contexto de Cerrado, temos o silêncio da mata, os grilos à noite, até vagalume, que poucos meses atrás eu vi. É um pequeno tesouro. Vai transformar em *'parcão'*? Em quadra de esporte? Não é nossa ideia.

CS Isso é muito interessante, porque fala sobre como associar o Cerrado ao *'mato'*, já que no Brasil existe uma padrão importado do que seria a *'natureza-natural'* e o Cerrado não segue esse padrão de natureza idealizada. Você conseguiria resumir, sintetizar, ou expressar de qualquer forma, por que o Cerrado é importante, em um país que supostamente teria biomas *'mais atraentes'*?

FL Por que o Cerrado? A primeira questão que o Cerrado apresenta é a água. Por estar em um ambiente que fica numa [zona de] extrema secura, na última parte do ano, as raízes são muito profundas, e com isso permitem a penetração da água da chuva, fazendo o lençol freático alimentar as nascentes. Mas, infelizmente, temos, por exemplo, *Águas Emendadas,* que é uma questão extraordinária, uma pequena área de preservação próxima à Brasília, onde há uma nascente, uma área de, como

se chama, de temas palmeiras, que fica alagado, tem um nome próprio, como Guimarães Rosa chama seu livro: as veredas. O Cerrado tem essas veredas, onde brotam minas do lençol freático, e temos em Águas Emendadas uma nascente que se dirige ao norte, indo alimentar rios que fazem parte da Bacia Amazônica; ao sul, que vão até o rio da Prata; e [as que alimentam] a Bacia do rio São Francisco. Elas se dividem justamente porque estão surgindo no Centro-Oeste. Algo meio mágico no Planalto Central, uma nascente que vai alimentar diferentes bacias, em várias direções. Isso está secando. Há um grupo que se chama *Guardiões de Águas Emendadas*, GAE, que é um herói que toma conta desse movimento, lutando pela preservação de Águas Emendadas, mas está secando. As Águas Emendadas já estão desaparecendo, porque há empreendimentos imobiliários por todo lado, rodovias, monocultura, [a nossa região] é uma região que está secando. Então, é um pouco desesperador ver que esse processo talvez seja irreversível, mas tentamos, apostamos, na possibilidade de restauração. Há muitos movimentos buscando esse processo, na Universidade de Brasília, UnB, temos grupos na agronomia que estão pesquisando a recuperação do Cerrado, e se não formos por aí, realmente estaremos perdidos, porque, é como se diz: o Cerrado é a '*caixa d'água do Brasil*'. Os grandes nascentes surgem aqui, nesse Planalto Central.



130. Bacias Hidrográficas no DF
por CODEPLAN, 1985

AMD Inclusive, essa questão do encontro das bacias hidrográficas foi um dos fatores importantes que contribuiu para que fosse essa área a escolhida para abrigar a nova capital federal.

FL Pois é, agora você tem, por exemplo, o bairro de Águas Claras. O nome já diz. Foi inteiramente construído, e é só espigão. É um bairro que parece Nova Iorque, uma imensidade e uma precariedade das vias urbanas, com engarrafamentos, é uma área que foi construída em cima de nascentes. E você vê, abrindo um jornal, uma notícia de que "nascente arrebenta asfalto". Uma nascente está prejudicando o asfalto! Então, a especulação mobiliária, as empreiteiras é realmente um vetor de destruição e de falta de planejamento e de respeito às condições ambientais que talvez a gente não consiga deter. Nossa experiência aqui com as Quadra 500s foi assim, apesar de termos argumentos tanto legais quanto ambientais para tentar preservar aquela área, não foi possível [o fazer]. O poder deles é enorme. Eu costumo dizer que não é nem que eles estão no governo, eles são o governo. As agências de governo estão todas instrumentalizadas por esses representantes das grandes empreiteiras, as secretarias de desenvolvimento urbano, você vê até de repente um órgão ambiental como o IBRAM, você chega no prédio e a primeira coisa que vem é o '*apoio aos pequenos negócios*', às empresas, aos empreendimentos. O IBRAM tem uma pequena estrutura para receber empreiteiros ou agricultores ou iniciativas privadas que precisem da aprovação dos seus projetos. Então o viés é muito no sentido da economia, mais do que no sentido da preservação.

AMD Isso me chama atenção pra alguma leituras que se têm da construção de Brasília ter sido, dentre suas dimensões mais importantes, um grande projeto de especulação imobiliária.

FL Com certeza! E não só de especulação imobiliária, de agricultura, de mineração, é o pacote inteiro.

CS Nesse sentido, da história de Brasília com o projeto de avanço sobre o Cerrado de forma geral, o que você acha que o Parque das Sucupiras teria de particular?

FL Bom, é esse pequeno exemplo do Cerrado, o que restou. Na área central [da cidade], não tem outro. É uma '*gotinha*'. Quando a gente vê o mapa, a foto de satélite, ali você vê a área circular do INMET, agora já tem a quadra 500 ali do lado, e o Parque das Sucupiras, que é uma manchinha verde, um verde escuro, o resto

tudo é área plantada, área reflorestada. O próprio Parque da Cidade foi totalmente, o Cerrado foi arrancado. O que restou de manchinha ali de Cerrado é aqui. Não sei, eu tendo a pensar que ele será cada vez mais valorizado, à medida que for sendo mais raro. Mas depende de ações educativas, depende de ser mantido com essa limpeza, digamos assim, com essa pureza, que não se transforme em uma área de lazer a mais, de que haja compreensão do seu valor.

CS O Parque das Sucupiras é um pouquinho de Cerrado que, de alguma forma, ainda sobrou...



2018



2019

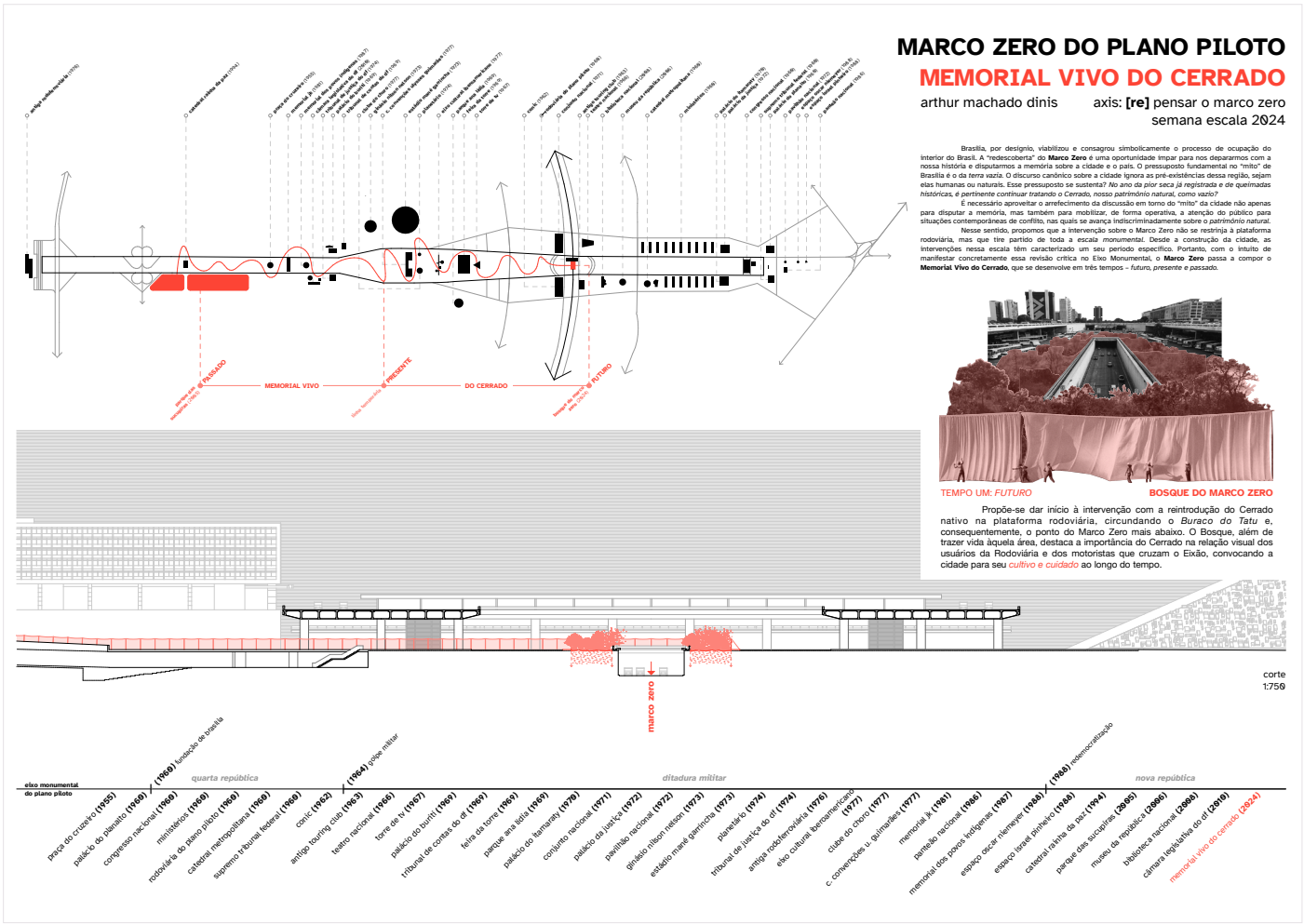
44. Área desmatada: Predação Imobiliária

FL Pode olhar a foto de satélite do plano piloto, tem o INMET, redondinho, e as quadras 500 separando ele, e o Parque das Sucupiras na beira do eixo. Agora, é uma situação curiosa, porque a gente está num momento em tivemos uma reunião da nossa diretoria aqui da Associação, há poucos dias, para conversar sobre a extinção do processo judicial, porque ele estava focado na questão do cercamento. O IBRAM finalmente finalizou tecnicamente a questão do cercamento, fazendo pequenas correções que tinham que ser feitas com a empreiteira da quadra 500, que foi responsável por isso. O IBRAM, então, alegou no processo que a causa legal que justificava a existência do processo estava sanada. A cerca foi feita como o juiz mandou e foi entregue pela empreiteira como compensação ambiental. Não faz mais sentido ter o processo. O Ministério Público, numa decisão até interessante, porque termina dizendo que apesar do processo ser extinto, seria muito recomendável que Governo, sociedade e empresas trabalhassem juntos, continuassem juntos, até formalizando isso de algum modo legal. E, então, extinguiu o processo. Fizemos uma pequena reunião com o nosso advogado, que nos auxilia *pro bono*, e ficou em aberto então como encaminhar essa sugestão que está na decisão judicial. Será que nós damos entrada a um novo processo, buscando apoio do IBRAM e da quadra 500 para a implantação do Plano de Manejo? Esse é o momento em que a gente está. Então agora é o momento de ir definindo, realmente, como o Plano de Manejo vai ser implementado, porque apesar dele ter definições gerais, tudo tem que ser especificado, por exemplo a previsão de uma passagem de animais entre uma área e outra do Parque, dividido pela avenida, que corta o parque. São questões que vão ter que ser equacionadas. Como vão ser resolvidas e qual seria o tamanho disso? Por que o IBRAM já propôs que fosse uma passagem para pessoas também, então a gente está nesse momento de precisar continuar alerta, participando, porque vem o momento da definição dos detalhes, e muita coisa vai ser definida nos detalhes mesmo.

ANTECEDENTES

‘Marco Zero do Plano Piloto: Memorial Vivo do Cerrado’
Submetida à oficina de projeto *'[re] pensar o marco zero’*
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, Brasil.

Novembro, 2024.



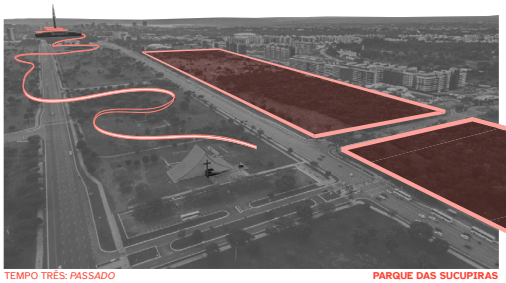
MARCO ZERO DO PLANO PILOTO

MEMORIAL VIVO DO CERRADO

arthur machado dinis

axis: **[re]** pensar o marco zero
semana escala 2024

O Memorial culmina na Reserva Ecológica do Parque das Sucupiras. Fruto de mobilização, desde 2005, o Parque protege o que restava da última zona de Cerrado nativo não designada no Plano Piloto. O risco de que sua condição de Reserva Ecológica seja descaracterizada é real, dado a pressão do voraz mercado imobiliário. A construção de novas quadras no Sudoeste, vizinhas ao Parque e realizadas com a destruição de uma considerável área de mata nativa, estabeleceu uma nova fronteira de disputa. Dessa forma, após o trabalho de *memória*, podemos utilizar essa mobilização para reforçar a *defesa do patrimônio natural* do Cerrado nativo que o Parque cuida e protege.



TEMPO TRÊS: *PASSADO*

PARQUE DAS SUCUPIRAS



TEMPO DOIS: *PRESENTE*

LINHA TEMPORÁRIA

O Eixo Monumental é o espaço ideal para *instigar o discurso público* sobre a preservação do Cerrado e sua memorialização como patrimônio naquela região. Assim, propõe-se a instalação de uma linha que conecte o Bosque do Marco Zero ao Parque das Sucupiras, uma reserva ecológica adjacente ao Eixo Monumental, na altura da Praça do Cruzeiro. Essa linha é modular e sempre atravessável, composta por véus brancos apoiados como cortinas em molduras de postes e cabos de aço. A instalação, de caráter temporário, marcaria a inauguração do Memorial Vivo do Cerrado no tecido material e simbólico da cidade.

axonometria
1:2500

‘onde há fumaça, há fogo’

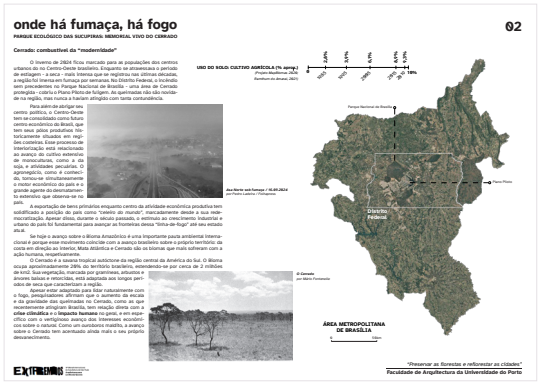
Submetida ao concurso interno para a 14.ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo

em colaboração com Cícero Sobreira, Mariana Bernardes e Kenzo Furumoto

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Portugal

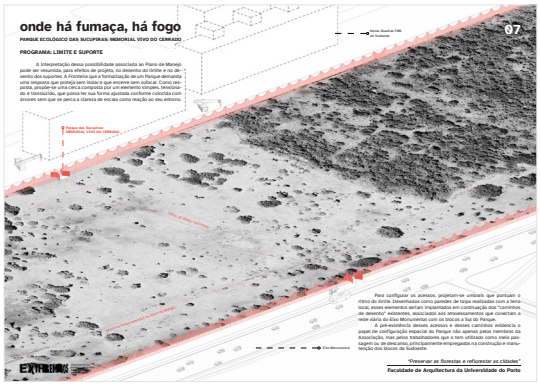
Maio, 2025.

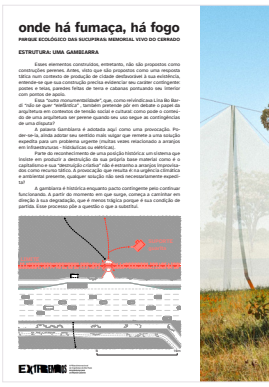




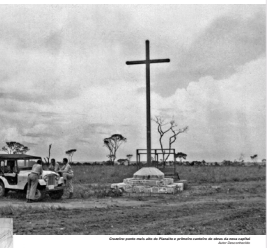








03



Cruzeiro: ponto mais alto do Planalto e primeiro symbolo de ideias da nova capital
Autor: Fotos Antigas Blog

"Preservar as florestas e reflorestar as cidades"
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

---

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

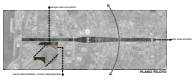
Parque das Sucupiras: Intersecção entre o "concreto e o simbólico"

Nas imediações da Praça do Cruzeiro, ponto mais alto do planalto em que se situa Brasília, onde foi rezada a primeira missa e primeiro símbolo da nova capital da república, encontra-se uma situação contraposta de conflito entre a ocupação e avanço indiscriminadamente sobre o patrimônio natural, reminiscente dos processos descritos até aqui o Parque Ecológico das Sucupiras.

O Parque das Sucupiras é uma Reserva Ecológica na região central da Zona Metropolitana de Brasília que protege um trecho remanescente de Cerrado nativo. Funciona há duas décadas sob risco constante de desocupação. Em 2019, foi criado um projeto de extensão universitária para a constituição de reserva ecológica de uso sustentável demanda um esforço constante de mediação entre as realidades da cidade e do Cerrado a ser protegida.

Essa situação, já frágil, ficou ainda mais sensível face à pressão exercida pelas recém-construídas superquadras 108 do Sudoeste, setores associados às novas superquadras empertsarian-se em intercomunicar o Parque das Sucupiras, transformando-o em um grande parque de uso comum, o que acabaria por descaracterizar a função de santuário do Parque das Sucupiras.

As novas quadras do Sudoeste são bastante elitomáticas do avanço indiscriminado do interesse econômico sobre o Cerrado. Sua construção ocorreu em 2019, sobre uma área de Cerrado nativo, sem nenhum estudo de terra. Até 2019, ficava ali um grande trecho de mata nativa isolada e que foi derrubada após um processo controverso e à revelia de importantes setores sociedade civil. Para além de representar um ataque frontal ao patrimônio natural/infraestruturas ecológicas da cidade, o projeto de expansão do Sudoeste potencialmente fere as diretrizes do Plano Piloto, que desde 1998 é Patrimônio Mundial da UNESCO.



PLANO PILOTO

EXTREMOS

04



Ultimos 3 arvoredos existentes e construção do Bloco 1 da quadra 108 Sudoeste (Fevereiro 2019 e 2020)
Fotos: Google Earth

1958
2019



Derrubada de cerrado preservado para as novas quadras do Sudoeste
Alex Pajuaia / Ego, UOL / Circ Press

---

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

Fogo contra fogo

Apesar de espelhar esse processo histórico de avanço sobre o Cerrado, a existência institucional do Parque Ecológico das Sucupiras é fruto de uma luta de mais de 20 anos de mobilização da sociedade civil e de um esforço contínuo de manutenção. O esforço de mobilização, por sua vez da coesão à sociedade civil com a qual entra em contato e, apesar de sua duração expandida tem angariado novos adeptos e ferramentas de agência no processo de determinação desse território.

Nesse sentido, o Parque das Sucupiras, apesar do seu isolamento enquanto trecho de Cerrado na zona central do Plano Piloto, em cumpre uma importante função de infraestrutura natural: funciona como "transpoint ecológico" para diferentes espécies de fauna e flora nativas do Bioma, ou seja, representa um importante ponto de apoio para diferentes sistemas de reprodução e proliferação dessas exemplares que convivem com os sistemas urbanos.

Esse conjunto dessas valências teve como consgrata recente a produção de um Plano de Manejo, documento legal que detalha as procedimentos a serem desenvolvidos em uma Unidade de Conservação. Esse Plano é uma contribuição interdisciplinar que explicita um programa para a manutenção do Parque.

Esse trabalho, desenvolvido a partir de um diálogo próximo com a Associação, se propõe como a elaboração de uma proposta que responde à questão: como preservar o Parque e reconhecer as diferentes potencialidades do projeto de Brasília. Para tal propõe-lhe partido da sua proximidade ao Eixo Monumental para disponibilizar a essa disputa, os meios dos quais dispõem a Arquitetura.





Atividades Ilegais no Parque
Facebook - Associação do Parque Ecológico das Sucupiras - e-PEDS

EXTREMOS

05



"EXPANSÃO DO SUDOESTE? IGNORAM AO TOMBAMENTO"

08



"Preservar as florestas e reflorestar as cidades"
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

---

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

BELEZA: UM BRASIL-ZERO

Evoca-se a ideia de um "mosqueiteiro", uma solução precária – gambiarra – cuja forma e construção denunciam sua qualidade paliativa. A proposta de um "memorial-vivo" para o Cerrado, adota uma expressão contraditória para expressar uma contradição: ainda que esse bioma já não exista como "natureza natural" no Plano Piloto, ele não poderá existir como uma natureza fabricada (como de resto é também o caso da ideia de natureza-natural).

A crise climática, associada ao conjunto de tragédias 'mata-ou-morre-naturais' que são as queimadas ou as enchentes, representam um perigo existencial para as cidades brasileiras em grande escala. Esse projeto quer pautar como intervenções urbanas que tentam um horizonte temporal limitado podem acarretar a pressa e a economia de meios que esse horizonte impõe. Ao mesmo tempo, a ideia de ruína, tão presente nas imagens icônicas que pera sua ilpetrnos, se coloquem a disposição de instâncias populares de disputa pelo território de maneira a dar espaço e forma a maneiras alternativas de construção da cidade.







EXTREMOS

"Preservar as florestas e reflorestar as cidades"
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

09

---

onde há fumaça, há fogo

PARQUE ECOLÓGICO DAS SUCUPIRAS: MEMORIAL VIVO DO CERRADO

EXTREMOS: PRESERVAR O CERRADO E CERRAR BRASÍLIA

A Proposta do Parque das Sucupiras não se propõe integralmente enquanto uma solução-modelo para as questões de Preservação e Ocupação das Bordas urbanas. Ela é específica demais para isso. Mas a sua importância no que diz respeito ao conjunto das urbanizações mesmo no território que corresponde à cidade de Brasília. Entretanto, a proposta pode enseja um conjunto de perguntas e estudos.

"Preservar florestas e reflorestar cidades" é um tema que permite questionar: Como se dá a relação entre as florestas e as cidades? Onde os fluxos de floresta existem nas nossas cidades? Se tanto umas quanto outras são objetos bem definidos e encerrados em si, o quanto de floresta e, por exemplo, o Parque das Sucupiras? Se, por um lado, ele tantas vezes foi acossado por fogo e desmatamentos deliberados, por outro, ele é ponto de apoio para diversas "florestas" e "socias" enquanto isntopatim ecológico, porque é fonte de disputa.

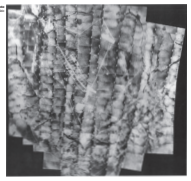
Nesse sentido, discutir sobre a existência do Parque Ecológico das Sucupiras também passa por pensar cada ponto de interesse para os diferentes sistemas que convivem nos ambientes urbanos como potenciais focos de floresta. Para tal é preciso considerar vários movimentos por "preservação" ambiental podem, de maneira complementar, ser considerados como "florestas" em si, ou seja, como focos de disputa. Isso pode significar, tal tanto uma contaje quanto uma necessidade de fazer coincidir os sistemas de cidade e floresta. Entendidas assim, com recurso às ferramentas dos diferentes campos do conhecimento (inclusive da arquitetura), pode-se promover a urgente reproposição dos temos do debate e oferecer ferramentas concretas para sua disputa.



suportes



limite



Fotogrametria Plano Piloto
Autor desconhecido

EXTREMOS

"Preservar as florestas e reflorestar as cidades"
Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

10